

CONGREGAÇÃO DOS SERVOS DA CARIDADE

Pelos caminhos do coração

A formação dos Servos da Caridade

RATIO FORMATIONIS

Roma 2006

Abreviaturas e Siglas

- c** = cânon *Código de Direito Canônico*, 1983.
- C** = *Constituição dos Servos da Caridade*, Roma 1986.
- SaC** = PAULO VI, Carta Encíclica *Sacerdotalis caelibatus*, 1967.
- DMP** = CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e para a vida dos presbíteros*, 1994.
- DV** = Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, 1965.
- GS** = Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 1965.
- ICD** = CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrução acerca dos critérios de discernimento vocacional a respeito das pessoas com tendências homossexuais em vista da sua admissão ao Seminário e às Ordens Sagradas*, 2005.
- LG** = Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 1964.
- NMI** = João Paulo II, Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 2001.
- PC** = Concílio Vaticano II, Decreto *Perfectae Caritatis*, 1965.
- PCS** = CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *As pessoas consagradas e a sua missão na escola. Reflexões e orientações*, 2002.
- PdV** = JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, 1992.
- PEG** = FILHAS DE SANTA MARIA DA PROVIDÊNCIA - SERVOS DA CARIDADE-COOPERADORES GUANELLIANOS, *Documento Base para os Projetos Educativos Guanellianos*, Roma 1994.
- PI** = CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Potissimum Institutioni*, Roma 1990.
- PO** = Concílio Vaticano II, Decreto *Presbiterorum Ordinis*, 1965.
- R** = *Regulamentos Gerais dos Servos da Caridade*, Roma 1986.
- RdC** = CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Partir de Cristo*, 2002.
- RC** = CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Renovationis Causam. Instrução sobre a formação Religiosa*, 1965.
- SC** = Concílio Vaticano II, Constituição *Sacrosanctum Concilium*, 1963.
- VC** = JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Vita Consecrata*, 1996.
- VfC** = CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A vida fraterna em comunidade*, 1994.
- VS** = JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, 1993.

DECRETO DE PROMULGAÇÃO DA RATIO FORMATIONIS para os SdC.

A formação para a vida consagrada guanelliana encontra nesta Ratio Formationis uma guia segura e prática, que pretende expressar e desenvolver, de maneira orgânica, o conjunto dos princípios e normas da formação que se encontram na Constituição, no Regulamento e no Documento base para projetos guanellianos.

Ela estabelece as modalidades operativas de caráter normativo e apresenta as condições, as escolhas pedagógicas e os procedimentos que devem caracterizar a formação em nível geral.

Ela se fundamenta sobre o nosso carisma específico e, portanto, torna-se instrumento de identidade e de unidade para toda a Congregação; recolhe, além disso, as orientações eclesiais e alcança as ciências humanas oferecendo caminhos de formação integral válidos para todos, que devem, porém, ser desenvolvidos segundo as exigências do próprio contexto cultural. Fruto de um longo caminho de reflexão e de colaboração de vários coirmãos durante estes últimos dois sexênios, ela foi aprovada pelo XVIII Capítulo Geral, que delegou ao Superior geral e seu Conselho a sua promulgação, depois de ter acrescentado alguns elementos sugeridos pelo próprio Capítulo.

Portanto, obtida a aprovação do Conselho geral, com a autoridade que me é concedida, através do presente **D E C R E T O**

Na data de 24 de outubro de 2006, festa do Bem-aventurado Fundador Padre Luís Guanella

P R O M U L G O

o Documento “Pelos caminhos do coração – A formação dos Servos da Caridade”, que deverá ser observado como texto normativo, por toda a Congregação.

Expressando a gratidão de toda a Congregação à todos aqueles que contribuíram na elaboração do Documento, faço votos que possa agradar a todos –coirmãos, formandos e comunidade- para que juntos possamos chegar ao pleno cumprimento da nossa vocação.

Confio à Virgem Maria, Mãe da Divina Providência, este texto fundamental para a vida do Instituto, afim de que seja ela a inspirar, sustentar e conduzir a nossa formação.

Roma, 24 de outubro de 2006.

Pe. Alfonso Crippa
Superior geral

APRESENTAÇÃO DA RATIO FORMATIIONIS para os SdC

Caríssimos coirmãos

Em nossa vida temos acolhido com alegria o dom da vocação e nos temos empenhado em desenvolvê-lo com generosidade e em participá-lo aos outros.

Com a mesma gratidão acolhemos este instrumento de graça que “pelos caminhos do coração” nos aponta o caminho da nossa fidelidade a ser renovada continuamente no decorrer da nossa existência de consagrados para o Reino.

O texto pretende responder à uma prioridade da Congregação, que é a formação dos seus membros, para manter-nos em constante tensão espiritual e assim responder fielmente ao projeto de santidade que o Senhor tem sobre cada um de nós e sobre as nossas comunidades, em resposta criativa às mudanças culturais e às urgências da evangelização.

Acrescenta-se assim um novo importante elemento ao patrimônio já bem consolidado dos nossos textos Congregacionais, do qual receberemos novo impulso para aquela renovação que a Igreja, a partir do Vaticano II, solicitou aos religiosos e aos sacerdotes.

Nestes últimos decênios alguns aspectos da nossa vida e da nossa vocação foram objeto de novas recomendações, entre as quais: a prioridade da formação permanente, a complementariedade e reciprocidade das vocações na Igreja, o valor da vida consagrada como principal força para a missão, o assumir novos modelos e dinamismos em nossa vida comunitária, os modelos antropológicos que influem sobre a compreensão da própria vida religiosa. São todos elementos novos que encontram resposta em nossa Ratio e a tornam um texto de atualidade, fonte de inspiração para responder aos desafios que a história humana continuamente coloca em nossa frente.

O texto é fruto de um longo e paciente período de reflexão, de confrontação, de aprofundamento e de experiências.

O XVII Capítulo geral já havia aprovado ad experimentum uma primeira edição e havia solicitado uma posterior revisão e complementação, à luz do nosso patrimônio carismático e pedagógico.

O XVIII Capítulo geral teve a oportunidade de visualizar um novo texto, fiel nos conteúdos da edição anterior e com uma forma estrutural e estilística diferente. Aprovando este novo texto, autorizou ao Conselho geral, tendo presentes algumas sugestões surgidas no próprio Capítulo, de promulgá-lo e publicá-lo como Documento normativo para todos os Servos da Caridade.

O Documento, expondo o nosso plano geral de formação e oferecendo os conteúdos essenciais do processo formativo, quer garantir a unidade da Congregação, que funda-se sobre o carisma como princípio unificador e sobre a tradição que reforça o nosso sentido de pertença.

Ao mesmo tempo quer servir de orientação e de estímulo para os coirmãos e os responsáveis pela formação na sua tarefa de inculturar o processo formativo segundo as exigências do próprio contexto cultural.

Certamente devemos reconhecer que este texto reflete a experiência e os critérios de interpretação do mundo ocidental. Mas isto não compromete o valor do Documento, que tem o seu fundamento sobre os princípios antropológicos e evangélicos universais e obtém a sua riqueza da nossa história particular na qual também as jovens gerações pertencentes à culturas diferentes deverão referir-se para assimilar o carisma e para desenvolver o seu sentido de pertença.

Nos seus elementos essenciais é um serviço à unidade da Congregação para todos viverem a única vocação religiosa guanelliana, na diversidade e riqueza das suas expressões concretas.

A “Ratio Formationis” se dirige:

- a todos os coirmãos, para que se empenhem, com uma conduta formativa permanente, em manter vivos o impulso, a fidelidade vocacional e a disponibilidade para a renovação;*
- de modo específico aos jovens e aos coirmãos em formação, para que encontrem nos elementos fundamentais da nossa identidade o estímulo para construir o seu projeto pessoal que dê pleno sentido à sua vida, em resposta ao chamado do Senhor;*
- aos responsáveis do Governo e aos formadores, para que, através da sua obra de animação e de formação, saibam transmitir o carisma do Padre Luís Guanella adaptando-o às diversas situações de pessoas e de contextos culturais aos quais a Congregação se dirige.*

Além de ser um documento fundado sobre critérios e motivações profundas e que oferece instrumentos concretos para realizar um processo formativo integral, o Documento deve ser acolhido com uma grande disponibilidade de coração capaz de nos transformar interiormente.

Maria, Mãe da Divina Providência, e o Bem-aventurado Fundador nos conduzam e nos sustentem neste compromisso.

Roma, 24 de outubro de 2006, festa do Bem-aventurado Luís Guanella.

Pe. Alfonso Crippa
Superior geral

PREMISSA

A partir do Fundador

1. Aos setenta e dois anos de idade, o Padre Luís Guanella, sob insistência dos seus primeiros discípulos, faz memória daquilo que a Divina Providência realizou no seu existir humano, cristão, sacerdotal e religioso.

Narrar esses fatos torna-se para ele algo altamente espiritual, tanto que das memórias autobiográficas emerge progressivamente o sentido de uma direção já impressa e a ser impressa ainda mais: uma história que começou e deve continuar.

O Pe. Luís percebe nela *os caminhos da Providência*¹, nas alegrias e nas dores, na luz e na escuridão. Nas suas recordações estão os traços do Mistério de Deus nos acontecimentos da sua pessoa e das suas obras de caridade (cf: Ef 3,3; PdV 46) e, sempre, resulta decifrável o mistério da santidade, como ação toda divina e toda humana.

Uma história a ser continuada

2. O Fundador interrompe improvisamente a sua narrativa autobiográfica. Não se sabe se a quis deixar assim, como um discurso suspenso, ou como um caminho que ele, ou alguém por ele, algum dia devia retomar com toda naturalidade. Sabe-se, porém, que tantos outros quiseram seguir as suas pegadas, consagrando a Deus a sua vida, como instrumentos de Providência pelos caminhos do mundo. São os Servos da Caridade, que pelo amor de Cristo, na simplicidade e alegria de coração, colocaram-se no seu seguimento e consumiram a sua vida no serviço aos pobres. Assim, o ideal evangélico da caridade, santamente vivido pelo Pe. Luís Guanella, foi dado à história e a todos nós.

Seguindo o Senhor Jesus

3. A caminho com a Igreja e em comunhão com os santos (cf. C 6-8), juntamente com o Fundador somos enviados aos pobres (cf. C 3). Propensos a alcançar o *estado de homem perfeito, na medida que convém à plena maturidade de Cristo* (Ef. 4,13), cultivamos a *alegria de sermos amados por Deus, Pai bondoso e misericordioso, e de poder amar a exemplo do seu Filho, que se fez servo por amor*.

Cada dia, por isso, nos tornamos disponíveis ao projeto do Pai e renovamos o nosso “sim”, desejosos de seguir Jesus Cristo no serviço dos irmãos mais necessitados.

Dom e mistério

4. A nossa vida consagrada, como aquela do Fundador, é dom e mistério. No início da nossa história vocacional agiu em nós o mistério da eleição divina (cf. Jo. 15,6; Jr. 1,5) e um dom que transcende infinitamente a nós mesmos (cf. 2Tm. 1,9).

Trata-se de uma história que tende a formar em nós o homem novo e que, por isso, visa à santidade na conformação a Cristo. Uma história feita de momentos progressivos e de objetivos diferenciados, unidos entre si, segundo as etapas da existência pessoal.

Sentido da formação inicial e permanente

5. A formação refere-se ao passado, ao presente e ao futuro tanto de cada pessoa como das comunidades, e envolve profundamente a Instituição. É Formação *inicial* para todos os que querem tornar-se Servos da Caridade, e é *permanente* para aqueles que continuam a sê-lo, em um dinamismo progressivo de fidelidade (cf. VC 69-70).

6. Pelo fato que toda a vida consagrada é em si mesma um contínuo vir a ser (cf. C 84), *a formação permanente é o horizonte de toda a formação*².

¹ Cf. L.GUANELLA, *Os Caminhos da Providência. Memórias autobiográficas*, 2ª ed., Nuove Frontiere, Roma 2003, p. 7.

² A formação permanente não é o que vem depois da formação inicial, mas o princípio que a inspira e a precede, qual prospectiva originária e qual objetivo final.

Ministério que medeia o Mistério

7. A formação é, antes de tudo, *ministério*: serviço fraterno, oferecido desde o início a quem descobre em si mesmo um desígnio que vem do Alto. Porém, mais ainda é *mistério*: ação divina que o Pai conduz com o poder do Espírito para formar, naqueles que chama, a imagem do Filho. É ministério que medeia o Mistério.

Ação educativa e formativa

8. A *ação educativa* visa fazer emergir a verdade de cada um de nós, enquanto a *ação formativa* tende a tornar-nos sempre mais conformes ao Senhor Jesus (cf. C 83), porque, a exemplo do Fundador, nos dispomos a acolher as riquezas do seu Coração e dele tirar uma nova sensibilidade em socorrer os pobres (C 2).

Jesus, bom Pastor e piedoso Samaritano é para nós o ideal e a forma da nossa consagração. Para alcançar esta finalidade exige-se um caminho de crescimento humano, espiritual e carismático direcionado a desenvolver a nossa vocação guanelliana.

O *progredir na conformidade a Cristo com a prática fiel dos votos* (C 96) nos dispõe a louvar a Deus e a servi-lo nos pobres (cf. C 29.63.69), nas fadigas e na doação da vida apostólica.

Obra do coração

9. Convictos de que Deus Pai, *em cada tempo e em cada ocasião, nos educa com força e ternura* (PEG 7), estamos conscientes que o nosso crescimento *acontece sempre através da apropriação pessoal dos conhecimentos e dos valores* (PEG 18). Tal apropriação não é um fato exterior, mas é *especialmente obra do coração* (PEG 18), como confirmam a nossa experiência e as ciências humanas.

Por um projeto formativo

10. Através de uma lenta gestação, realiza-se um projeto divino sobre nós e sobre o nosso Instituto, num contínuo processo evolutivo, a consagração religiosa guanelliana em cada momento se torna formação.

Tal consciência nos impele a traduzir o nosso precioso dom carismático num plano geral de formação, qual método pedagógico que, *pelos caminhos do coração* (PEG 31) e ao longo de toda a existência, conduza à plena consagração a Deus.

Compromisso prioritário do Instituto

11. O nosso Instituto *coloca entre os seus compromissos primários o dever de assegurar aos próprios membros uma sólida formação: desta, de fato, dependem em grande parte o desenvolvimento harmônico da pessoa, o vigor apostólico e a unidade do Instituto. Acolhe como dom de Deus os novos filhos e, a exemplo de Jesus que preparou os discípulos para a missão, educa a sua mente e o seu coração* (C 82).

A formação para a vida consagrada é, juntamente, obra de Deus que cria e plasma; e obra do homem que livremente e com amor colabora para ser modelado por Deus. Trata-se pois de uma ação complexa porque envolve Deus, o Instituto e todos os que são chamados a pertencer a ele. Daqui surge a urgência de definir um texto pedagógico-carismático e sistemático-normativo, como é a *Ratio Formationis* (cf. VC 68).

Destinatários da Ratio

12. O projeto formativo, em forma clara e dinâmica, dirige-se em primeiro lugar a *todos os coirmãos*, como membros constitutivos da Congregação, seja como *indivíduos*, seja como *comunidade*. A título especial, são destinatários os *Superiores do Instituto*, segundo o grau de responsabilidade que eles têm na nossa família religiosa. Com particular atenção, o texto é confiado aos *formadores* e aos *candidatos à vida consagrada guanelliana*.

Estrutura do texto

13. A complexidade da ação educativo-formativa implica na participação de múltiplos componentes, que caracterizam a estrutura da nossa Ratio:

- um *Quadro de referências*,
- uma rede de *Mediações pedagógicas*,

- uma *pluralidade convergente de Dimensões e níveis*,
- os *Dinamismos pedagógicos de base*,
- as *Etapas formativas*.

A possibilidade e a qualidade de uma formação integral estão ligadas à presença dos primeiros quatro elementos e à harmonia com que se compõem em cada etapa formativa.

A. Quadro de referências

14. O *Quadro de referência* não é apenas de natureza ideal e teórica, mas é também prática, teológica e antropológica. Ali são definidas as finalidades do processo formativo, como também os objetivos gerais, a metodologia, os critérios operativos, os meios, o estilo formativo e as etapas.

B. Mediações pedagógicas

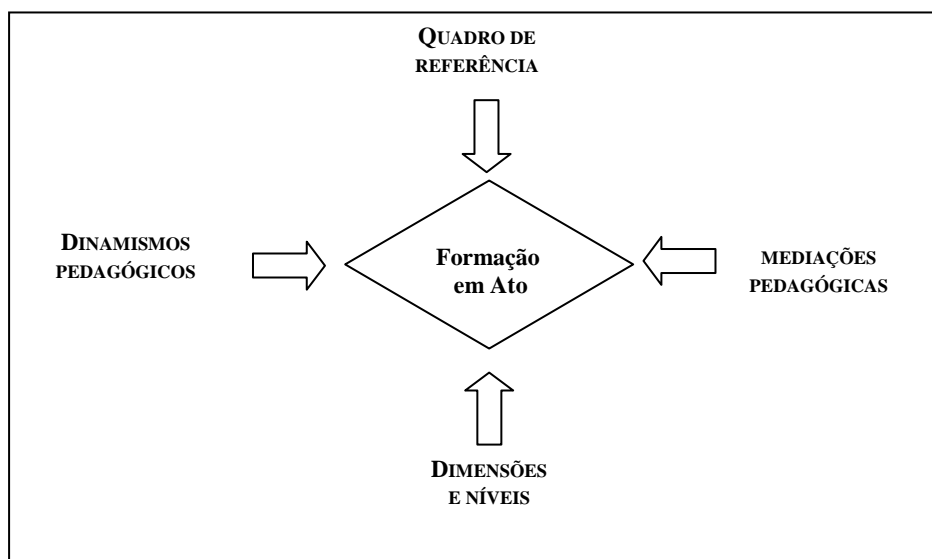
15. As *Mediações pedagógicas* compreendem, antes de mais nada, a obra da Graça de Deus, e depois, a ação da Igreja, do Instituto, da comunidade formadora, da comunidade educativo-pastoral local, dos formadores, da própria pessoa e do contexto cultural e apostólico.

C. Dimensões e níveis

16. O nosso projeto formativo se articula numa pluralidade convergente de *dimensões e níveis*, no sentido de atenções para áreas e conteúdos diversos, como por exemplo, a dimensão cristã e carismática, a dimensão humana, cultural, afetivo-sexual, a passagem da fase do conhecimento para aquela da experiência, o nível emotivo, intelectual e volitivo, pessoal, comunitária e social. Nos referimos, em particular, à dimensão humano-afetiva, espiritual e carismática.

D. Dinamismos pedagógicos

17. O dinamismo da formação gira em torno de três tipos de intervenção, expressas pelos verbos que nos indicam o fenômeno pedagógico: *educar, formar e acompanhar*³.



A formação em ato, para cada Etapa

³ Doravante, utilizando os termos *formação, educação, ação educativa e formativa, processo – compromisso formativo* e sinônimos, entendemos referir-nos à única ação em que se integram aspectos educativos, formativos e de acompanhamento.

1. QUADRO DE REFERÊNCIA

Convergência de elementos inscritos no nosso patrimônio

18. A teologia da vocação, a antropologia guanelliana e a nossa história constituem o *Quadro de referência* da ação educativa. Ele configura o conjunto dos princípios e dos fundamentos inscritos no patrimônio carismático da Congregação. Além disso, confere uma característica guanelliana ao inteiro processo formativo: finalidades, objetivos, metodologia, estilo educativo, critérios operativos, meios formativos e etapas.

1.1 PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS

Nos textos normativos da Congregação

19. Os princípios teológicos estão contidos prevalentemente na nossa *Constituição*; e os antropológicos no *Documento base para projetos educativos guanellianos*.

A pessoa humana

20. Os nossos textos, à luz da revelação cristã, sublinham a dignidade do homem criado à imagem e semelhança de Deus. Neles se afirma que cada pessoa – única e irrepetível – é amada por Deus e é capaz de amar, por isso, dotada de faculdades cognitivas e volitivas, se define essencialmente em relação com Deus e com os outros. Neles se atesta também que em Jesus Cristo cada indivíduo, mediante o Batismo, recebe a graça de tornar-se filho de Deus e de podê-lo chamar no Espírito: *Abbá, Pai!* (Rm 8, 15; Gl 4,6; Jo 1,12; 1Jo 3,1-2).

Família de irmãos a caminho rumo ao Pai

21. Na visão antropológica do Fundador o homem é chamado a formar ao redor de Cristo uma família de irmãos unidos no vínculo da caridade, a caminho rumo ao Pai. O Pe.Luís sentia, como sua vocação e missão, o compromisso de privilegiar, entre todos, os mais pobres e proclamar no mundo a primazia da caridade.

Na lógica do dom à imitação de Jesus

22. Participantes do seu carisma, nos sentimos chamados a transcender nós mesmos na lógica do dom. À imitação de Jesus, cada um tende a superar os limites de *si* no mandamento do amor (Jo 15,12).

Em comunhão com os pobres

23. Descobrimos nos irmãos mais pobres valores e recursos morais e espirituais de grande eficácia para um mundo segundo o desígnio de Deus (PEG 5); *na sua condição representam mais de perto Jesus Cristo humilhado e sofredor [...] e são o seu sinal mais eloqüente* (PEG 6; cf. C 64).

Com vocação específica

24. O Servo da Caridade vive o dom de si mesmo na forma de vida consagrada: segue Jesus como o seu único bem e deixa tudo para estar com Ele; coloca a caridade como centro da sua existência, disponível a ser enviado para edificar no mundo o Reino de Deus (cf. C 39-40).

Em plenitude de humanidade

25. O ponto de partida da nossa vida consagrada é uma opção fundamental que se exprime no *confiar-se a Cristo* e em *crer* no Evangelho. Olhamos para a humanidade do Filho de Deus, *imitando mais de perto a sua forma de vida* (VC 14), para assimilar os sentimentos que teve para com o seu Pai (VC 65.66).

Ele, que *trabalhou com mãos de homem, pensou com mente de homem, agiu com vontade de homem, amou com coração de homem* (GS 22), orienta a nossa vontade para aquilo que é bom, a

nossa mente para aquilo que é verdadeiro, o nosso coração para aquilo que é belo e santo. O *seguimento de Cristo* torna-se por isso motivo de alegria e de plena realização humana.

Valores que dão forma à consagração

26. À luz da revelação cristã e do que diz a Constituição, os valores evangélicos que dão forma guaneliana à nossa consagração podem ser assim delineados:

- animados pelo *Espírito de caridade*,
- vamos ao *Pai*,
- seguindo *Cristo*,
- em comunhão de *irmãos*,
- e com os *pobres*,
- participantes da vida e da missão da *Igreja*,
- acompanhados pela *Virgem Maria*,
- pelas estradas do *mundo*.

Tais valores os vivemos como *Clérigos ou Irmãos*, na forma de *vida casta, pobre e obediente* que Cristo escolheu para Si e propôs aos discípulos.

Os religiosos sacerdotes e os diáconos *associam às tarefas da vocação religiosa aquelas que são próprias da Ordem sagrada* (C 76). Os religiosos Irmãos *oferecem à missão a sua capacidade, experiência e profissão, tudo animado pelo testemunho evangélico* (C 76).

Dinamismos de crescimento

27. Se por um lado nos damos conta de sermos orientados para os valores, por outro lado compreendemos a necessidade de captar a característica tipicamente humana da resposta vocacional, que faz apelo à liberdade de coração, ao domínio de si e à responsabilidade.

Para tornar sempre mais autêntica a resposta de amor a Deus e aos pobres, entram em jogo mecanismos humanos que, sustentados pela fé, deverão harmoniosamente evoluir. Por isto assumimos um *Quadro de referência* que leva em consideração a pessoa, capaz tanto de transcender-se, quanto de deixar-se bloquear pelos seus condicionamentos.

Em tensão

28. Cada um de nós, como cada pessoa, experimenta a *tensão* entre aquilo que é e aquilo que é chamado a ser, entre bem e mal (cf. Rm 7,15), entre os valores que a pessoa pretende abraçar e as necessidades que poderiam obstaculizá-la, entre o homem velho e o homem novo (cf. Ef 4,17-24), entre frutos do Espírito e obras da carne (cf. Gl 5, 16-22).

O homem *“traz em si o germe da vida eterna e a vocação a fazer próprios os valores transcendentais; ele, porém, fica interiormente exposto ao risco de falir a própria vocação, por causa de resistências e dificuldades que ele encontra no seu caminho existencial seja a nível consciente, onde é chamada em causa a responsabilidade moral, seja a nível subconsciente”*⁴.

Formar a liberdade

29. A tensão entre os ideais e a situação da pessoa, sendo ontológica, não está presa a esta ou àquela cultura, ou idade ou tempos. É preciso, por isso, *formar a liberdade*, para que a pessoa se torne sempre mais capaz de escolher e viver autenticamente os valores, sob pena da não realização de si mesmo.

Entre a natureza e a graça

30 Devem resplandecer simultaneamente o amor gratuito de Deus e a liberdade do homem. *Graça e liberdade não se opõem entre si. Ao contrário, a graça anima e sustenta a liberdade humana, libertando-se da escravidão do pecado, purificando-a e elevando-a nas suas capacidades de abertura e de acolhida do dom. E se não se pode atentar contra a iniciativa absolutamente gratuita*

⁴ JOÃO PAULO II, *Discurso aos oficiais e advogados do Tribunal da Rota Romana por ocasião da abertura do ano judiciário, 25 de janeiro de 1998.*

de Deus que chama, também não se pode atentar contra a extrema seriedade com a qual o homem é desafiado na sua liberdade (PDV 36).

Um equilíbrio necessário

31. A experiência dos condicionamentos ligados à natureza humana exige um assíduo trabalho sobre si mesmo para transformar em potencialidades positivas as próprias fragilidades. Ao mesmo tempo, a graça de Cristo, elevando as potencialidades que a pessoa traz em si, contribui para atuar o necessário equilíbrio exigido pela própria vocação.

A extrema seriedade deste desafio leva a não admitir à vida consagrada e sacerdotal indivíduos de insuficiente equilíbrio psicofísico e moral, e a não pretender que a graça o substitua.

1.2 FINALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO

Conformação a Cristo

32. A finalidade da vida consagrada *consiste na configuração ao Senhor Jesus e à sua total oblação; é sobretudo a isto que deve visar a formação (VC 65)*. Todo o processo formativo, portanto, tende a modelar-se sobre Ele, assumindo o Evangelho como nossa suprema regra de vida, à luz do espírito do Instituto e na observância da Constituição (cf. C 83).

Sentimentos de caridade filial e misericordiosa

33. Trata-se de *um itinerário de progressiva assimilação dos sentimentos de Cristo (VC 65)*. À exemplo do Pe. Luís Guanella, buscamos vivê-los *no abandono filial a Deus e na misericórdia evangélica para com os pobres (C 9)*. Em particular, fazemos nossos os traços da *benevolência, compaixão e solicitude* (cf. PEG 32-34) que foram de Jesus bom Pastor e piedoso Samaritano.

Plenitude de humanidade e santidade

34. Jesus Cristo é para nós modelo de *plenitude de humanidade* para a qual tender: o seu jeito de ser e de amar, de pensar e de servir dá cumprimento à *nossa vocação universal à santidade (LG 40)*.

1.3 OBJETIVOS FORMATIVOS

Objetivos e conteúdos

35. Para interiorizar os sentimentos de Jesus e exprimir preeminentemente a *caridade misericordiosa (C 76)*, buscamos *objetivos* intermédios relativos ao ser homem, crente e consagrado. Tais objetivos exigem o aprofundamento de *conteúdos* específicos, que nas diversas etapas formativas favorecem o crescimento na vocação.

Dimensão humana

36. Com referência à dimensão humana, seja em nível pessoal, seja na relação com Deus e com os outros, a formação pretende ajudar:

- o *conhecimento* e a *aceitação de si mesmo*,
- a *educação da liberdade*,
- a aquisição sempre mais consistente das virtudes,
- o desenvolvimento de uma *suficiente maturidade de coração, mente e vontade*.

Dimensão espiritual

37. Quanto à dimensão espiritual, a formação visa:

- desenvolver a *consciência* do amor de Deus e a *capacidade de corresponder-lhe*;
- reavivar a *opção pela conformação* a Jesus Cristo;
- favorecer um adequado processo de *conversão*;
- aperfeiçoar o *amor* e a *fidelidade à Igreja*;
- fazer crescer nas *virtudes morais e teológicas*.

Dimensão carismática

38. Quanto à dimensão carismática, a formação busca:

- desenvolver a *identidade* do consagrado Servo da Caridade,

- edificar o *sentido de pertença* à família guanelliana.

Para tal finalidade, se dedica a:

- favorecer a experiência mística na *docilidade ao Espírito*,
- consolidar o *caminho ascético*,
- qualificar o *ministério apostólico na missão*.

1.4 MODELOS DE REFERÊNCIA

O nosso caminho

39 A nossa pedagogia encontra específica inspiração em alguns *modelos de referência*, a serem conhecidos e amados, que nos indicam o *caminho* a ser percorrido rumo à finalidade formativa (cf. PEG 7-13).

Deus Pai

40. A ação formativa se refere, antes de tudo, a Deus Pai, *providente e misericordioso*, que com paciência nos reúne com vínculos de amor ao redor do seu Filho Jesus como família de irmãos. *Esta admirável pedagogia divina, não somente inspira toda a nossa ação educativa, mas constitui o seu fundamento e origem: Deus, que se revela e age como um pai que ama, nos impele a fazer deste amor a finalidade da nossa vida* (PEG 7)

Jesus bom Pastor e piedoso Samaritano

41. Olha, depois, a Jesus Cristo como *bom Pastor e piedoso Samaritano*, que, revelando plenamente o amor misericordioso do Pai, vai ao encontro dos seus irmãos, os socorre até ao dom da sua própria vida e os conduz ao Pai.

Espírito vivificante

42. Reconhece, além disso, o Espírito Santo como *princípio vivificante* que impele as pessoas rumo ao seu pleno desenvolvimento, tornando-as por sua vez testemunhas e animadoras dos valores evangélicos.

Com a sua *presença santificadora*, Ele plasma o coração da pessoa para uma *comunhão* sempre mais intensa, para com o Pai e para com os irmãos.

A Trindade

43. A Trindade é o nosso *supremo modelo de comunhão*. Nela buscamos a *fonte daquela caridade que constitui a alma da nossa missão educativa e encontramos tanto o princípio como o modelo daquela comunhão que queremos realizar em nossas instituições* (PEG 10).

A Virgem Maria

44. Seguindo a experiência do Fundador e o magistério da Igreja, nos inspiramos na Virgem Maria, *serva obediente* do Pai e nossa Mãe. O Instituto, *do seu cuidado e solicitude de caridade, tira o modelo de vida e de ativo serviço aos pobres* (C 35).

A Família de Nazaré

45. Outro modelo, ao qual a pedagogia guanelliana se inspira, é a *família cristã*. Ao olhar para a família, *pretendemos referir-nos aos valores universalmente válidos que pertencem ao projeto desejado pelo Criador, que a santa Família de Nazaré viveu de maneira exemplar* (PEG 12).

O Fundador

46. Os modelos inspiradores, acima descritos, os vemos encarnados no Fundador. Ele se apresenta a nós como *filiamente abandonado aos desígnios divinos* e como *evangelizador dos pobres*. O seu exemplo nos impele ao amor de Deus e ao cumprimento fiel da nossa missão.

Os Santos da Caridade

47. Tomamos como modelo também os Santos da caridade, em particular os *padroeiros da Congregação*: São José, São João Bosco, São José Bento Cottolengo, São Pio X, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Ávila, São Camilo de Lélis, São Luís Gonzaga, São Jerônimo Emiliani, São Caetano de Thiene, Santo Antônio de Pádua, (cf. R 32-33). Com alegria seguimos as pegadas dos

santos da nossa família religiosa, tais como a Bem-aventurada Clara Bosatta e o Servo de Deus Aurélio Bacciarini.

1.5 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Um caminho, um método

48. O processo formativo é *um caminho* em que se percorre juntos rumo à maturidade: *cada um alimenta a própria identidade, mantém o próprio cargo e a própria função, e todos se ajudam e se sustentam mutuamente* (PEG 17). E é também *um método* que, no crescimento vocacional, nos leva a assumir os sentimentos de Cristo (cf. VC 65.68).

Um projeto

49. O itinerário pedagógico é pensado como um *projeto global, orgânico e coerente*, que se refere simultaneamente aos indivíduos a serem formados, à comunidade, aos formadores e à proposta formativa, *adequado* à idade, às situações e aos níveis de amadurecimento alcançado.

E sendo que o processo formativo não sempre acontece de modo harmônico e integral, o projeto, mais que limitar-se a comunicações prevalentemente verbais (de palestras, cursos, estudos), deve favorecer experiências formativas que tocam a vida para uma *apropriação pessoal dos conhecimentos e dos valores* (PEG 18).

Um modelo evolutivo

50. Sob esta ótica colocamos na base do empenho formativo um modelo evolutivo, que respeita a pessoa na sua complexidade.

Concretamente, em vista de uma identidade suficientemente madura, também em nível vocacional, devemos estar atentos:

- à *real situação da pessoa*;
- aos *dinamismos de crescimento integral* que, em modos e com ritmos diversos, tende para um equilíbrio de crescimento sempre maior;
- ao *processo de mudança progressiva e constante*, por toda a vida;
- à *realidade histórica e cultural* na qual se desenvolve a existência.

Caridade de coração

51. O nosso método formativo *centraliza tudo sobre a caridade, considerada pelo Pe. Luís Guanella 'regra infalível de pedagogia religiosa', isto é, de uma pedagogia que se inspira no estilo educativo de Deus* (PEG 22)⁵. A caridade crê na força da vida, vê o bem também lá onde está escondido, espera nos caminhos da Providência e confia na educabilidade de cada pessoa e segue os caminhos do coração (cf. PEG 31).

1.6 CRITÉRIOS OPERATIVOS GERAIS

Cré debates operativos

52. O nosso itinerário formativo utiliza precisos *cré debates operativos*, que podem ser assim apresentados:

- Pão e Senhor,
- Primazia do coração,
- Sadio realismo,
- Valorização do cotidiano,
- Gradualidade e continuidade,

⁵ A caridade é a alma e a energia que lhe dá fecundidade: origina os elementos essenciais da nossa metodologia pedagógica, suscita e informa as disposições interiores e os comportamentos nas relações interpessoais, plasma o clima do ambiente e determina os critérios operativos gerais (PEG 22). A ação formativa, assim, é uma relação em que se oferece ao outro um constante e cordial acompanhamento para conseguir os valores e uma ajuda para as suas necessidades.

- Atenção ao contexto sociocultural,
- Atenção preferencial para os mais frágeis,
- Participação ativa na missão formativa.

Pão e Senhor

53. Com a expressão *Pão e Senhor*, o Fundador nos confia o compromisso de promover as pessoas quer no plano natural quer no sobrenatural.

Este binômio exprime o *critério da totalidade*. Por inspiração carismática somos chamados a amar o Senhor com todo o coração, com todas as forças e com toda a mente e o próximo como a nós mesmos.

Assim, percorrendo a estrada de Jerusalém para Jericó (cf. Lc 10, 27-37), será nosso dever procurarmos juntos *Pão e Senhor* para partilhar com os irmãos e favorecer um harmonioso crescimento humano-cristão e carismático do formando (cf. PEG 14.42).

Primazia do coração

54. A nossa relação pedagógica nasce do coração e se desenvolve sobretudo *pelos caminhos do coração* (cf. PEG 31). Como dizia o Fundador⁶, *é especialmente obra do coração [...] no sentido que acontece no centro mais profundo de onde nascem sentimentos, ideais, intenções, projetos e decisões* (PEG 18). Mais do que as técnicas, para nós conta a abertura da mente e do coração, que nasce de uma benevolência iluminada pela fé.

Na nossa ação procuraremos, portanto, harmonizar a técnica e o amor, de modo que o amor seja a alma que dá vida à técnica e esta se torne um instrumento válido a serviço da força criadora do amor (cf. PEG 43).

Sadio realismo

55. Na elaboração e na atuação do projeto educativo nos empenhamos em avaliar os reais problemas da pessoa com *sadio realismo* (PEG 44), visando, com todo cuidado, à *personalização* do caminho formativo. Embora nos referindo às finalidades educativas na sua idealidade, desejaríamos evitar o risco de delinear uma figura de Servo da Caridade praticamente inalcançável, a ponto de desencorajar todo aquele que quisesse empreendê-lo.

Valorização do cotidiano

56. Importante é também a *valorização do cotidiano* nos seus acontecimentos e com os seus ritmos. *Por isto procuramos transformar em ocasião de crescimento seja a relação com os outros, como os acontecimentos, as coisas mais simples e cada experiência, mesmo aquela marcada pelo sofrimento ou pelo erro* (PEG 45).

Este critério abre a perspectiva da *integração do próprio passado*: a pessoa integrada não elimina as dificuldades, mas se empenha para fazer com que tudo gire em torno de Jesus Cristo: sentimentos, desejos, crises, projetos, paixões...

A caridade de Cristo, que nos atrai e nos revela o desígnio do Pai, torna-se o princípio catalisador de toda a vida.

Gradualidade e continuidade

57. A valorização do cotidiano e a integração da própria vivência acontecem com *gradualidade e continuidade*, por isso a formação nos coloca num caminho de progressiva configuração a Cristo. Existem passos a serem feitos em cada etapa da existência que devem levar em conta a idade, a experiência precedente e os níveis de maturidade.

Atenção ao contexto sociocultural

58. Enquanto atuamos as devidas medidas para a promoção da pessoa, nos preocupamos em conhecer e compreender o *contexto sócio-cultural*, para favorecer a interiorização dos valores da consagração guanelliana e predispor para a *valorização das diferenças* (cf. PEG 51-52).

⁶ Cf. L. Guanella, *Scritti per le Congregazioni*, 1039.

A nossa ação formativa tende a alcançar a universalidade do carisma com a especificidade das culturas, favorecendo um oportuno processo de *inculturação*⁷.

Atenção preferencial aos mais frágeis

59. Dirigimos uma *atenção preferencial para os mais frágeis*. *Quanto mais uma pessoa é miserável, desprovida de meios e privada de proteções humanas, tanto mais, deve ser preferencialmente recebida e ajudada por nós* (PEG 46. cf. VC 82).

Para o Pe.Luís Guanella a formação implica sempre um aspecto experiencial da missão. Assim que no final da formação inicial não se deve “entrar” na missão como se fosse um campo desconhecido, porque o pobre já foi encontrado e colocado à mesa conosco⁸.

Participação ativa

60. No compromisso formativo é necessário que *todos os membros da comunidade sejam ativamente envolvidos*, segundo a tarefa e as capacidades de cada um (cf. PEG 17). É também seu dever participar da *missão formativa da Igreja*, da qual são filhos (cf. PI 23).

1.7 ESTILO FORMATIVO

Atitudes e formas de relacionamento

61. O nosso estilo, além de, sobre princípios e métodos, apóia-se sobre determinadas atitudes interiores que conferem à ação formativa a marca da guanellianidade: a *benevolência*, a *compaixão evangélica* e a *solicitude* (cf. PEG 32-34).

A benevolência estimula a *circundar de afeto*, a *valorizar os dons de natureza e de graça* de cada um, e a *oferecer ricas e adequadas propostas educativas*. A compaixão leva a *prevenir, encorajar e acompanhar*. A solicitude impulsiona a *prodigalizar-se* e a *confiar na Providência* (cf. PEG 23-30). Ao mesmo tempo, serve-se de específicas modalidades relacionais tais como: *estima e respeito, confiança e otimismo, abertura e diálogo, simplicidade e alegria, suavidade e força* (PEG 35-38).

Um ambiente “guanelliano”

62. Princípios, atitudes e modalidades relacionais contribuem a permear os nossos ambientes de *familiaridade, empenho e serenidade, moralidade e religiosidade* (cf. PEG 39-41), que caracterizam o nosso estilo.

1.8 MEIOS DA FORMAÇÃO

Meios

63. Para alcançar os objetivos formativos recorreremos à alguns *meios* que a tradição cristã, a vida consagrada e a nossa família religiosa consideram de particular eficácia. Isto é:

- Palavra de Deus;
- vida litúrgico-sacramental;
- oração;
- direção espiritual;
- diálogo de crescimento humano;
- diálogos com os formadores;
- prática dos conselhos evangélicos;
- vida fraterna em comunidade;
- preparação cultural e profissional;
- trabalho;

⁷ Procuramos reler o Carisma Guanelliano à luz da história e da cultura local e de atualizá-lo numa específica experiência existencial e educativa, nas quais estejam fundidas harmoniosamente a riqueza dos valores do nosso carisma e aquela da cultura (PEG 50).

⁸ Cf. L. GUANELLA, *Vieni meco*, em *Escritos...*, 795.

- tempos de lazer;
- projeto de vida.

Palavra de Deus

64. Com a escuta da *Palavra de Deus, fonte pura e perene de vida espiritual* (PC 6), nos é possível estabelecer uma relação pessoal com as Pessoas Divinas da Santíssima Trindade.

Merecem especial veneração os *Evangelhos, coração de todas as Escrituras* (DV 18). Eles, juntamente aos outros escritos neo-testamentários, nos permitem conhecer os sentimentos de Jesus Cristo, a sua *sobreeminente ciência* (Fl 3,8), o seu estilo de vida, as suas escolhas pelo Reino e a sua predileção pelos pobres.

Com a *Lectio Divina* – centralizada sobre quatro momentos de leitura, meditação, oração e contemplação – temos a possibilidade de ler a nossa história à luz da Palavra, de *reconhecer nos acontecimentos os desígnios da Providência* (C 31) e de adquirir uma espécie de instinto sobrenatural para não nos conformar à mentalidade do mundo (cf. VC 94; PdV 47).

Vida litúrgico-sacramental

65. A *Liturgia – ápice para a qual tende a ação da Igreja e, também, a fonte de onde provém toda a sua virtude* (SC 10) – *edifica cada dia aqueles que são na Igreja um templo santo no Senhor, [...] até alcançar a medida da plenitude de Cristo* (SC 2).

Na *Eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e Pão vivo que, mediante a sua carne vivificada pelo Espírito Santo e vivificante, dá vida*” (PO 5).

Instauramos com o Senhor Jesus uma comunhão sempre mais profunda mediante a participação cotidiana ao Sacramento que o torna presente e que nos *introduz [...] na premente caridade de Cristo* (SC 10). Com a assídua *adoração eucarística* experimentamos a alegria da sua proximidade amiga e santificante.

Da Eucaristia, celebrada e adorada, nasce o compromisso da conversão contínua e da necessária purificação. Por isto, com o *sacramento da Reconciliação, recebido com freqüência e confiança na divina misericórdia, celebramos a graça pascal do coração novo* (C 36).

Oração

66. Outro indispensável meio formativo é a *oração*.

Com a *Liturgia das horas* prolongamos a ação de graças própria da Eucaristia e santificamos o percurso do nosso dia.

Estritamente conexa com a Liturgia está a *oração pessoal*, mediante a qual cada um de nós constrói o homem interior, dá consistência e qualidade à comunhão com Deus e com os irmãos, e regenera espiritualmente o dom de si no apostolado.

Também a *oração mental* é momento importante. *O Fundador a considerava forma indispensável da nossa espiritualidade e garantia de perseverança* (C 34).

Com o *exame de consciência cotidiano* nos confiamos ao Espírito Santo para que seja luz sobre o caminho e ajuda para discernir a vontade divina na trama dos acontecimentos, também quando se revestem de confusão e de pecado.

Cada dia com o *Rosário*, o *Angelus* ou de outra forma, invocamos a Virgem Maria, alegres por tê-la como Mãe (cf. C 35).

Buscamos *tempos de silêncio*, que não é ausência de barulho e de palavras, nem fuga da história ou fechamento sobre si mesmo, mas plena *docibilitas* aos apelos da Palavra e da Graça. Reservamos para isso, *tempos oportunos para o Retiro mensal e para o Retiro espiritual anual* (C 37).

Direção espiritual

67. Graças á *direção espiritual* cada um é ajudado a responder à moções do Espírito com generosidade e a orientar-se decididamente para a santidade (cf. VC 95).

Os documentos da Igreja insistem sobre a necessidade de que todas as pessoas, especialmente na primeira formação, tenham um guia espiritual ao qual abrir, com humildade e confiança, a própria consciência (cf. C 239,2; 240,2; 246,4; OT 8).

Diálogo de crescimento humano

68. Nas fases iniciais da formação, quando é preciso ajudar a pessoa a conhecer a si mesma e a discernir a autenticidade da resposta vocacional, é muito útil e às vezes necessário o *diálogo de crescimento humano* que, diferentemente da direção espiritual, tem um caráter mais psicológico⁹. É feito pelo formador, se tiver competência para isso, ou por um especialista em ciências da formação.

Diálogo com os formadores

69. Também o *diálogo pessoal* com o formador é *um instrumento importante de formação [...], a ser realizado com regularidade e com uma certa freqüência, como prática de insubstituível e comprovada eficácia* (VC 66).

Prática dos conselhos evangélicos

70. Através da profissão dos conselhos evangélicos, vividos *segundo o espírito e o direito próprio da Congregação* (C 41), não somente colocamos em Cristo o sentido da nossa vida, mas nos preocupamos de reproduzir em nós mesmos, na medida do possível, *aquela forma de vida que Ele escolheu quando veio ao mundo* (LG 1).

Por insigne dom de Deus, fazendo nosso o amor virginal de Cristo, vivemos o voto de *castidade*, na ascese, no amor e na alegria fraterna (cf. C 42-47).

Ao seguimento de Cristo pobre, no espírito do Fundador, praticamos a *pobreza pessoal e comunitária* segundo o espírito evangélico, as exigências do voto e as prescrições do direito (cf. C 48-54).

Para realizar o desígnio de Deus à nosso respeito, à exemplo de Cristo, vivemos em *obediência* no amor filial, na oração e no diálogo, segundo a nossa Constituição (cf. 55-60).

Vida fraterna em comunidade

71. A vida fraterna em comunidade constitui um dos valores mais preciosos da nossa vocação. *Todos usamos as melhores energias para criar um ambiente adequado que favoreça o desenvolvimento de cada pessoa [...]. Por sua vez cada um, sem pretender ser levado pelos outros, colabora ativamente no crescimento da comunidade com os talentos recebidos e se esforça para progredir numa vida santa* (C 20; cf. VfC 43)¹⁰.

A comunidade será tal qual a construirão os seus membros, por isso, *antes de nos servirmos dela como um meio de formação, ela merece ser servida e amada por aquilo que é na vida religiosa como a Igreja a concebe* (PI 27).

Na *doação de cada um ao bem comum* (C 22), a inspiração fundamental nos vem da primeira comunidade cristã (cf. At 2,42.4,32). Por isso com *um amor que reconhece, sustenta e circunda aqueles que o Senhor nos doa como irmãos* (C 19), nos empenhamos para que a comunidade se torne uma *pequena comunhão dos santos* (C 18)¹¹.

Preparação cultural e profissional

72. Cada um de nós assume o *estudo* como forma importante de ascese e de fidelidade para alimentar a vida espiritual e abrir-se com sabedoria a um maior conhecimento de Deus, de si e do mundo (cf. PI 68).

⁹ Tal colóquio é por nós considerado na mesma estima da direção espiritual e em estrita sintonia com ela, convencidos que esta última pode realmente incidir sobre a vida da pessoa na medida em que o colóquio alcança os resultados que lhe são próprios.

¹⁰ Na fraternidade acontece a iniciação à dificuldade e à alegria de viver juntos. *Cada um aprende a viver com aquele que Deus colocou ao seu lado, aceitando as suas características positivas e, junto com elas, as diferenças e os limites. Particularmente [...] aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos, porque a cada um é dada uma manifestação particular do Espírito para o bem comum* (VC 67).

¹¹ Os membros da comunidade realizarão tal comunhão cada dia sob a ação do Espírito Santo, deixando-se julgar e converter pela Palavra de Deus, purificar pela Penitência, construir pela Eucaristia, vivificar pela celebração do ano litúrgico (PI 27).

Sob a direção do Magistério da Igreja, cultiva o *aprofundamento bíblico e teológico* (C 97). Ao mesmo tempo, tende a um *conhecimento sempre melhor do Fundador e do Instituto*.

É necessário, depois, o *estudo das culturas* dos lugares em que se vive, como também a constante *atualização na qualificação profissional e técnica*.

Atividades apostólicas

73. As *atividades apostólicas*, em qualquer idade e em cada etapa, têm uma eficácia formativa insubstituível. Levam-nos a permanecer unidos a Cristo e a viver como Ele, que veio *não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos* (Mt 20,28); nos permitem de fazer nosso o projeto do Fundador no compromisso para com os pobres e na espiritualidade da ação, e nos tornam participantes da missão da Igreja. *Ao dedicar-nos com todas as forças no cumprimento da missão, encontramos o nosso caminho de santificação e de mérito* (C 61).

Trabalho

74. O Senhor disse: *comerás o pão ganho com o suor do teu rosto* (Gn 3,19). O Fundador teve em grande consideração a eficácia formativa do *trabalho*; queria discípulos prontos para as fadigas, treinados para o martírio da vida laboriosa de cada dia.

Também nós, por isso, assumimos a lei comum do trabalho (cf. C 13); colaboramos com a Providência de Deus para o nosso sustento e nos tornamos úteis aos outros.

O trabalho assim entendido, unido à oração (cf. C 63), à vida comunitária (cf. C 92) e à atividade apostólica (cf. C 70), torna-se *motivo de ascese pessoal e comunitária* e reforça o sentido de pertença.

Tempos de lazer

75. Merecidos *tempos de lazer e de exercício físico* – em vista de uma santa higiene mental, de uma adequada recuperação de forças e do necessário apreço pelos valores naturais (cf. R 47) – facilitam a ação formativa, alimentando a serenidade, a paz e a alegria (cf. VFC 28).

Projeto de vida

76. A referência aos meios acima descritos deveria ser concretamente encontrada em cada *projeto de vida*: pessoal, comunitário e institucional. O termo *projeto* indica a elaboração de um caminho rumo a um ideal; comporta tensão dinâmica rumo àquilo que ainda não foi realizado.

Através do *projeto pessoal* vive-se a vocação em um contínuo discernimento progressivo e global. Não se trata, portanto, de uma simples programação da oração, da comunhão fraterna e das obras de caridade..., mas de uma necessária mediação para elaborar e viver toda a existência na unidade de vida (cf. C 26)¹².

O *projeto comunitário*, elaborado pelos membros da comunidade dirigidos pelo superior local, quer ordenar melhor a nossa vida consagrada, para que seja “mais vida” e “mais consagrada”. A definição de tal projeto serve-se de um modo particular da revisão de vida comunitária e apostólica (cf. C 72.143).

Tanto o projeto pessoal como o projeto comunitário acolhem as diretrizes e os compromissos assumidos em outros *projetos mais gerais*, como as orientações dos diferentes níveis de Governo e da Igreja, para depois recolocá-los nos contextos particulares de cada comunidade e de cada situação pessoal.

¹² O *exame de consciência* e a *direção espiritual*, em particular, são os âmbitos privilegiados para avaliar o próprio projeto de crescimento na perfeição da caridade (cf. C 36).

2. REDE DAS MEDIAÇÕES

Mediação entre chamado divino e resposta pessoal

77. Inspirando-nos no amor de Deus, que acompanha com cuidado os seus filhos para que todos alcancem a plenitude da vida, nos tornamos colaboradores do Pai afim de que cada um progrida rumo à plena maturidade em Jesus Cristo (cf. C 69).

Entre o chamado de Deus e a resposta da pessoa interpõe-se uma série de mediações, que se configuram numa verdadeira e própria “rede”:

- A *Graça* de Deus;
- Cada um de *nós*;
- A *Igreja*;
- O *Instituto*;
- A *comunidade local*;
 - comunidade *religiosa*
 - comunidade *formadora*
 - comunidade *educativo-pastoral*
- O *contexto vital*;
- Os *pobres*.

Nesta rede cada nó e cada malha, em modos e papéis diferentes, reportam ao Mistério de Deus, ao mistério da igreja e do consagrado na vida do Instituto. De qualquer ponto (= pessoa, acontecimentos e contextos) ela venha “tomada”, é possível entrever a ação educativa de Deus e a responsabilidade do chamado¹³.

A Graça de Deus

78. A nossa Constituição afirma claramente que no processo formativo *é a Graça de Deus que age* (C 85) e tudo faz concorrer *para o bem daqueles que amam a Deus* (Rm 8,28).

Deus é o *protagonista por antonomásia* (PdV 69); a sua *graça dá fecundidade ao trabalho educativo* (PEG 19). Mediante o Espírito, Ele plasma no coração os sentimentos do Filho, segundo a inspiração evangélica do Fundador.

Cada um de nós

79. Ninguém pode substituir-nos na liberdade responsável que temos como pessoas individualmente (cf. PdV 69). Eis porque *cada um* deve assumir pessoalmente a própria experiência formativa (cf. C 85). Tal responsabilidade mede-se, em particular, sobre a abertura ao mistério, sobre a capacidade de ter um coração grato e disponível.

A Igreja

80. A Igreja é o sujeito comunitário que tem a graça e a responsabilidade de acompanhar a todos aqueles que o Senhor chama (PdV 65). Nós, de fato, fomos suscitados na Igreja e para a Igreja: ela reconhece o Fundador; aprova o Instituto e a Constituição; acolhe a nossa profissão e nos torna participantes do seu mistério, da sua oração e missão. Nela, que por sua natureza é memória e sacramento da presença de Jesus no meio de nós (cf. PdV 65), encontramos sustentação para a nossa vida batismal e de consagração (cf. PI 22).

Para desenvolver um sentir não somente *com*, mas *dentro da Igreja* (cf. PI 24), não podemos senão seguir as suas indicações, obedecendo às suas leis (cf. C 117) e aos seus pastores (cf. PI 25).

O Instituto

81. O Instituto *coloca entre os seus empenhos principais a tarefa de assegurar aos próprios membros uma sólida formação: desta, de fato, dependem em grande parte o desenvolvimento*

¹³ *Cada pessoa consagrada seja formada para a liberdade de aprender por toda a vida, em cada idade e etapa, em cada ambiente e contexto humano, de cada pessoa e de cada cultura, para deixar-se instruir por qualquer fragmento de verdade e beleza que encontra ao redor de si. Mas, sobretudo, deverá aprender a deixar-se formar pela vida de cada dia, pela própria comunidade e pelos seus irmãos e irmãs, pelas coisas cotidianas, ordinárias e extraordinárias, pela oração como também pela fadiga apostólica, na alegria e no sofrimento, até o momento da morte* (FdC 15).

harmônico da pessoa, o vigor apostólico e a unidade do Instituto [...]. À exemplo de Jesus que preparou os discípulos para a missão, educa-lhes a mente e o coração (C 82); ajuda-os no discernimento vocacional e os acompanha para que na fidelidade possam realizar plenamente a si mesmos como apóstolos da caridade. Anima os coirmãos e a comunidade para uma renovação diária na vida religiosa e apostólica (cf. R 147).

A Congregação, nos vários níveis de Governo, elabora as diretrizes formativas (cf. R 154) e, através da comunidade local, participa aos seus membros os tesouros de espiritualidade deixados a nós pelo Fundador.

A comunidade local

82. A formação precisa da *comunidade local* como do seu ambiente natural: *nela os coirmãos experimentam os valores da vida consagrada, compartilham as alegrias e as fadigas do apostolado, adquirem maior disponibilidade e domínio de si (C 85).*

Ela, de fato, pode configurar-se como *comunidade religiosa, formadora e educativo-pastoral*. Sempre é de grande relevância a exemplaridade de vida dos membros e o respeito da função que a cada um compete, segundo o que é previsto pelo direito eclesial e pelas normas do Instituto.

A. comunidade religiosa

83. A *comunidade religiosa* constitui o núcleo animador da vida e da missão da Casa. Deve estar em *contínua formação* (cf. PI 66-69), e incide na formação *na medida em que permite a cada um dos seus membros de crescer na fidelidade ao Senhor segundo o carisma do Instituto (PI 27).*

B. Comunidade formadora

84. A *comunidade formativa* age especificamente na fase da primeira formação e é constituída pelos *formadores*, pelos seus *colaboradores* e pelos *formandos*.

- Os *formadores*, como irmãos maiores (cf. VC 66), tendo *na mente e no coração o espírito do sistema preventivo (C 85)*, acompanham os *formandos* para alcançarem os objetivos formativos e se empenham com benevolência e firmeza, mesmo quando as escolhas podem gerar sofrimento (cf. PI 31; VC 66). Mestres e testemunhas, conhecedores respeitosos do coração humano e dos caminhos do Espírito, capazes de responder às exigências dos candidatos e do Instituto, são os primeiros responsáveis pela comunidade formativa. Devem, portanto, possuir uma sólida formação teológica, pedagógica, espiritual, apostólica e carismática.
- Os *colaboradores*, em estreitíssima unidade de espírito e de ação (cf. PI 32), contribuem para dar unidade e clareza às metas formativas e às metodologias (R 211) e, junto com os *formadores*, constituem a *equipe formativa*.
A ação formativa exige também a colaboração de todos os *responsáveis da formação nas diferentes etapas*, para assegurar a necessária continuidade educativa.
- Membros privilegiados da *comunidade formativa* são os *formandos*, que em primeira pessoa são chamados a se envolver na vida da comunidade.

C. Comunidade educativo-pastoral

85. A *comunidade educativo-pastoral* compreende todos aqueles que, segundo a própria tarefa e a própria competência, desenvolvem ativamente a missão do Instituto. Ela é garantia de fidelidade à inspiração carismática, e constitui por si mesma uma *proposta e caminho de educação (PEG 53)*. Em particular, aos nossos candidatos oferece a oportunidade de verificar as suas atitudes, de iniciar-se ao serviço dos pobres e à colaboração com os leigos. A sua ação deve respeitar as orientações dos *formadores*.

O contexto vital

86. Tanto o *contexto cultura* da pessoa, quanto *aquele das atividades apostólicas* têm uma forte incidência formativa: contribuem a dar “forma” à nossa vida consagrada.

Cada um de nós é chamado a saber situar-se na própria cultura, encarnando os valores do carisma e do Evangelho. Neste processo de *inculturação*, tanto o ambiente de vida, quanto o de estudo se revelam uma ulterior mediação formativa.

Também o *ambiente de apostolado* nos impele a *formar-nos juntos com os leigos* que, em diversas maneiras, colaboram conosco.

Os pobres

87. Outra importante mediação formativa é aquela dos *pobres*: na sua condição eles nos evangelizam. Eles são o sinal mais eloqüente de Jesus Cristo humilhado e sofredor; a sua presença nos faz entrar no mistério do seu Coração. Nos ajudam a compreender *a preeminência do amor sobre a inteligência, sobre a auto-suficiência e sobre a beleza* (PEG 6).

3. PLURALIDADE CONVERGENTE DE DIMENSÕES E NÍVEIS

Dimensões e níveis diferentes

88. A ação formativa se refere às áreas de toda a vida da pessoa. Em particular, considera a *dimensão* humana, espiritual e carismática. A *dimensão humana* se refere ao caráter, às inclinações, às dificuldades da pessoa...; aquela *espiritual* concerne ao *seguimento de Cristo* na Igreja católica; aquela *carismática* se refere ao dom do nosso particular carisma de fundação.

Cada dimensão inclui *níveis diferentes*, relativos a Deus, à própria personalidade e aos outros.

O processo formativo, portanto, se configura como formação de *toda a pessoa* e se estende por *toda a sua vida*. Levando em conta os aspectos conscientes e inconscientes da personalidade, nos dirigimos em modo particular ao sentir profundo e às motivações do agir.

Dimensões interdependentes e convergentes

89. Sendo dimensões e níveis da pessoa na sua unicidade, eles são estritamente *interdependentes e convergentes* (cf. RC 4). Propomos, portanto, um caminho formativo organizado não por setores independentes com momentos rigidamente separados entre si, mas harmonizados numa perspectiva unitária e integral.

A qualidade do desenvolvimento de cada dimensão depende da qualidade das outras dimensões. Cada um, pois, as desenvolve *segundo o grau de conhecimento que aprende, segundo o grau de virtudes que pode possuir e, principalmente, segundo o grau de graça que pode obter de Deus*¹⁴.

3.1 DIMENSÃO HUMANA

Parte integrante da formação

90. A dimensão humana exige desenvolver-se como parte integral de uma antropologia que acolhe a verdade total do homem. Deve, portanto, abrir-se e completar-se na formação espiritual e carismática. É um indispensável fundamento para construir personalidades de estável identidade, sadios relacionamentos, e de responsável empenho em vista do ministério (cf. PdV 43).

Formação à maturidade afetiva

91. No decorrer do processo formativo a formação à maturidade afetiva adquire valor qualificante e decisivo, *como êxito da educação ao amor verdadeiro e responsável* (PdV 43). É fundamental abrir-se à centralidade do amor na experiência humana. Não pode existir crescimento vocacional sem uma suficiente *maturidade afetiva*, pela qual se consiga viver no dom de si.

A autêntica educação afetiva além de apresentar os *conteúdos da caridade*, deve levar em consideração os *dinamismos psíquicos* que a tornam possível.

Maturidade sexual

92. A *maturidade sexual* está estreitamente ligada à formação afetiva (cf. PI 39) que torna capazes de acolher a própria *identidade masculina* como parte integrante do próprio eu e a reconhecer-lhe o valor e o sentido oblatoivo¹⁵.

A força da sexualidade suscita necessidades, mas as ações conseqüentes devem ser fruto de uma escolha consciente e livre. Entre o mundo dos impulsos e as ações existe a capacidade de *decidir*, de *dominar*¹⁶ e *transformar* a necessidade em dom.

¹⁴ L. GUANELLA, *Scritti...*, 1353.

¹⁵ O compromisso na vida consagrada pressupõe que se alcance uma suficiente maturidade afetiva e sexual em coerência com a própria identidade masculina. Para poder entregar-se a Deus na vida consagrada, assumindo um *vínculo esponsal* com a Igreja e o dever de exercer a *paternidade espiritual* (cf. DMP 58), cada um deve como princípio ser *idôneo ao matrimônio e à paternidade*.

Em concordância com o ensinamento da Igreja, o compromisso formativo deverá garantir que, neste âmbito, os que forem admitidos à vida consagrada sejam idôneos¹⁷.

Pressuposto e conteúdo da maturidade afetivo sexual é a *virtude da castidade*, que leva a *experimentar e a manifestar um amor sincero, humano, fraterno, pessoal e capaz de sacrifícios, a exemplo de Cristo, para com todos e cada um* (PdV 50).

Conteúdos formativos

93. A atenção à dimensão humana chama em causa *os conteúdos formativos* que visam o conhecimento de si e que, apoiando-se em espaços de liberdade sempre mais amplos, esperam alcançar uma suficiente maturidade afetiva, intelectual e volitiva.

A. conhecimento de si

94. O *conhecimento de si mesmo* implica a consciência tanto das próprias qualidades, como dos próprios limites. Para este trabalho de introspecção pessoal e para compreender mais profundamente as exigências da vida consagrada e do sacerdócio ministerial, pode resultar útil valer-se de ajuda psicológica através do trabalho de *especialistas competentes*¹⁸.

Em respeito às normas¹⁹, *desde o momento da admissão dos jovens ao Seminário deve ser verificada atentamente a sua idoneidade a viver o celibato ao ponto de chegar, antes (da profissão perpétua e, ou) da Ordenação, a uma certeza moral a respeito da sua maturidade afetiva e sexual*²⁰. Cada um se empenhará para *a integração da sua própria história*: se reconciliará com o próprio passado e buscará o sentido profundo da história vocacional pessoal.

É também, de grande utilidade, a elaboração de um *projeto pessoal* para alcançar os objetivos relativos à dimensão humana.

B. liberdade afetiva e efetiva

95. A maturidade humana, e a afetiva em particular, *exigem uma formação límpida e forte para uma liberdade que se configura como obediência convicta e cordial à verdade do próprio ser [...], como caminho e fundamental conteúdo da autêntica realização de si* (PdV 44).

Se liberdade é “realizar-se segundo a verdade do próprio ser”, a *liberdade afetiva* consiste em amar aquilo que se é e aquilo que se é chamado a ser. Assim entendida, *exige que a pessoa seja verdadeiramente dona de si mesma, decidida a combater e a superar as diferentes formas de egoísmo [...], generosa na dedicação e no serviço ao próximo* (PdV 44).

¹⁶ O itinerário formativo, de um modo especial, ajudará a pessoa a superar as dificuldades referentes à sexualidade, buscando as causas reais, freqüentemente escondidas. Para *dominar* as fraquezas neste âmbito é preciso não somente o propósito de não cair nas tentações, mas saber tomar sempre mais as devidas distâncias e ser sempre menos dependentes delas.

¹⁷ A Igreja, de fato, *não pode admitir ao Seminário e às Ordens Sagradas aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou defendem a assim chamada cultura gay. As pessoas acima descritas se encontram, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionar-se entre homens e mulheres. [...] Quando, porém, se trata de tendências homossexuais que são somente expressão de um problema transitório, como, por exemplo, aquele de uma adolescência ainda não completada*, à Igreja afirma que *elas devem, portanto, ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal* (ICD 2). Em respeito às indicações magisteriais, nos comprometemos a oferecer uma ajuda adequada àquelas pessoas que apresentam “temidas tendências homossexuais” ou “tendências homossexuais transitórias”, para que tenham a possibilidade de resolvê-las, de modo estável, antes da admissão ao Noviciado.

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem aos participantes da Sessão Plenária da Congregação para a Educação Católica*, 01.02.2005.

¹⁹ O cânon 642 afirma: *Os superiores admitam, com o mais atento cuidado, somente aqueles que, além da idade exigida, tenham saúde, índole adequada e maturidade suficiente para assumir o gênero de vida próprio do Instituto; a saúde, a índole e a maturidade sejam também verificadas, se preciso for, por especialistas, valendo o disposto do cânon 220*. E o cânon 220 afirma: *Não é lícito a ninguém lesar ilegítimamente a boa fama da qual alguém goza, ou violar o direito de cada pessoa de defender a própria intimidade* (cf. C 241.1029).

²⁰ JOÃO PAULO II, *Mensagem aos participantes da Sessão Plenária da Congregação para a Educação Católica*, 01.02.2005. Na perspectiva da *absoluta primazia da graça na vocação*, a ajuda da psicologia também pode colaborar não somente para excluir os casos de insuficiente equilíbrio psico-físico, mas sobretudo para remover os obstáculos ao crescimento vocacional ou para desfazer as resistências para o bom êxito da formação.

A liberdade afetiva exige uma eficaz atenção à *liberdade efetiva*, como domínio das resistências que impedem de fazer próprios os sentimentos de Cristo. Ela permite a positiva resolução de conflitos interiores e o autocontrole das emoções e dos impulsos, *de modo que toda a vida seja fundada e investida no amor* (PEG 86) e toda crise seja vivida como ocasião de crescimento²¹.

É indispensável, portanto, *educar ambas as liberdades*²², jamais separadas da formação afetivo-sexual, intelectual e volitiva.

C. formação do coração, da mente e da vontade

96. Os conteúdos direcionados à *formação do coração, da mente e da vontade* visam a adquirir uma suficiente maturidade, para que o coração da pessoa seja livre para amar ou para captar como “belo” o que a mente descobre como “verdadeiro” e a vontade experimenta como “bom e necessário”.

- Através da *formação do coração* procuramos ser sempre mais atraídos pela beleza do projeto vocacional. Ao mesmo tempo, reconhecemos as riquezas e os limites dos nossos sentimentos, para que cada um direcione a sua força ao serviço dos valores.
- Com a *formação da mente* nos empenhamos em desenvolver os dons de intuição, de inteligência, de raciocínio e de juízo, numa contínua abertura à verdade. Progredimos na reflexão, para interiorizar a verdade e comunicá-la aos outros, fazendo-a tornar-se critério de discernimento nas decisões.
- Através da *formação da vontade* tendemos a consolidar-nos no compromisso para com o bem e a adquirir bons costumes. Nos empenhamos em fazer nosso o projeto do Instituto e a sermos incansáveis na caridade.

Claros sinais de maturidade humana

97. Conhecimento de si, liberdade sempre mais autêntica, maturidade de coração, mente e vontade, fazem com que a pessoa:

- Adquirir uma *clara identidade pessoal*,
- Cultive *sadios relacionamentos sócio-afetivos*,
- e se empenhe, *responsavelmente e constantemente*, na *oração e no trabalho*.

Estes elementos constituem precisos *sinais de maturidade humana*, cuja presença, proporcionada à idade e aos dons de natureza e de graça, é indispensável para um eficaz prosseguimento da ação formativa. Coerentemente devem ser cultivadas *qualidades humanas necessárias para a construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de levar o peso das responsabilidades pastorais* (PdV 43): amizade, lealdade, sabedoria, fidelidade, prudência, senso de justiça, pudor...

Critérios de verificação

98. A maturidade humana deve ser verificada à luz dos seguintes *critérios*:

- *identidade estável*²³ e *firmeza de ânimo*;
- *sadia estima de si e integração das luzes e sombras da personalidade*²⁴;
- equilíbrio entre *individualidade e alteridade*²⁵;
- *decisões ponderadas e reto juízo* sobre as pessoas e acontecimentos;
- *sistema de valores* como fator motivador das próprias escolhas;
- contínuo reforço dos elementos *de maturidade*.

²¹ Assim entendida, a crise é componente normal e positivo de um processo de formação, também permanente.

²² Para alargar os espaços da liberdade e alcançar *uma mais pura e madura vida de fé* (GS 62), a nossa ação ajudará a pessoa a ser *livre de* tudo, o que inibe o crescimento humano e cristão, torna frágil na resposta aos pelos vocacionais e apostólicos. Pois a tornará *livre em* Cristo, livre em imitar os gestos, os desejos, os projetos... E enfim, disporá da pessoa para ser *livre para* viver os valores que dão “forma guaneliana” à consagração.

²³ A *identidade pessoal* deve ser vista como sentido de unidade e continuidade interior, que se mantém estável no tempo e nas diferentes situações da vida; e também como capacidade de manter-se solidário com os valores assumidos.

²⁴ A construção de uma *sadia estima de si* ajuda a pessoa a elaborar em harmonia as próprias qualidades e os próprios limites e a torna capaz de não enfatizar os próprios dons e de saber sorrir de bom grado dos próprios defeitos.

²⁵ Cada um, de fato, é diferente dos outros, mesmo estando em relação de acolhida, colaboração, partilha e comunhão.

3.2 DIMENSÃO ESPIRITUAL

Pressupõe a dimensão humana

99. A segunda dimensão que constitui o ser humano, e que deve estar bem presente na dinâmica formativa, é aquela espiritual. Pressupõe uma prévia atenção à dimensão humana e invoca uma formação espiritual bem sólida, aberta à transcendência e animada pela novidade evangélica.

Comunhão com Deus

100. A nossa formação espiritual *tem o objetivo específico de imergir os religiosos na experiência de Deus e ajudá-los a aperfeiçoá-la progressivamente na própria vida* (PI 35). Todo homem é chamado a ser regenerado pela água e pelo Espírito (cf. Jo 3,5) e a tornar-se filho no Filho. *Desta fundamental e insuprimível exigência religiosa [...] parte e se desenrola o processo educativo de uma vida espiritual entendida como relação e comunhão com processo educativo de uma vida espiritual entendida como relação e comunhão com Deus* (PdV 45) e como seguimento de Jesus.

Essa formação é comum a todos os fiéis, porque se fundamenta no Batismo. Mas para nós, chamados à vida consagrada, assume as conotações específicas do Servo da Caridade e do seu ministério.

Específicos conteúdos formativos

101. Dada a natureza da consagração e da missão que o religioso é chamado a cumprir na Igreja, a *Potissimum institutioni* remete aos conteúdos propostos pela *Optatam totius* (cf. OT 8; PI 6.34).

Tais conteúdos têm como finalidade:

- uma progressiva tomada de consciência do *amor paterno de Deus*;
- capacidade de corresponder-lhe como *filhos de Deus e irmãos*;
- consolidação da *opção por Jesus Cristo*;
- *conversão* contínua;
- maturação nas *virtudes morais e teológicas*.

Amor paterno de Deus

102. A certeza que *Deus é nosso Pai que nos doa o seu Coração e que conhece o nosso coração e acompanha os nossos passos* (C 10), inspira os conteúdos do processo formativo e infunde sentimentos de confiança na sua Providência.

Resposta filial e fraterna

103. Deste dom surge em nós a necessidade de viver uma *relação filial com Deus Pai*. Dele recebemos com gratidão o Amor para doá-lo novamente a Ele como filhos, para *vivê-lo entre nós como irmãos* e difundi-lo entre os pobres.

Opção por Cristo

104. O exemplo de resposta mais verdadeira ao amor do Pai é aquela do Filho unigênito que, no amor e na obediência ao plano salvífico, se oferece para a redenção dos irmãos, até à morte na cruz. Em Cristo encontramos o fundamento da vocação à vida consagrada e por isso optamos por segui-lo, conformando-nos sempre mais ao seu estilo de vida casto, pobre e obediente.

Como seus discípulos somos chamados a uma relação interpessoal e viva com Jesus: o afeto e o amor são aplicados sobre o “Tu” divino com quem “permanecer”²⁶, para depois poder sermos enviados a fazer um pouco de bem.

Processo de conversão contínua

105. A relação com Cristo comporta um contínuo processo de *conversão intelectual, moral e religiosa*.

- Com a *conversão intelectual* a pessoa é induzida a reconhecer o verdadeiro e a crer na Verdade. Com essa finalidade a formação intelectual, obedece a uma exigência

²⁶ *Constituiu Doze que permanecessem com ele...* (Mc 3,14). Os valores não são suficientes para manter viva uma vida cristã antes e consagrada depois, se não tem aquela pessoal e envolvente relação com o Tu de Deus que dá força e renova a nossa doação total.

insuprimível de inteligência com a qual o homem participa da luz da mente de Deus (PdV 51) e se abre à compreensão das realidades criadas. Em particular, a cultura filosófica e teológica nos ajuda a tender ao amor da verdade, ao envolvimento pessoal e contribui a manter vivo o nosso mundo interior²⁷.

- Através da *conversão moral* abre-se ao Bem como valor em si e se dispõe a fazer o bem pelo Bem. Uma forte tensão moral é fundamental para permanecer fiéis ao Evangelho e à vida, e para encorajar-nos na superação do mal²⁸.
- A *conversão religiosa* nos solicita a passar dos “vários amores” ao Amor absoluto de Deus, através de um grande amor a Jesus e à sua Igreja. Abre-se, assim, o caminho rumo à santidade de vida. A Igreja, além das mediações da Palavra e dos Sacramentos, *sempre convidou os crentes a buscar e a encontrar nos santos e nas santas, e em primeiro lugar na Virgem Mãe de Deus [...], o modelo, a força e a alegria para viver uma vida segundo os mandamentos de Deus e as Bem-aventuranças do Evangelho* (VS 107)²⁹.

Virtudes morais e teológicas

106. Na origem da vida consagrada existe uma vida cristã na qual a pessoa, tocada pelo amor do Pai, sente a necessidade de responder com todo o seu ser, colocando os dons de natureza e de graça à serviço do Reino.

Na *busca de um equilíbrio entre disciplina, liberdade e responsabilidade* (R 195), conduzimos ao amadurecimento as virtudes morais e teológicas. Consolidamo-nos na *prudência*, na *justiça*, na *fortaleza* e na *temperança*, como também na *fé* em Deus Pai, na *caridade misericordiosa* do Filho e na *esperança*, fruto do Espírito que tudo anima e vivifica. Através do exercício destas virtudes adquirimos o espírito de oração e obtemos força na vocação e nas outras virtudes.

Sinais de maturidade espiritual

107. A progressiva consciência do amor paterno de Deus e a capacidade de corresponder-lhe, a opção por Jesus Cristo em atitude de conversão contínua e de maturação virtuosa, fazem com que a pessoa:

- Experimente uma íntima e alegre *comunhão* com o Pai, por meio do filho, no Espírito Santo;
- Busque Cristo na *oração*, na fiel *meditação da Palavra de Deus*, na ativa participação à *vida litúrgico-sacramental* da Igreja, e no *próximo*;
- Cultive a *amizade com a pessoa de Jesus*, e viva o seu mistério pascal;
- Cresça no *zelo* de evangelizar o mundo, para ganhar todos a Cristo, especialmente os pobres;
- Ame e venere a Santíssima *Virgem Maria* e como Ela aprenda a fortalecer-se nas virtudes e na cotidiana doação.

Crítérios de avaliação

108. Os *crítérios* de avaliação da maturidade espiritual – que pressupõem aqueles da maturidade humana – podem ser assim exemplificados:

- capacidade de *livre escolha* vocacional e de *concreta atuação*³⁰;

²⁷ Os elementos filosóficos ajudarão a ver com o intelecto aquilo que se crê (cf. PdV 52). Os estudos teológicos levarão a ter uma visão das verdades reveladas por Deus em Jesus Cristo e da experiência de fé da Igreja que seja completa e unitária (PdV 54).

²⁸ O Documento Base para projetos educativos guanelianos a esse respeito afirma: busque-se prevenir e afastar tudo aquilo que ofende o senso moral e de propor atitudes e comportamentos que tornam bela a vida aos olhos de Deus e dos homens, tais como a retidão, a justiça, a compreensão recíproca, a concórdia e a solidariedade para os mais frágeis (PEG 41).

²⁹ A vida santa leva [...] à plenitude de expressão e de atuação o tríplice e unitário múnus propheticum, sacerdotale et regale que todo cristão recebe como dom no renascimento batismal (VS 107).

³⁰ A escolha vocacional exige a consciência de que todo batizado – por comum vocação – é chamado ao seguimento de Cristo, que se realiza em diversas vocações específicas.

- consciente percepção da vocação como *iniciativa e dom de Deus*, a ser vivida *responsavelmente* e com *animo agradecido* junto com os outros;
- saber *ver Cristo nos pobres* e servi-los com amor oblativo;
- presença estável e concomitante dos *pressupostos necessários* às exigências da nossa vida consagrada: união com Deus, seguimento de Cristo e disposição em viver o seu estilo de vida, capacidade de vida comunitária, espírito eclesial e sensibilidade para com os pobres;
- Contínuo fortalecimento dos *elementos de maturidade*.

3.3 DIMENSÃO CARISMÁTICA

Princípio unificante e animador

109. No processo formativo à vida consagrada, é fundamental a dimensão carismática. Ao redor do carisma, *princípio unificante e animador*, cada um é chamado a fazer síntese da dimensão humana e espiritual. Ambas as dimensões, de fato, exigem exprimir-se com o específico “colorido” da guanellianidade.

No carisma são reconhecidas *duas polaridades* do caminho de maturação vocacional: a *identidade* e a *pertença*. Dentro destas polaridades são considerados os componentes da *ascese*, da *mística* e da *missão*. Ao longo do *caminho* formativo estes elementos deverão interagir entre si, para favorecer o desenvolvimento da pessoa e da comunidade.

O carisma guanelliano

110. O carisma guanelliano é *dom do Alto*. O Espírito gera no coração aquela *singular sensibilidade de perceber e amar*:

- *Deus* como *Pai terno e providente*,
- *Jesus Cristo* como *irmão e redentor*,
- O próximo como *nossa família*,
- Os *pobres* como *ossos prediletos*.

Em força do carisma, nos sentimos participantes do amor filial de Jesus para com o Pai e da sua caridade misericordiosa. A caridade de Cristo nos situa no coração da Igreja: nos reúne, nos consagra e nos envia aos irmãos – especialmente aos mais necessitados – a imitação dEle, bom Pastor e piedoso Samaritano. Neste dom descobrimos presença do Espírito que alimenta em nós *o fogo da caridade, nos sustenta na esperança e é fonte de fecundidade* (C1)³¹.

O espírito guanelliano

111. Sobre as pegadas do Fundador, na *resposta a este dom de Deus*, adquire forma o *espírito guanelliano*, que exprime o nosso *modo de ser e de agir* na Igreja e no mundo.

A Constituição (cf. C 9-16) afirma que é próprio do *nosso espírito*:

- *amar o Pai* com afeto filial e confiança na Providência;
- contemplar a suprema revelação do amor de Deus no *Coração de Cristo* traspassado sobre a Cruz e presente na Eucaristia;
- cultivar entre nós o *vínculo de caridade*, força do Instituto;
- viver em *espírito de família*, à exemplo da Família de Nazaré;
- difundir a caridade de Cristo, em *comunhão com a Igreja* e com *zelo apostólico*, na *opção preferencial pelos pobres*;
- *rezar e sofrer*, como discípulos de Jesus fiéis até o Calvário;

³¹ O apelo à caridade, fonte inspiradora do Fundador e força da Congregação, síntese da nossa espiritualidade e da nossa missão, já está no nome com que somos chamados na Igreja: *Servos da Caridade*. O nosso nome *nos lembra que a caridade é a razão pela qual o Senhor nos reúne, nos consagra a si e nos envia aos pobres* (C 12).

- *acolher Maria* como nossa *Mãe de Providência e modelo* de consagração;
- *seguir o Fundador*, como pai que ainda nos exorta a fazer o bem e regra viva como nas origens.

Conteúdos formativos específicos

112. À luz do que diz a constituição e as orientações formativas para a vida consagrada, os conteúdos relativos à dimensão carismática visam:

- fazer crescer a *identidade* do Servo da Caridade,
- cultivar o sentido de *pertença* à Congregação,
- viver docilmente a experiência *mística*,
- percorrer um genuíno *caminho ascético*,
- assumir com zelo o *ministério apostólico*.

Identidade

113. No carisma guanelliano encontramos as *raízes* da nossa identidade.

Descobrimos no carisma as orientações distintivas do Servo da Caridade. Corresponde ao nosso *nome*, àquilo que somos e àquilo que somos chamados a ser na igreja: discípulos e apóstolos de Jesus³², como irmãos, diáconos e sacerdotes.

Os traços da identidade guanelliana estão delineados particularmente em nossa *constituição* e retomados sistematicamente na presente *Ratio Formationis*. Eles tomam forma na dinâmica e harmônica convergência de todos os elementos do *processo formativo*.

Pertença

114. O carisma exige ser vivido com o povo de Deus, e em particular entre nós que recebemos o mesmo Dom. Nele cada um reencontra aqueles vínculos que se exprimem no *sobrenome*; em relação ao instituto, vive nele a ligação de família, a história, o espírito, o estilo... O carisma, portanto, gera a *pertença à congregação*. Tudo isso é riqueza de *graça*, de *peçoas* e de *valores*: um *Dom* e uma *tarefa*³³. É aquele *vínculo de comunhão na caridade*, tão precioso na nossa tradição³⁴. A *pertença* exige que se *faça parte efetivamente*³⁵ e *afetivamente*³⁶ à nossa família religiosa. Em todas as fases da formação, portanto, é preciso que se cultive o sentido de *pertença*.

Mística

115. A peculiar *experiência de comunhão filial com Deus Pai*, vivida pelo fundador, se prolonga em nós na medida em que, sustentados pela Graça, dela nos tornamos participantes.

O espírito nos move a viver em relação filial com o Pai, através uma *oração simples e afetiva*, que - na contemplação do coração de Cristo, traspassado sobre a cruz e presente na Eucaristia - nos faz compreender até que ponto somos amados e salvos³⁷. Daqui parte a *mística guanelliana* que, vivida na comunhão com o Pai e com os irmãos, se alarga na *participação à missão apostólica de Cristo Senhor* (cf. C 39). A formação ao carisma, portanto, visa fazer-nos viver em plenitude estes elementos de comunhão, aos quais somos chamados em virtude do batismo e da nossa específica vocação.

³² *A ação apostólica e caritativa pertence à natureza mesma do nosso Instituto: é a sua graça e identidade* (C 62).

³³ No correr da vida quotidiana, a *pertença* nos coloca sob o olhar do único Pai e, *no respeito aos papéis de cada um* (C 75), nos torna solidários na missão e nos acontecimentos do instituto (cf. C 75-80).

³⁴ O Espírito, de fato, nos une com *especial vínculo de caridade* (C 4), entendido pelo Fundador como vida de Deus difundida pelo Espírito em nossos corações e como amor de pessoas que se alegram em viver e trabalhar juntas (C 12).

³⁵ A *pertença se torna efetiva* com a profissão religiosa, graças à qual *o coirmão se consagra mais intimamente ao Senhor, se torna querido aos irmãos que o circundam, pedra viva do edifício da congregação. É destinado à província pela qual foi aceito como postulante, assume os direitos e os deveres dos membros do instituto e recebe o hábito religioso como sinal de consagração* (C 95).

³⁶ A *pertença é afetiva* no sentido que nos entregamos confiantemente ao instituto para que nos acompanhe até Deus pelos caminhos da caridade e da santidade; e no sentido que o instituto se entrega a nós, ao nosso caminho de santidade e ao nosso testemunho apostólico. Trata-se de uma recíproca *pertença* que passa pelos caminhos do coração e do amor.

³⁷ Enriquecidos pela presença dos irmãos, nos colocamos em assídua escuta da *Palavra de Deus* e nos tornamos fiéis à *fração do Pão* (cf. C 30-32).

Ascética

116. A nossa condição de peregrinos e de filhos esperados pelo Pai nos estimula a aproveitar do tempo presente num caminho de contínua *conversão*. No binômio *rezar e sofrer*, o Fundador nos indicava o programa ascético para o progresso na santidade de cada um e da congregação (cf. C 15). É preciso que cada um viva uma *relação com Deus* sempre mais intensa, amadureça uma *personalidade sempre mais autêntica*, cresça no *amor fraterno* e num eficaz *exercício da caridade*.

- A *relação com Deus* tende a modelar a nossa existência sobre o Evangelho, vivido no espírito do instituto e na observância da regra (cf. C 83)³⁸.
- Para amadurecer *personalidades sempre mais autênticas*, nos esforçamos em superar o egoísmo e as tensões das diversas idades, e procuramos melhorar nas virtudes humanas, cristãs e carismáticas. Assumimos, portanto, a disciplina quotidiana, pessoal e comunitária como *elemento integrante de toda a formação* (OT 11)³⁹.
- No *amor fraterno*, como *pequena comunhão dos santos* (C 18), crescemos na recíproca pertença e na edificação uns dos outros. A fraternidade ajuda a incrementar em nós a espiritualidade da comunhão (Cf. VC 51) e prepara as comunidades a serem núcleo animador da caridade evangélica⁴⁰.
- O nosso *exercício da caridade* assume o *método preventivo* como estilo de vida pessoal, comunitário e pastoral. Tal método se funda principalmente sobre três alicerces: a caridade misericordiosa, a familiaridade e a confiança na graça proveniente de Deus (cf.: C 73; PEG 26)⁴¹.

Missão apostólica

117. O empenho apostólico *pertence à própria natureza do nosso instituto: é a sua graça e identidade* (C 62)⁴². Pela caridade de Cristo somos chamados a *fazer-nos participantes do mandato recebido do Pai: anunciar aos pobres a alegre mensagem da salvação* (C 61). A providência nos confia em particular as crianças e os jovens necessitados, os idosos, os “bons filhos” e o “rebanho sem pastor” (cf. C 65-68)⁴³. Trata-se de uma *missão universal*, vivida no *único amor* para com Deus e para com os irmãos, segundo as palavras do fundador: *todo mundo é vossa pátria* (C 80).

Exercitamos a *caridade apostólica* (C 73) e *pastoral* (PdV 72) recebida da eucaristia, da intimidade com o coração de Cristo e da comunhão fraterna. Jesus, como bom Pastor, nos impele a procurar quem está perdido; e como bom Samaritano nos estimula a inclinar-nos sobre os pobres, para enfaixar-lhes as feridas e restituí-los à vida, lembrando das palavras: *Toda vez que fizestes estas*

³⁸ O caminho a percorrer continua aquele do silêncio, da escuta da Palavra de Deus, da adoração eucarística, da oração pessoal e comunitária e do discernimento.

³⁹ O elemento disciplinar é *necessário para adquirir o domínio de si, para assegurar o pleno desenvolvimento da personalidade e para formar aquelas outras disposições que favorecem muito para tornar bem organizada e frutuosa a atividade da Igreja* (OT 11). Na nossa tradição, o trabalho e o espírito de sacrifício constituem uma privilegiada expressão da disciplina. Segundo o programa *rezar e sofrer*, tomamos a nossa cruz cada dia. Deixamos que o espírito faça luz em nós, com o *exame de consciência*, a *correção fraterna* e a *direção espiritual*. No sacramento da penitência, recebido com frequência, celebramos a graça pascal que nos reconcilia com Deus, conosco mesmos e com os irmãos (cf. C 36).

⁴⁰ Se a comunidade é um *sistema fechado*, administrará as suas dificuldades dobrando-se simplesmente sobre si. Se, ao invés, é um *sistema aberto* ou se esforça em sê-lo, se torna lugar de comunhão e de testemunho.

⁴¹ A *caridade misericordiosa* é feita de compaixão, solidariedade e solicitude; a *familiaridade* é vivida num clima acolhedor, benévolo e confiante nas possibilidades da pessoa humana; e a *confiança na graça proveniente de Deus* é a pilastra da fé (cf. C 73; PEG 26).

⁴² Não se pode falar de carisma, prescindindo da missão e da especificidade das nossas obras. Nos damos conta de que o Dom do carisma deve ser vivido para os outros: ele não está em função da perfeição própria ou do instituto, mas é dado para que à Igreja não falte nenhum Dom de graça (cf. 1Cor 1,7).

⁴³ O fundador nos confia a tarefa de sustentar os moribundos na passagem para o céu, através da difusão da *Pia União do Trânsito de São José*.

A caridade apostólica depois, com a *animação* e a *pastoral vocacional*, nos impele a suscitar outros colaboradores para dar continuidade à vida e à missão do instituto.

*coisas a um só destes meus irmãos mais pequeninos, o fizestes a mim (Mt 25,40)*⁴⁴. A fidelidade aos compromissos apostólicos exige, portanto, uma formação ao *sentido da missão* e à *espiritualidade apostólica*.

Sinais de maturidade carismática

118. A identidade de Servo da Caridade, o sentido de pertença à congregação, a relação com Deus, o caminho ascético e o empenho apostólico, convergem de modo que a pessoa:

- manifeste em si mesma os *traços típicos do Servo da Caridade*;
- tome parte efetiva e afetiva à *vida do instituto* em geral, e da sua comunidade em particular;
- mostre ser *homem de Deus* na oração e no serviço;
- viva a quotidiana conversão no *Rezar e sofrer*;
- revele *paixão apostólica* por Cristo, pela Igreja e pelos pobres.

Critérios de averiguação

119. Para especificar a maturidade na dimensão carismática, achamos úteis os seguintes *critérios*:

- proporcionalmente às etapas formativas, presença harmônica de suficientes *sinais de identidade guanelliana e de pertença*;
- *amor concreto* pelo instituto e pela própria comunidade na sua realidade de dons e de limites;
- *assíduo empenho na comunhão* com Deus, com os irmãos e com os pobres;
- *livre e responsável resposta vocacional* qualificada pela caridade evangélica, pela aceitação serena da disciplina e pela capacidade de afrontar a realidade e resolver positivamente os conflitos;
- *habilidades operativas* para a vida apostólica⁴⁵;
- *eficácia na missão*⁴⁶;
- *contínuo reforço dos elementos de maturidade*.

⁴⁴ A nossa paixão pelos pobres é fundada sobre *motivações claras e objetivas*: supera a compaixão humana e o puro serviço filantrópico, porque os pobres são para nós o ícone do Cristo sofredor, participantes – no tempo – da sua paixão.

⁴⁵ Por *habilidades operativas* se entende o “saber ser” e o “saber fazer” em condições físicas e psíquicas adequadas às idades e às fases do itinerário formativo.

⁴⁶ *Eficácia apostólica* significa “capacidade” de traduzir o Dom vocacional em santidade de vida e em testemunho profético na missão. Se diferencia da *eficiência apostólica*, entendida como ativismo, competitividade, ânsia de cuidados, procura exagerada de resultados...

4. TRÊS DINAMISMOS PEDAGÓGICOS

Dinamismos pedagógicos em dúplice conotação

120. O ministério da formação - sempre dócil à ação do espírito - se desenvolve mediante essenciais *dinamismos pedagógicos* sobre a *dúplice conotação da Congregação e do chamado*.

Educar, formar, acompanhar

121. Os fundamentais dinamismos pedagógicos são aqueles do *educar, formar, acompanhar*, que - embora sendo realidades distintas por conteúdos e operações - *convergem* entre si e são *correlacionadas ao estilo formativo do instituto*.

4.1 EDUCAR

Rumo ao conhecimento de si

122. Educar quer dizer “tirar para fora” (*e-ducere*) ou levar a nível de consciência aquilo que a pessoa é, para que se realize ao máximo das suas potencialidades.

A ação educativa conduz a pessoa ao *conhecimento de si*, nos seus recursos e nos seus limites. Esta busca em profundidade é um processo necessário, mesmo se às vezes doloroso, em vista de uma passagem para uma vida nova⁴⁷.

Abertos à ação de Deus Pai

123. Educar, antes de ser fruto dos esforços humanos, é obra da graça divina. Deus participa como Criador e *Pai que educa continuamente cada um dos seus filhos agindo diretamente no seu coração* (PEG 19).

Em vista da verdade de si

124. Por si mesmo o caminho educativo tem início no momento em que o indivíduo começa a conhecer a própria realidade pessoal, os seus pontos fortes e fracos.

A educação sinaliza a *passagem da sinceridade à verdade de si*: da leitura subjetiva das próprias sensações à descoberta objetiva da própria realidade; do reconhecer os próprios sentimentos ao compreender as motivações reais do próprio agir... Dando ênfase à verdade da pessoa, a educação ajuda a descobrir, não apenas os recursos muitas vezes secretos, mas também aquela imaturidade que é difícil de controlar e que torna vulneráveis⁴⁸.

Ação educativa

125. O *trabalho de introspecção* - típico do exame de consciência, dos Exercícios espirituais, da direção espiritual e, quando considerada oportuna, da consulta psicológica - ajuda a pessoa a descobrir os oportunos modos operativos para ser sempre menos dependente da própria imaturidade. Poderá aprender, assim, a transformar os próprios limites em “lugar de encontro” com o Pai.

4.2 FORMAR

Rumo à identidade do Servo da Caridade

126. Não basta educar, é preciso também *formar*, isto é, *dar forma* à própria existência segundo o *modelo Jesus Cristo*, que se fez servo por amor.

A ação formativa nos conduz a ser verdadeiramente seus *discípulos*, até *ao estado de homem perfeito, na medida que convém à plena maturidade de Cristo* (Ef 4, 13). No seu seguimento, vivemos em particular os aspectos típicos do *carisma guanelliano*.

⁴⁷ Se bem conduzido, este trabalho dá *grandes frutos* no plano espiritual (basta pensar na consciência das pobreza pessoais) como também no psicológico (quem reconhece o seu mal não se escandaliza diante do mal dos outros, mas o aceita e se compadece).

⁴⁸ Dessa imaturidade é bom conhecer as *raízes* e o *papel* que tem nas dinâmicas da pessoa, compreender as suas *repercussões* nos relacionamentos com os outros, com Deus e consigo mesmo, na vida comunitária e apostólica, no presente e em prospectiva futura.

Adquire forma, assim, a *fisionomia do Servo da Caridade*. Após a “busca em profundidade”, própria da ação educativa, seguem os dinamismos da *Ressurreição*.

Formados por Jesus Cristo

127. A formação dos discípulos é *atividade principal do Filho*. Se a finalidade da nossa consagração é aquela de conformar-nos a Cristo e de interiorizar os seus sentimentos, como também de viver em plenitude de humanidade e santidade, quem melhor do que ele – Mestre e Irmão – pode levar adiante esta obra?

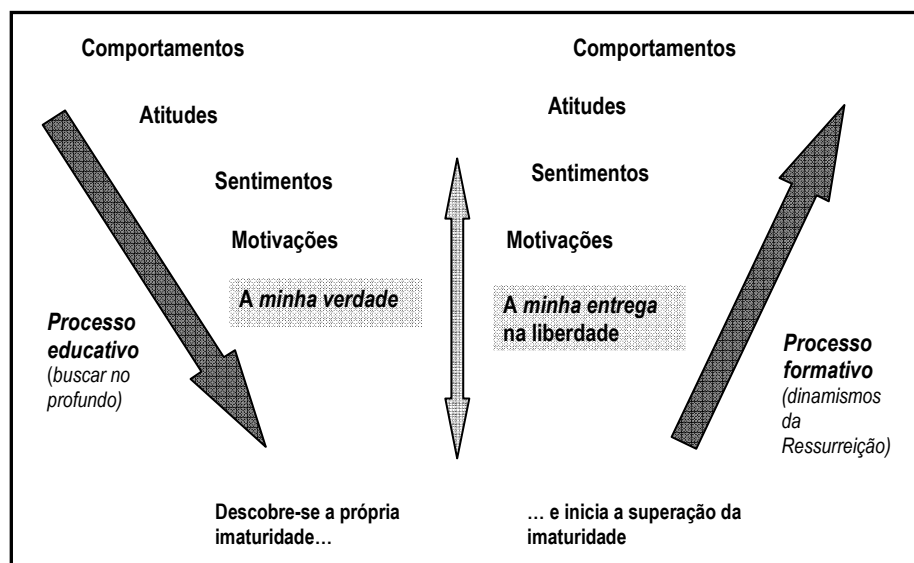
Da verdade de si à liberdade

128. O dinamismo formativo faz com que a pessoa passe *da verdade de si à liberdade* proposta por Jesus. *A verdade vos libertará* (Jo 8,32): livres para deixar-se atrair pela beleza do seu Rosto, pela nobreza dos seus sentimentos, pela bondade do seu agir, pela força do Evangelho.

O trabalho, a essa altura, não é só de eliminação das imaturidades, mas é sobretudo construtivo. A passagem à liberdade tende a *unificar todas as expressões da personalidade em torno do modelo Jesus Cristo*.

Ação formativa

129. O formador deverá ajudar as pessoas a ele confiadas a reconhecer a verdade, a beleza, a bondade e a caridade de Cristo como *objetivos* valores de vida. Ao mesmo tempo, as conduzirá a viver tais valores também *subjetivamente*, como expressão concreta do próprio projeto de vida.



Descoberta da imaturidade e nascimento do homem novo: iter educativo-formativo à luz do mistério Pascal

4.3 ACOMPANHAR

Um serviço na fé e no discipulado

130. O *acompanhamento* é o *colocar-se ao lado* do vocacionado ao longo de um trecho do itinerário vocacional, para ajudá-lo a discernir a vontade de Deus e responder-lhe na fidelidade. É sempre ação coral da Igreja, do instituto, da comunidade e de cada um dos coirmãos⁴⁹. Mais diretamente, este *serviço* é confiado ao responsável pela formação, como irmão maior na fé e no discipulado⁵⁰.

⁴⁹ Este termo deriva da *cum-panio*, “partilho o pão”. Acompanhar significa então partilhar algo de vital como “o pão do caminho”, ou a própria fé, a experiência da procura e do amor dele, a esperança, as dificuldades...

⁵⁰ No decorrer da exposição relativa aos *dinamismos pedagógicos*, as referências ao *formador* são estendidas não somente ao responsável pela formação de cada fase, mas a todas as outras *mediações pedagógicas*.

Com o acompanhamento *o processo educativo e formativo se cumpre à luz do mistério pascal de Cristo*:

- A pessoa, a partir dos comportamentos externos e verificando atitudes, sentimentos e motivações vocacionais, é acompanhada acima de tudo a descer nas próprias imaturidades (*educação*);
- E, depois de tê-las descoberto, é ajudada a superá-las e remontar para motivações, sentimentos, atitudes e comportamentos vocacionalmente mais autênticos (*formação*).

Ação do Espírito Santo

131. O acompanhamento evoca o estilo de Jesus com os discípulos de Emaús; mas é sobretudo *ação do Espírito Santo* (cf. PdV 69). O Espírito, de fato, age em nós (cf. C 37) e nos conduz a adquirir sempre mais a identidade do Servo da Caridade.

Passagem da liberdade à entrega de si

132. A operosa presença do Espírito torna sempre mais disponíveis a acolher as mediações formativas, sem pretender que sejam perfeitas: irmão maior e irmão menor procedem, ambos, no discipulado acompanhados pelo espírito de Deus. Confiança e Dom de si tornam-se o fruto desta intervenção pedagógica, cujo percurso vai desde *a liberdade até a entrega de si*⁵¹.

Modalidade do acompanhamento

133. O acompanhamento implica principalmente três *operações de síntese em torno ao carisma*:

- Guia a releitura da própria *experiência humana* à luz do Dom carismático;
- visa a *qualificar a vida espiritual* como *sequela Christi* nas tonalidades guanelianas;
- ajuda a *unificar* sempre melhor as exigências do discipulado com a *ação apostólica*.

Cada um, assim, poderá aprender a viver o próprio projeto de vida na *sabedoria do coração*, solicitada diariamente a Deus (cf. Sb 9,4)⁵².

Obra do coração e de caridade, com método preventivo

134. Os dinamismos pedagógicos do educar, formar e acompanhar, de acordo com a intuição do Fundador:

- são *especialmente obra do coração* (PEG 31)⁵³;
- *apóiam-se inteiramente na caridade*;
- amparam-se no *método preventivo*, por ele considerado a alma de toda a atividade pedagógica, pastoral e assistencial⁵⁴.

Preparação do formador

135. Tudo isso comporta da parte do formador uma série de intervenções certamente não simples e automáticas, mas que requerem dele uma *particular preparação*.

- *Quanto ao educar*, a ele pede-se um bom conhecimento das dinâmicas psicológicas da pessoa⁵⁵.

⁵¹ Quem se abre ao Espírito confia também nas suas mediações; quem aprendeu a entregar-se ao Espírito não teme em confiar num irmão maior.

⁵² Esta não é a iluminação de um momento, mas uma visão global da própria identidade no mistério do filho: é experiência constante, estendida à vida inteira; é unidade de fé e de vida, na conversão e formação contínua; é capacidade de verdadeiras relações fraternas e empenho apostólico; é alegria no servir Deus nos pobres e os pobres em Deus.

⁵³ O Fundador afirmava que *pelo caminho do coração se abrem muitas veredas para entrar no santuário do coração* (L. GUANELLA, escritos..., 1039). Dizia que *penetrar no coração das pessoas e obter aquilo que se deseja, isto é dom de natureza e de arte utilíssima para todos os estados das pessoas* (L. GUANELLA, escritos..., 37).

⁵⁴ Com tal método *os superiores circundam de afeto paterno os próprios dependentes, e os irmãos rodeiam de solicitude os próprios irmãos, para que nos trabalhos da jornada a ninguém surpreenda qualquer tipo de mal e no caminho da vida todos cheguem à meta feliz* (L. GUANELLA, escritos..., 1029).

⁵⁵ Não é tanto a competência do psicólogo que a ele se pede, quanto a *sabedoria do homem espiritual*, que recorre também às ciências humanas para dispor o coração à obra do Espírito.

- A respeito da ação do *formar*, deve sustentar a assimilação objetiva e subjetiva dos valores, estimulando o envolvimento da pessoa e dando “confissão” da própria fé⁵⁶.
- No *acompanhar*, é necessário que dê testemunho de uma vida alegremente realizada segundo o projeto de Deus e partilhe a fé, as fadigas e a caridade de Cristo⁵⁷.

Em resumo, do formador se exige que saiba *conjuguar a obra do coração com a competência profissional*, para que -fazendo apelo ao critério de *dar pão e Senhor*- saiba prestar atenção à dimensão humana, cristã e carismática da pessoa e favorecer o seu crescimento integral.

	EDUCAR	FORMAR	ACOMPANHAR
<i>Característica geral</i>	Rumo ao conhecimento de si	Rumo à identidade do Servo da Caridade	Um serviço na fé e no discipulado
<i>A ação do Sujeito trinitário</i>	Ação de Deus Pai	Formados por Jesus Cristo	Ação do Espírito Santo
<i>Passagem Pedagógica</i>	Da sinceridade à verdade de si	Da verdade de si à liberdade	Da liberdade à entrega de si
<i>Ação educativa do formador e modalidades de acompanhamento</i>	Trabalho de introspecção	Tender para a objetivação e subjetivação dos valores	Operações de sínteses sobre o carisma

Os três fundamentais dinamismos pedagógicos

Atitudes do vocacionado

136. Colocando-nos mais especificamente na perspectiva do vocacionado, como primeiro responsável da formação tanto inicial quanto permanente, consideramos a sua *abertura ao Mistério*, a *confiança na Providência* e a *docibilitas* como fundamentos para a eficácia dos três dinamismos pedagógicos.

- Pelo fato que a nossa vocação é Dom e Mistério, é preciso que cada um coloque a *categoria do “Mistério” como chave interpretativa* da própria vida. Esta abertura ao plano divino (cf. Ef 1,3-12) é condição necessária para compreender *qual seja a amplitude, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo* (Ef 3,18-19), ao longo do percurso da própria vida.
- Ao mesmo tempo é necessária a *confiança na Providência*. Colocando em Deus as razões da nossa existência, encontramos motivos e força para superar medos e desilusões e libertar-nos da tentação de colocar as seguranças somente nas estratégias humanas.
- Igualmente indispensável é a *docibilitas*, como disponibilidade de discípulo em deixar-se trabalhar pelas mediações pedagógicas⁵⁸. Ela é instrumento para alcançar aquele *habitus*

⁵⁶ Trata-se da dúplice ação da objetivação e da subjetivação. Para a objetivação é preciso que o formador seja enamorado pela beleza da vocação e que saiba testemunhar aquilo que propõe aos outros. A subjetivação, a seguir, lhe exige de saber intervir sabiamente sobre o *coração* do outro para que se enamore de Deus, sobre a *mente* para que o contemple e sobre a *vontade* para que aprenda a cumprir os seus desígnios.

⁵⁷ O *acompanhamento* poderia ser comparado à *atividade de um camponês*. Depois de virar a terra (= educação) e a semeadura da boa semente (= formação), é preciso ter todas aquelas atenções que o bom camponês reserva à plantinha que está crescendo. *O coração de uma pessoa religiosa é como a terra de uma horta e de um jardim que, cultivada, produz flores e frutos de bênção. Se diz que a horta deve encontrar o homem morto, no sentido que todos os dias e por toda a vida o horticultor encontra ali algo para trabalhar e para recolher* (L. GUANELLA, *Le vie...*, 77).

⁵⁸ Entre estas mediações a primeira é aquela divina, em relação à qual a *docibilitas* pode-se comparar à disponibilidade da argila em deixar-se trabalhar pelo oleiro: *Por ventura não poderei agir convosco, casa de Israel, como este oleiro? Oráculo do Senhor. Assim, como a argila é nas mãos do oleiro, assim vocês são nas minhas mãos, casa de Israel* (Jr 18,5-6).

formativo que - tornando capazes de aprender com cada situação e com cada pessoa – permitirá manter juventude e entusiasmo à vida consagrada⁵⁹.

Características do itinerário formativo

137. Os dinamismos pedagógicos se exprimem num *claro e unitário itinerário formativo* que, na busca das suas finalidades, leve em consideração a progressiva maturação da pessoa. Deus mesmo, de fato, habitualmente não desordena as leis do vir a ser humano, mas respeita os seus tempos e ritmos⁶⁰.

O processo formativo, portanto, não pode limitar-se a um rígido número de anos, porque requer *um tempo suficientemente longo* a ser aceito e respeitado sem pressa, mas também sem atraso injustificado (cf. RC 4)⁶¹.

Convictos de que o empenho formativo dura por toda a vida (cf. C 84), é inegável que se distingam, ao longo do itinerário vocacional, algumas *etapas formativas*.

⁵⁹ A *docibilitas* é um claro indicador vocacional, porque permite dispor-se a realizar a viagem para dentro de si, a procura das imaturidades que tornam menos autêntica a vocação e menos livre a resposta. Ela influi sobre três dinamismos pedagógicos. Quanto à *educação* prepara para o efetivo conhecimento de si, para colocar em ato aqueles mecanismos que consentem governar as imaturidades e/ou de liberar-se delas. No âmbito da *formação*, leva a unificar a própria vida em torno dos pólos da nossa identidade e pertença. No *acompanhamento*, contribui para alargar os espaços da liberdade efetiva, a amar a própria vocação e a agir segundo a identidade guanelliana.

⁶⁰ *A terra produz espontaneamente, primeiro a erva, depois a espiga e por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou* (Mc 4, 28-29).

⁶¹ Os tempos de formação não devem ser calculados somente em base aos dados da pessoa ou a cursos escolares ou a títulos conseguidos, mas devem ser avaliados sobretudo em referência à maturação humana, espiritual e carismática alcançada.

5. ETAPAS FORMATIVAS

Etapas do itinerário formativo

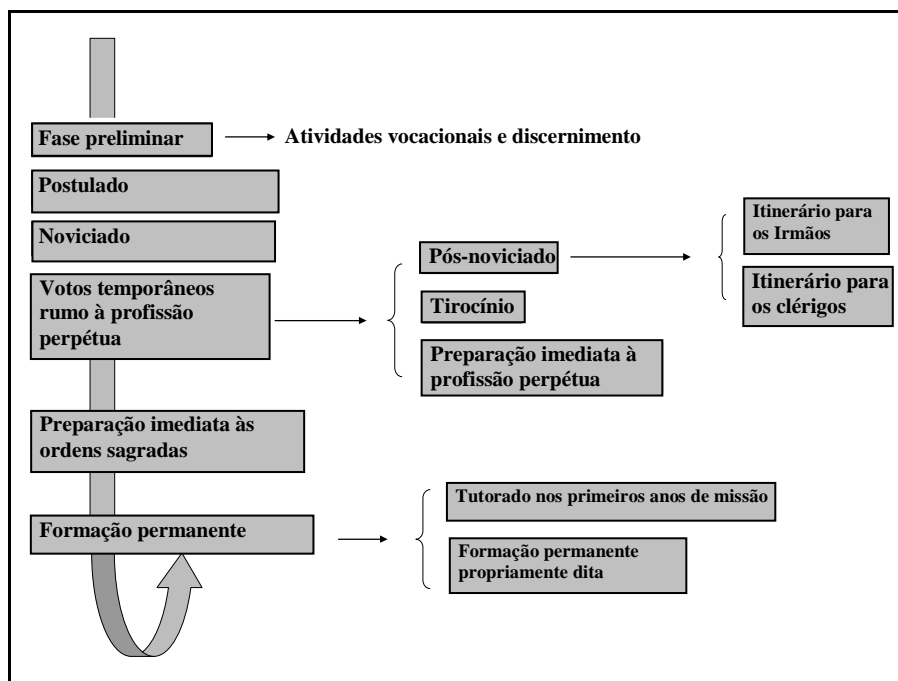
138. A distinção das etapas não deve fazer perder de vista a unidade do inteiro processo; cada etapa se propõe em favorecer o amadurecimento vocacional da pessoa com *acentuações próprias*⁶². Para garantir a especificidade de cada etapa, o nosso projeto formativo define *objetivos, conteúdos, núcleos temáticos, meios e dinamismos formativos*, em sintonia com o *Quadro de referência* e a pluralidade convergente da *dimensão humana, espiritual e carismática*.

As etapas que compõem o itinerário formativo são as seguintes:

- *Fase preliminar: atividades vocacionais e discernimento*
- *Postulado*
- *Noviciado*
- *Votos temporários rumo à profissão perpétua, em três fases:*
 - *Pós-noviciado* em dois percursos: para os Irmãos e para Clérigos;
 - *Tirocínio* no apostolado;
 - *Preparação imediata à profissão perpétua*.
- *Preparação imediata às ordens sagradas*.
- *Formação permanente em duas fases:*
 - *Supervisionado* nos primeiros anos de missão;
 - *Formação permanente propriamente dita*.

As etapas mencionadas são aquelas oficialmente reconhecidas pelo Magistério e pela nossa tradição. A entrada no postulado pressupõe um tempo de *atividade vocacional e discernimento*, como fase preliminar.

A seqüência das etapas nos leva a reconhecer que a formação inicial tem como desembocadura a formação permanente.



ITINERÁRIO FORMATIVO DOS SERVS DA CARIDADE

⁶² Seria prejudicial ceder à tentação de querer fazer um pouco de tudo em cada fase, com o risco de nunca fazer seriamente o trabalho previsto para cada etapa. E então é conveniente insistir sobre o amadurecimento humano e cristão na *preparação ao noviciado*, aprofundar a experiência espiritual na *etapa do noviciado*, insistir sobre a preparação doutrinal nos *anos da profissão temporária* e, para os *candidatos ao sacerdócio*, cuidar da dimensão sacerdotal durante os estudos teológicos.

5.1 FASE PRELIMINAR: ATIVIDADES VOCACIONAIS E DISCERNIMENTO

Natureza da fase preliminar ao postulado:

139. O itinerário formativo pressupõe uma fase preliminar que consiste *num período de atividades vocacionais e de discernimento* (cf. PdV 62) organizadas pelas Províncias, vice-Províncias e Delegações, segundo a indicação da presente *Ratio Formationis*.

Nele se propõe de ajudar cada pessoa a acolher a vida como vocação e a colocar-se em atitude de *procura e discernimento* da vontade divina⁶³, mesmo que não necessariamente chegue à escolha da consagração.

A. Busca vocacional

140. A vida é vocação, um chamado que vem do Alto, daquele Deus que cria por amor e, porque ama, chama⁶⁴; é um Dom que se realiza na resposta livre a uma inspiração particular, a ser descoberta nas circunstâncias concretas de cada dia (cf. PCS 55)⁶⁵. Esse diálogo leva a desenvolver uma atitude de procura que prepara para acolher com coragem o Dom do chamado⁶⁶.

B. Discernimento

141. A fase do discernimento realiza a *passagem da procura à descoberta* da própria vocação. Como *momento excelentemente formativo*, permite à pessoa de conhecer-se e de intuir a correta direção que deve imprimir à própria vida, até clarear para qual dos três estados de vida orientar-se (vida laical, vida consagrada, ministério ordenado)⁶⁷. O cuidado da dimensão vocacional *orienta a pessoa a interpretar a própria experiência à luz do projeto de Deus* (PCS 55).

C. Proposta de consagração guanelliana

142. Pode acontecer que uma pessoa, na escuta do espírito, entre os tantos modelos de vida descubra *o padre Luís Guanella como figura viva e atraente*. Então começa a conhecê-lo e a senti-lo companheiro de viagem na fé e na simpatia, até ao ponto de desejar seguir suas pegadas. Deixando germinar as sementes da vocação provavelmente escondidas no seu coração, a pessoa poderá iniciar a *discernir o chamado à nossa vida consagrada*. A ela se abrirá, portanto, a fase da *hipótese vocacional*, que leva a se interrogar “se” Deus a chama à vida consagrada na direção carismática guanelliana.

Lugares educativos

143. A busca vocacional e o discernimento personalizado se desenvolvem habitualmente em apropriados *lugares educativos*, graças aos quais a pessoa tem a possibilidade de encontrar Deus que a convoca e de responder-lhe começando a colocar-se no seguimento de Jesus Cristo.

⁶³ Cada etapa da existência tem significado vocacional, por isso cultivamos uma *atenção vocacional* para com toda pessoa especialmente se jovem, por motivo da projetualidade que caracteriza a sua idade.

⁶⁴ JOÃO PAULO II, *A Eucaristia fonte de toda vocação e ministério na Igreja. Mensagem em ocasião da 37ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações* 14/5/2000, 3.

⁶⁵ Com o Dom da vida, a pessoa recebe o convite para realizar o próprio ser como resposta – histórica, livre e responsável – ao *Pai* que chama à vida, ao *Filho* que chama ao seguimento e ao *Espírito* que chama à santidade.

⁶⁶ A busca, enquanto suscita perguntas vocacionais, faz amadurecer a consciência de ser plenamente inseridos na *história da salvação* com uma vocação própria que é dom, mistério e empenho.

⁶⁷ *Cada membro do Instituto* – alegre pela própria vocação e desejoso de procurar outros colaboradores para o Reino de Deus (cf. C 86) – se esforça para uma *eficaz e personalizada formação humana e cristã dos jovens*, suscitando as necessárias *perguntas existenciais*. Acompanha seus tempos de *procura* e, àqueles que manifestam o desejo de seguir Cristo na vocação à vida consagrada, propõe um tempo de *discernimento residencial* mais cômico e adequado.

A. família

144. A fase preliminar ao ingresso no Postulado se começa a viver na família. Ela se torna *eco da voz de Deus* quando se vivem em “chave vocacional” as relações familiares: relacionamento conjugal, paternidade, maternidade, filiação, sentido eclesial e atenção aos pobres⁶⁸.

B. Comunidade paroquial

145. As comunidades paroquiais, especialmente aquelas confiadas à nossa animação, constituem os *ambientes naturais para o anúncio, a proposta e o acompanhamento vocacional*. Cada rapaz, jovem, adulto tem a oportunidade de apreciar as vocações que edificam a Igreja.

C. Nas nossas comunidades religiosas

146. A coerência de *vida de cada coirmão* e o alegre testemunho do carisma guanelliano na *vida comum* e no *empenho apostólico*, resultam eficazes meios de animação e pastoral vocacional⁶⁹.

D. Pastoral juvenil

147. Entre os lugares educativos é central a *pastoral juvenil* nas suas diversas formas: educação humana e cultural, formação à vida cristã, catequese, direção espiritual, vida sacramental, voluntariado, serviço civil, propostas formativas anuais dirigidas a grupos e movimentos juvenis... Ordinariamente a pastoral juvenil desemboca e se desenvolve na *animação* e na *pastoral vocacional* propriamente dita.

- Os *oratórios* se revelam ambientes de fé vocacionalmente significativos, pontos de referência para abrir-se a Deus e aos outros.
- Os *movimentos de inspiração guanelliana* oferecem terreno propício de formação quando sensibilizam para o valor da vocação comum e específica e acompanham os jovens, com idôneos percursos formativos, no discernimento do seu projeto de vida e na difusão da cultura da caridade.
- *Escola e universidade*, onde muitas vezes atuamos, tem particular relevo na animação vocacional. O nosso empenho contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes e *se estende à promoção da cultura da vocação* (PCS 56), suscitando as grandes perguntas e testemunhando o nosso carisma.
- As *nossas casas* através da pastoral da caridade ajudam a aperfeiçoar a sensibilidade para com as pobres que afligem a sociedade humana e se tornam lugar vocacionalmente educativo⁷⁰.

E. Pastoral familiar

148. Pelo fato que os primeiros fundamentos de toda vocação se colocam na família, ela se torna um importante ambiente educativo que deve ser reconhecido, formado e sustentado através de uma apropriada ação pastoral.

Lugares educativos particulares

149. Existem lugares particularmente apropriados para levar adiante a procura e o discernimento, como os “Grupos vocacionais” e as “Comunidades de Acolhida vocacional em forma residencial”.

⁶⁸ Para que amadureça uma vocação é preciso ter um ambiente familiar que ajude a tomar consciência do chamado e a desenvolver as potencialidades em causa. É significativa, a este respeito, a descrição que o padre Luís Guanella, nas suas memórias, deixa da sua família (cf. L. GUANELLA, os caminhos..., 9-47).

⁶⁹ As nossas comunidades tornam-se *comunidades geradoras de vocações* quando testemunham a *diaconia da fé e da caridade* (cf. C 86). O padre Luís escrevia: *A caridade do instituto deve ser ímã que atrai incansavelmente para a virtude que tem em si, virtude que nos Servos da Caridade é de dileção e de sacrifício* (L. GUANELLA, escritos..., 1257).

⁷⁰ A acolhida do necessitado (cf. Jo 5,7) insere no coração a consciência de que o pobre é um valor. De acordo com o modelo do bom Samaritano, a pessoa poderá alegrar-se em assumir o encargo do necessitado e verificar a perspectiva de uma dedicação na vida consagrada guanelliana.

- O *grupo vocacional* é um ambiente particularmente apropriado para os rapazes e os jovens que já completaram um bom caminho de fé e que sentem a necessidade de uma orientação sistemática para a avaliação e o crescimento vocacional⁷¹.
- A *Comunidade de Acolhida vocacional em forma residencial* ou de *Seminário menor* ou de *Aspirantado*, é um local ainda mais especificamente apto para o acompanhamento vocacional⁷².

Duração

150. A fase preliminar ao Postulado durará *o quanto for necessário* para passar da fase da hipótese vocacional a uma primeira escolha mais solidamente fundada, e começar a superar eventuais dificuldades em ordem ao desenvolvimento humano e cristão. Se forem necessárias paradas, esclarecimentos, verificações e estudos, não se deve deixar levar pela pressa⁷³.

Objetivo geral

151. O objetivo geral desta etapa é favorecer a *busca vocacional*, um adequado *discernimento* e a específica *escolha vocacional*⁷⁴.

Objetivos intermediários

152. Para chegar a essa escolha, a nossa ação visa *delinear a identidade vocacional* das pessoas a quem é dirigida, pronta a *descobrir as problemáticas* que podem impedir adequadas escolhas vocacionais⁷⁵.

A. Na dimensão humana

153. Quanto à *dimensão humana* se ajudará cada aspirante a superar as formas do individualismo e desorientação, despertando o *desejo de vida plena*⁷⁶. Para favorecer uma sólida construção da personalidade⁷⁷, lhe serão oferecidos adequados modelos de referência⁷⁸.

Nesta fase, considera-se como condição preliminar o processo de uma proporcionada maturidade pessoal, sem a qual seria ilusório começar um real processo formativo⁷⁹.

⁷¹ A atividade deste grupo prevê a *oração cotidiana por todas as vocações*, a *sensibilização vocacional da comunidade eclesial*, a *acolhida periódica dos jovens* nas comunidades para iniciativas de reflexão e de serviço.

⁷² Em geral, a experiência da *Comunidade de Acolhida em forma residencial* ou do *Seminário menor* acontece *junto a uma casa nossa propositadamente erigida para tal fim*, que tem uma fisionomia própria e uma própria equipe formativa. Assume *duas distintas formas*: aquela de *primeira acolhida e discernimento vocacional de base*, para aqueles que desejam confrontar-se com a Palavra de Deus e que pretendem viver com maior radicalidade o seu cristianismo; e aquela do *acompanhamento vocacional à vida consagrada* voltado a aqueles que vem residir entre nós para conhecer e experimentar os valores da vida guanelliana.

⁷³ Em tal período à pessoa será dada também a *oportunidade de completar* os estudos de base ou os estudos universitários já encaminhados.

⁷⁴ Cada pessoa tem o direito de receber os auxílios necessários para colher e desenvolver a própria vocação específica segundo o Evangelho, que pode ser para o *matrimônio*, para o *celibato empenhado*, para a *vida consagrada*, para o *ministério ordenado*.

⁷⁵ A identidade vocacional é um Dom e uma conquista. É necessário que *as pessoas sejam educadas para poder escolher*, isto é, que “decidam escolher” aquilo que é mais útil para a construção de “si” e para a fidelidade à vontade de Deus.

⁷⁶ As vezes os desejos mais profundos e autênticos do jovem estão adormecidos ou mortificados. É preciso, portanto, ajudá-lo a entender e escolher *quem ele quer ser*.

⁷⁷ Aqueles que pretendem abrir-se ao chamado do Senhor, devem *viver em cheio a força da sua personalidade* insistindo, acima de tudo, sobre uma estável *identidade humano-afetiva-sexual*; sobre a *relação* com Deus e com os outros e sobre as *capacidades de assumir atividades apostólicas e compromissos de estudo*. Os elementos acima citados, proporcionalmente à idade, determinam uma sábia construção da personalidade.

⁷⁸ Substancialmente os modelos são estes: as *Pessoas divinas da Santíssima Trindade* enquanto fonte de todo chamado; a *Igreja*, geradora e educadora das vocações; o *Fundador*, com o seu carisma e a sua vida santa; a *Congregação*, chamada a suscitar e educar as próprias vocações.

⁷⁹ É possível encontrar *situações problemáticas*, quais: contínua instabilidade e incoerência de vida; incapacidade de intuir e respeitar sentimentos e problemas alheios; excessivo dobrar-se sobre si; dificuldade de concentrar-se, escassa

B. Na dimensão espiritual

154. A respeito da *dimensão espiritual*, se procurará aproximar o aspirante ao Senhor Jesus de modo pessoal e envolvente, para que possa *viver em Cristo* (cf. Fl 1,21) no *seguimento* e na *imitação*⁸⁰.

Um seguimento sem imitação é uma mentira existencial; uma imitação sem seguimento se reduz a um moralismo impessoal. A partir dessa dualidade é necessário cultivar os *traços principais da identidade cristã*: a *experiência da graça*, o *encontro pessoal com Cristo*⁸¹, a *vivência eclesial*, a *resposta moral*, a *presença de Maria*.

Trata-se de elementos fundamentais, independentes de tempos, culturas e lugares, mesmo que se concretizem com modalidades diversas segundo a variedade dos contextos culturais. A melhor síntese de tudo isso continua sendo a expressão de São João: *Este é o seu mandamento: Que acreditemos no nome do seu filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o preceito que nos deu* (1Jo 3,23).

C. Na dimensão carismática

155. Em relação à *dimensão carismática*, a nossa ação requer que se faça *unidade entre o humano e o cristão* ao redor do carisma. Nele os aspirantes poderão descobrir as *preciosas lapidações* que os levarão a ter as primeiras experiências da paternidade de Deus, filiação divina, da fraternidade, da familiaridade, da caridade e da missão entre os pobres. Do encontro com o fundador poderá surgir interesse para com a identidade guanelliana e simpatia em relação à nossa família religiosa e à sua missão.

Conteúdos formativos

156. Em relação à idade e aos objetivos a alcançar nesta fase, serão propostos *conteúdos específicos* que consintam um adequado discernimento e desenvolvimento das qualidades humanas, cristãs e carismáticas (cf. PdV 62)⁸².

Meios

157. A proposta formativa se apoiará sobre meios formativos já presentes no *Quadro de referência*, mas com matizes adequadas ao caminho de quem está em busca e discernimento.

158. A escuta da *Palavra* cria o espaço para que o aspirante descubra a verdade do próprio ser e do projeto de vida que o Pai lhe confia. É necessário, portanto, educar os rapazes e os jovens para que sejam fiéis à *oração* e à *meditação da Palavra de Deus*: no silêncio e na escuta poderão perceber o chamado do Senhor à vida religiosa e às Ordens sagradas e responder com generosa prontidão.

159. As *celebrações litúrgicas*, eventos vocacionais por excelência, oferecem momentos privilegiados de experiência de Deus e constituem uma escola da resposta ao chamado. Sobretudo

capacidade de controlar os próprios impulsos; repentinas passagens de estado de ânimo; incapacidade de integrar os aspectos positivos e negativos da realidade; dificuldade de entrar na perspectiva alheia; tendência a evitar as escolhas e a defender-se da insegurança e da diversidade; pouca disponibilidade de fazer um caminho de crescimento; declínio do tom geral (perda de interesses, esmorecimento espiritual, fácil irritabilidade, desleixo no próprio estilo de vida, escasso interesse pelas relações interpessoais); fenômenos de compensações (abuso de comida, álcool, fumo, meios de comunicação...).

⁸⁰ O seguimento envia a uma relação interpessoal de adesão, de paixão, até ao ponto de poder dizer: *para mim, o viver é Cristo* (Fl 1,21). A *imitação* consiste numa progressiva assimilação do seu pensar (cf. 1Cor 2,16), sentir (cf. Fl 2,5) e agir.

⁸¹ Trata-se de uma experiência real, vivida na *fé*, na *Igreja*, na *oração*, na *vida sacramental*, e no exercício do *amor fraterno* (cf. Jo 4,42).

⁸² Os *núcleos temáticos* poderão referir-se à consciência de si, à percepção da paternidade de Deus, ao sentido do seguimento e da imitação de Jesus Cristo, à experiência de Igreja, aos tradicionais meios da Graça, ao estudo da vocação comum e das vocações específicas e ao que se refere a um inicial conhecimento do Fundador, do Instituto e da vida consagrada.

na *Eucaristia*, aqueles que estão em discernimento encontrarão a fonte e o alimento de toda vocação sacerdotal e religiosa.

160. A *oração*, pessoal e comunitária, torna-se um momento essencial para o discernimento vocacional. A pessoa se coloca em relação com Deus do qual deriva toda vocação, experimenta a sua benevolência e amadurece respostas generosas no seu cotidiano.

161. Através do *diálogo com o educador*, o aspirante é ajudado a assumir a *vida como vocação* e a traduzi-la em *projeto* de vida. Enquanto isso consolida a sua personalidade através de *motivações verificadas* no dia a dia e *se reconcilia* com o seu passado. Começa a passar da disponibilidade genérica àquela específica do *Dom de si*; a manter aberto o *confronto entre os diversos chamados vocacionais* e a *acolher um deles*. É guiado, além disso, a verificar a própria *idoneidade* a uma possível vocação de especial consagração e, quando *escolhe um caminho formativo específico*, é incentivado a *cumpri-lo com empenho*.

162. Quando a fase preliminar ao Postuladado chega ao momento da acolhida vocacional residencial, o diálogo assume as características da *direção espiritual* e do *colóquio de crescimento humano*, e poderá valer-se também do auxílio das ciências psico-pedagógicas.

Para favorecer a integração dos aspectos humanos, cristãos e carismáticos num projeto global de promoção pessoal, se retém útil que a direção espiritual e os colóquios de crescimento sejam *oferecidos pelo formador*.

163. A *educação à virtude da castidade, da pobreza e da obediência*, predispõe a viver a vida no Dom livre e responsável de si aos outros, o induz ao testemunho do primado do ser sobre o ter, o prepara a colocar-se inteiramente à serviço do Evangelho e do Reino de Deus numa específica forma de vida.

164. A primeira aproximação com as nossas comunidades, através das diversas iniciativas vocacionais colocadas em ato, introduz nos *valores da vida fraterna*. Em particular, quem se apresenta à nossa vida comum tem a possibilidade de descobrir nela *uma escola onde se aprende a amar Deus, a amar os irmãos [...] com quem se vive, a amar a humanidade necessitada da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna* (VfC 25). Tal testemunho constitui grande atração pela vida religiosa, porque as comunidades que rezam e testemunham a caridade, anunciam com a vida o Evangelho.

165. Também o *estudo* e o *trabalho* constituem momentos irrenunciáveis da fase preliminar ao ingresso no Postulado, quais instrumentos de conhecimento e experiência, tão necessários para dar fundamento à futura formação espiritual e pastoral.

166. As *nossas atividades apostólicas* podem resultar particularmente significativas para quem está em busca vocacional: o serviço de caridade, na comunidade eclesial, favorece experiências de fé na direção da escuta, diálogo e resposta ao chamado pessoal de Deus⁸³.

Dinamismo formativo

167. Esta fase preliminar exige que toda escolha vocacional amadureça através do *método do anúncio vocacional*⁸⁴, da *proposta*⁸⁵ e do *acompanhamento*⁸⁶. A nossa ação tende a fazer

⁸³ O apostolado está entre os meios privilegiados para discernir a própria vocação, porque a *experiência de serviço, se bem preparada e guiada*, torna-se experiência de grande humanidade e leva a conhecer melhor a si mesmos e à dignidade alheia, e também a beleza do dedicar-se aos pobres.

⁸⁴ Toda a nossa ação pastoral é animada pela dimensão vocacional. Através do convite “*vem e vê*”, favorecemos o encontro com as nossas comunidades e o conhecimento da linguagem da caridade.

amadurecer no aspirante a *decisão* de passar pela experiência do postulando na Casa para isso constituída, ou para orientar-se em direção à vida matrimonial ou ao celibato empenhado.

Mediações pedagógicas

168. Toda vocação, *como todos os dons que vem de Deus, chega através de muitas mediações humanas: aquela dos pais ou dos educadores, dos pastores da Igreja, de quem é diretamente empenhado num ministério de animação vocacional ou do simples fiel*⁸⁷.

As mediações humanas ajudam a pessoa a reconhecer o Dom recebido, dando prioridade à ação mediadora da *Graça*, a qual poderá dar aos outros agentes da formação, clareza interpretativa e coragem de decisão.

- A mediação dos *pais* se exercita prevalentemente na família, enquanto que aquela dos *educadores* exercita-se nos outros lugares educativos.
- Cada *Servo da Caridade* e cada *comunidade* nossa se colocam à serviço da pessoa no seu diálogo com Deus.
- O *coirmão designado para o acompanhamento vocacional e para o discernimento* junto à “Comunidade de Acolhida vocacional” (Aspirantado) ajuda o vocacionado a descobrir os sinais de Deus na própria história e lhe propõe um itinerário formativo personalizado.
- A mediação da *Igreja* é de particular importância, dado que compete a ela estabelecer os critérios de idoneidade para a acolhida nas seguintes etapas formativas e as linhas orientadoras para o acompanhamento, a formação e a admissão às ordens sagradas (cf. OT 6).

Condições prévias para a admissão ao postulado

169. Para que a escolha vocacional seja feita de maneira responsável, é preciso antes de mais nada que o candidato reconheça o *primado de Deus*; seja capaz de uma *autêntica liberdade*; tenha uma atitude de confiante *abandono à obra da Graça*; e, enfim, seja consciente de estar *inserido no corpo de Cristo que é a Igreja*.

Permanecendo a condição de que *não existam impedimentos canônicos para o Noviciado* (cf.: c 643; R 162), a pessoa que pede para ser admitida ao postulado deve ter a idade prevista pelo cânone 656. Além disso, deve ter alcançado *suficientemente* os seguintes objetivos:

- *reta intenção e condições físicas e psíquicas* adequadas à idade;
- *disponibilidade* à ação formativa;
- proporcionado grau de *maturidade humana*, para construir a opção vocacional guanelliana e sustentar o caminho formativo;
- suficientes *sinais* do chamado divino e *inclinação* de aderir a ele;
- *opção* pela vocação guanelliana⁸⁸;
- *conhecimento* da doutrina da fé e da natureza da vida consagrada e do instituto;
- introdução aos métodos de *oração*;
- *comportamentos* conformes à tradição cristã.

⁸⁵ O momento da proposta permite à pessoa de pensar o quanto seja bom, belo e verdadeiro um projeto de vida no seguimento de Cristo. É preciso ter a coragem de *semear* com amplitude tal proposta, para que cada um possa ler os sinais de Deus sobre si e examinar se ele é portador de um Dom vocacional específico.

⁸⁶ Aqueles que mostram uma certa atração pela vida consagrada ou pelo ministério ordenado são acompanhados na descoberta da própria vocação num clima de grande liberdade e sob a guia do Espírito Santo. Enquanto é necessário um *acompanhamento personalizado*, é preciso também um *acompanhamento de grupo*: ambos são momentos complementares e decisivos para uma escolha vocacional madura.

⁸⁷ JOÃO PAULO II, *Mensagem do Santo Padre João Paulo II em ocasião da 37ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações*, 14/05/2000,3.

⁸⁸ O padre Guanella insistia sobre a necessidade de colher *claros sinais de vocação*, de *reta intenção* e de *vontade sincera* (cf. L. GUANELLA, *Escritos...*, 1258. 1264).

Pedido de admissão

170. Enquanto que o *pedido de admissão à fase do discernimento residencial* é dirigido ao responsável pela formação na Comunidade de Acolhida vocacional (Aspirantato) o *pedido de admissão ao Postulado* deve ser apresentado por escrito ao Superior competente, (cf. R 162).

Na conclusão desta fase, caberá ao coirmão responsável avaliar se é oportuno admiti-lo ao Postulado. A admissão *é título de pertença a uma determinada Província* (R 162).

Declaração

171. O pedido de entrada na Comunidade de Acolhida vocacional deve ser acompanhado per uma *declaração escrita*, na qual o aspirante, de próprio punho, atesta de iniciar a experiência somente para o discernimento vocacional e não por motivos de trabalho ou de voluntariado⁸⁹.

⁸⁹ O aspirante poderá utilizar a seguinte fórmula: *Declaro: Que a minha entrada na (Comunidade de Acolhida vocacional o) dos Servos da Caridade – Obra Don Guanella – e as atividades que exercerei neste período não têm caráter de contrato de trabalho, nem de voluntariado. As minhas prestações e os meus serviços em favor do Instituto são em título gratuito e em vista do discernimento vocacional.*

5.2 POSTULADO

Natureza do Postulado

172. O itinerário formativo à vida consagrada guanelliana começa propriamente com o Postulado⁹⁰, realizado junto à Casa de formação designada para tal finalidade pela Província de pertença.

O Postulado é a fase que fecha o período do Aspirantado e prepara a entrada para o Noviciado (cf. PI 43): encaminha uma participação mais próxima à vida do Instituto; é *tempo de formação a todos os efeitos*⁹¹.

Desde os primeiros passos, o candidato será ajudado a fazer crescer aqueles germens de vocação que o Espírito colocou no seu coração. *Ele poderá chegar à opção guanelliana con o pedido de admissão ao Noviciado, ou então poderá orientar a sua vida diversamente.* O postulado, assim, fecha a fase da hipótese vocacional e abre a da opção para o “sim”, na disponibilidade a deixar-se formar pelo Instituto.

Por sua natureza a Postulado exige um tempo congruente, normalmente não inferior a seis meses durante os quais o candidato é livre de compromissos de estudos acadêmicos, para uma preparação específica para o Noviciado.

Lugar

173. O Postulado é efetuado em uma comunidade considerada apta e aprovada pelo Superior provincial e seu conselho (R 164). normalmente fora da casa do Noviciado, e pode coincidir com a sede da Casa de Acolhida vocacional (Aspirantado).

Duração

174. A experiência *inicia* quando o Instituto aceita o explícito pedido por parte do candidato cf. R 162.322) e *termina* quando ele manifesta a decisão de iniciar uma primeira experiência de vida junto ao nosso Instituto, para a qual o próprio Instituto o reconhece idôneo⁹², ou quando decide se afastar.

Em sintonia com a legislação da Igreja cf. RC 4.11-12; c 597) e com os nossos Regulamentos, o Postulado tem uma *duração mínima* de seis meses e normalmente não deve ser protelado para além de dois anos (cf. R 166).

Objetivo geral

175. O objetivo geral do Postulado é o de preparar o candidato ao Noviciado. Isto exige que cada candidato, *tendo tomado consciência do chamado por parte de Deus*, [alcance] *um tal grau de maturidade humana e espiritual que lhe permita responder a este chamado com suficiente escolha livre e responsável* (RC 4)⁹³.

Objetivos intermédios

176. Em vista do objetivo geral, o candidato deve atingir suficientemente os *objetivos intermédios* a ele funcionais.

A. Na dimensão humana

177. Quanto à *dimensão humana*, o Postulado deve levar à maturidade conveniente para garantir o prosseguimento da formação: um *discreto conhecimento de si mesmos*, uma *progressiva educação à liberdade* e uma *suficiente maturidade intelectual, afetivo-sexual e volitiva*. e a obtenção daquele grau de cultura religiosa e de conhecimento catequético indispensável para continuar o caminho

⁹⁰ Ao referir-se a esta etapa formativa usam-se diversos termos: *Probandato, Postulantado, Postulado* (R 161), *Pré-noviciado* ou outros derivados. A nossa *Ratio* privilegia o termo *Postulado*, usado pela Constituição.

⁹¹ O padre Luís Guanella sublinhava esta necessidade *de provar-se reciprocamente* [porque] *é algo de máximo interesse que o Instituto, o qual assume a responsabilidade de um novo membro, tenha a garantia do bom êxito do mesmo, porque se for bom será de grande ajuda na casa, se pouco apto será mais de incômodo que de utilidade, se inapto seria de dano ou de perigo. Por isso há a necessidade de provar-se reciprocamente* (L. Guanella, *Escritos...*, 1263).

⁹² Esta etapa, *que não precisa ter medo de prolongar, deverá aplicar-se a verificar e a esclarecer alguns pontos que permitam aos superiores de pronunciar-se sobre a oportunidade e o momento da admissão ao Noviciado. Cuidar-se-á de não se precipitar na data desta admissão nem a deferi-la indevidamente, contanto que se chegue a um parecer certo sobre as garantias oferecidas pela pessoa dos candidatos* (PI 43).

⁹³ O grau de maturidade deve ser tal que se possa *iniciar o Noviciado sem ter que retroceder ao nível de um curso de formação geral de base ou de um catecumenato* (PI 43).

formativo⁹⁴ Poderá ser necessária a complementação dos estudos de base – pelo menos para os candidatos ao sacerdócio (cf. R 161)⁹⁵ –.

Lembre-se o que estabelece o n. 161 de nossas Regras, porque, antes do Noviciado, pelo menos os candidatos para o Sacerdócio, e normalmente também os candidatos para Irmão, concluiu os estudos de base.

B. Na dimensão espiritual

178. A respeito da *dimensão espiritual*, o Postulado visa a dar início ao processo de *conversão pessoal, de seguimento e imitação de Cristo*. Propõem-se de reavivar a *consciência do amor de Deus* e a *certeza de poder corresponder-lhe* e solicita concretos *sinais de crescimento nas virtudes morais* como também na *fé, na caridade e na esperança*.

C. Na dimensão carismática

179. Em relação à *dimensão carismática*, o candidato é orientado a descobrir o significado que o *carisma do Fundador e do Instituto* têm em referência à *própria identidade vocacional, à pertença e ao sentido da missão* que será chamado a desenvolver.

É o Instituto, de fato, que o ajuda a definir a específica identidade vocacional para a qual encaminhar-se: como Irmão religioso, como religioso diácono permanente, como religioso sacerdote, como associado clérigo ou leigo⁹⁶. Ao mesmo tempo, aceita a autenticidade do chamado e da resposta livre e responsável.

Conteúdos Formativos

180. Proporcionalmente à idade e aos objetivos a serem alcançados, na etapa do Postulado serão propostos *conteúdos* relativos à dimensão humano-afetiva, cristã e carismática (cf. RC 4)⁹⁷, através de específicos *núcleos temáticos*⁹⁸.

Meios

181. A proposta formativa se valerá dos *meios* já apresentados, mas com características adequadas ao caminho que se está realizando, segundo o que o nosso Regulamento define (cf. R 163)⁹⁹.

182. Com a *escuta da Palavra de Deus*, o candidato se colocará em contato com Jesus - Palavra vivente; aprenderá a captar a sua presença dentro da sua história pessoal, que é também história de salvação.

183. A *vida sacramental* ensinará a fazer da *Eucaristia* –que é vida da Igreja e do Instituto- o *lugar privilegiado para o encontro com o Senhor* (RdC, 26). Ali o postulante fará convergir as suas aspirações, as suas fadigas e os seus projetos, o exercício das virtudes...

⁹⁴ Acontece, de fato, *que os candidatos que se apresentam não tenham todos completado a sua iniciação cristã (sacramental, doutrinal e moral) e falem de alguns elementos de uma vida cristã ordinária* (PI 43).

⁹⁵ A cultura de base para os candidatos ao sacerdócio *deve corresponder àquela que geralmente se espera de um jovem que concluiu a preparação escolar normal no seu país* [que lhe permite ter acesso aos estudos universitários]. *Sobretudo é preciso que os futuros noviços pratiquem com facilidade a língua em uso durante o Noviciado* (PI 43).

⁹⁶ *O Instituto pode associar a si, de modo permanente ou temporâneo, cooperadores clérigos e leigos, internos e externos que diretamente participam do seu trabalho apostólico* (R 140; cf. C 77.78). O itinerário formativo dos associados é de competência das Províncias.

⁹⁷ Pode ser dada, ao candidato, a possibilidade de iniciar ou de completar os estudos filosóficos, propedêuticos aos estudos da Teologia ou estudos de outra natureza.

⁹⁸ Retomam-se alguns *núcleos* desenvolvidos na etapa precedente com novas acentuações e com outros acréscimos, como próprios desta fase. Os temas a serem desenvolvidos poderão ser os seguintes: conhecimento de si, percepção de Deus Pai e imitação do Filho, vida nova no Espírito e na Igreja, tradicionais meios da Graça, natureza do discernimento, o valor da vocação comum e o “panorama” das vocações específicas, o padre Luís Guanella: modelo de vida cristã, consagrada e sacerdotal, contributos de natureza filosófica e teológica, acenos de teologia da Vida consagrada e da sua missão na Igreja, a realidade dos Servos da Caridade; espírito, carisma, tradição, geografia e missão.

⁹⁹ Os objetivos aqui indicados estão em sintonia com o nosso Regulamento: *A estruturação desta fase [...] deve estar em condição de oferecer ao candidato: um conhecimento mais profundo de si mesmo; a direção espiritual; a abertura à Palavra de Deus, à vida sacramental e à oração; uma experiência de vida guanelliana comunitária e apostólica; um conhecimento geral do Fundador e da Congregação* (R 163).

Da mesma forma, com a *Reconciliação* poderá experimentar a misericórdia do Pai e reavivar o vínculo de caridade.

184. Com a *oração pessoal e comunitária* será introduzido na contemplação e na oração litúrgica da Igreja, origem e sustentação de toda verdadeira escolha de vida e de ação cristã.

185. *Através do acompanhamento personalizado* será ajudado no difícil processo de conhecimento de si mesmo e de aceitação das próprias fragilidades. Nesta delicada fase formativa, a *Direção espiritual* virá a coincidir com a ação de acompanhamento, pela qual o formador será também pai espiritual do candidato.

186. A *formação para a virtude da castidade, da pobreza e da obediência* lhe permitirá de experimentar o Dom de si mesmo num amor estável, oblativo e total, típico da consagração. Ao mesmo tempo lhe fará compreender que, *para doar toda a própria vida ao Senhor, existem outros caminhos além daquele de entrar num Instituto religioso* (PI 43), todos apreciáveis.

187. A *vida fraterna em comunidade* será ocasião para experimentar *quanto é bom e quanto é suave que os irmãos vivam juntos* (SI 132), reunidos pelo único projeto de caridade. Será também critério de discernimento para a eventual escolha da vida consagrada guanelliana.

188. O *estudo* constitui um instrumento apto, não somente para a formação intelectual, mas também para a afetiva e volitiva; e é meio de ascese e de fidelidade aos compromissos. Além disso, a leitura de autores espirituais e de hagiografias seletas poderá infundir entusiasmo no seguimento¹⁰⁰.

189. *Através de atividades apostólicas* da Congregação, o candidato começará a viver a missão no espírito e no estilo do Instituto e se dará conta das pobrezaas que o circundam.

190. O *trabalho manual* o ajudará a amadurecer o espírito de colaboração na gestão da Casa. Como o estudo, também o trabalho tem um valor ascético próprio e de pertença ao Instituto.

191. Com os *tempos de relax, do esporte e da expressividade criativa*, o candidato aprenderá a ter uma correta relação com o próprio corpo, a revelar os sentimentos da alma, a criar vínculos de amizade, a manter longe a tristeza e a tornar mais sereno o ritmo cotidiano.

192. Ajudado a traçar um *pessoal projeto de vida*, começará a colocar a própria vocação em condição de discernimento dinâmico: aprenderá a viver progressivamente os valores.

Dinamismo formativo

193. Esta etapa exige uma relação formativa qualificada de *competência e de benevolência*, a fim de que não se torne somente tempo de espera do Noviciado, sem enfrentar as dificuldades vocacionais, remetidas assim às fases sucessivas. A metodologia formativa adota o *Laboratório da fé*, como fórmula de busca e de confronto *em que cada um, em diálogo com Deus, pode crescer na consciência da própria fé, e tornar-se testemunha convincente de Cristo*¹⁰¹.

Mediações pedagógicas

194. Entre as mediações, a *Graça do Senhor* é o agente principal da formação. O Senhor, porém, se serve também de outras mediações. Entre estas assume especial destaque a *comunidade formativa*,

¹⁰⁰ Especial destaque deve ser dado à *vida do padre Luís Guanella*; o candidato poderá reler nele a sua própria história vocacional e começar a seguir as suas pegadas.

¹⁰¹ JOÃO PAULO II, *Angelus* de 27/08/2000.

na qual o *formador* é um coirmão especialista que, sem nada tirar da responsabilidade da comunidade, acompanha os candidatos pessoalmente e os ajuda a alcançar a maturidade exigida para as decisões a serem tomadas (cf. R 165)¹⁰². Sendo que, *é prudência proceder por degraus*¹⁰³, tal comunidade favorecerá uma experiência proporcionada à real situação existencial do candidato, à sua maturidade de fé e à sua consistência psicológica.

Crítérios para a admissão ao Noviciado

195. Os seguintes critérios para a admissão ao Noviciado são indicados pelo Direito universal, nos cânones 641-645, e pela nossa normativa:

- *idade canônica, saúde suficiente, índole adequada* cf. R 169)¹⁰⁴;
- *suficiente maturidade humano-afetiva*¹⁰⁵;
- *decisão livre e motivada* (C 89);
- *imunidade dos impedimentos previstos pelo cânon 643*¹⁰⁶;
- *condições expressas pelo direito universal e pelo do Instituto acerca dos candidatos já clérigos ou religiosos* (cf. R 170)¹⁰⁷;
- *disponibilidade formativa (docibilitas)*¹⁰⁸;
- *experiência cristã assimilada em modo pessoal* (R 169);
- *aptidão para a vida comunitária e para a missão guanelliana*;
- *suficiente certeza de ser chamada à vida religiosa guanelliana*;
- *certificados e documentos*¹⁰⁹.

Pedido de admissão ao Noviciado

196. O *pedido de admissão ao Noviciado* deve ser feito ao Superior competente e deve ser escrito de próprio punho pelo candidato¹¹⁰. Será acompanhado pelo relatório que o formador lhe anexará, em relação à idoneidade do postulante (cf. R 167).

¹⁰² Poderá acontecer que o formador tenha a competência para levar adiante a avaliação psicológica; neste caso, como um verdadeiro ato de amor, ajudará o candidato também no difícil conhecimento introspectivo de si mesmo.

¹⁰³ L. GUANELLA, *Escritos...*, 1263.

¹⁰⁴ O nosso Regulamento, em sintonia com o cânon 642, prevê que saúde, índole e maturidade sejam *verificadas, se necessário, por especialistas*, restando firme o direito de cada pessoa a não ser lesada na boa fama e de defender a própria intimidade (cf. c 220).

¹⁰⁵ Isto é: *afetividade equilibrada, alcançada através de uma evolução sexual proporcionada à idade; capacidade de inserir-se no clima de uma vida comunitária e de saber cumprir as suas obrigações* (R 169). Durante o Postulado é preciso, portanto, ter resolvido os problemas de amadurecimento humano que poderiam desviar a opção e perturbar a experiência típica do Noviciado (cf. PI 43).

¹⁰⁶ Conforme norma do cânon 643, não pode ser *admitido validamente ao Noviciado* que não ter cumpridos 17 anos de idade; que é casado, durante o matrimônio; que é ligado com o vínculo sagrado a outro Instituto de vida consagrada ou incorporado em alguma Sociedade de vida apostólica, salvo o disposto do cânon 684; que entra no instituto induzido por violência, por grave temor ou por engano Nenhum superior poderá aceitá-lo porque constrangido da mesma forma.

¹⁰⁷ *Os Superiores não admitam ao Noviciado clérigos seculares sem consultar o seu Bispo, nem pessoas oneradas de dívidas e incapacitadas de pagá-las* (c 644).

¹⁰⁸ O padre Luís Guanella dizia que os postulantes devem *mostrar desenvoltura no falar e no agir, assemelhando-se a um livro aberto, dentro de cujas páginas qualquer um possa ler com clareza e entender o seu conteúdo* (L. GUANELLA, *Escritos...*, 1265).

¹⁰⁹ Conforme o cânon 645 os candidatos, antes de ser admitidos ao Noviciado, devem apresentar um *atestado de batismo, de crisma e de estado livre*. Tratando-se de admitir clérigos, ou pessoas que foram admitidas num outro Instituto de vida consagrada, ou numa Sociedade de vida apostólica ou no seminário, é exigido um atestado dado respectivamente pelo Ordinário do lugar, ou pelo Superior maior do Instituto ou da Sociedade, ou pelo Reitor do seminário. O mesmo cânon prevê a possibilidade de serem exigidos outros documentos que atestem a idoneidade e a imunidade de impedimentos; além disso, dá a faculdade aos Superiores de pedir outras informações, mesmo sob sigilo.

¹¹⁰ O cânon 641 afirma que *o direito de admitir os candidatos ao Noviciado cabe aos Superiores maiores*. O cânon 642 atesta que será seu cuidado admitir somente aqueles que, além da idade exigida, *tenham saúde, índole adequada e maturidade suficiente para assumir o gênero de vida próprio do Instituto*.

5.3 NOVICIADO

Natureza do Noviciado

197. O Noviciado é uma fase decisiva para o desenvolvimento vocacional do candidato (cf. R 168). *Marca o início da vida no Instituto e oferece aos nossos candidatos a possibilidade de conhecer melhor a própria vocação e a do próprio Instituto, experimentar a sua vida e formar a própria mente e coração segundo o seu espírito* (C 88).

198. Como experiência de fé modelada sobre aquela dos apóstolos convidados por Jesus a estarem com ele antes de serem enviados a pregar, é uma verdadeira e própria *iniciação à vida consagrada guaneliana*.

199. Com o Noviciado, o Instituto tem a possibilidade de verificar a intenção e a idoneidade dos noviços, estes participam do seu patrimônio espiritual (cf. C 88).

Lugar

200. O Noviciado, para ser válido, deve ser feito numa *Casa regularmente erigida* para tal finalidade pelo Superior Geral com o consentimento do seu Conselho (cf. c 647, R 173)¹¹¹. Normalmente a Casa está situada num contexto consonante com a cultura e o idioma do noviço.

Duração

201. A duração desta etapa formativa deve ser de *doze meses*, a serem transcorridos na mesma comunidade do Noviciado (cf. c 648,1; R 174)¹¹².

Está *na faculdade do Superior provincial*, ouvida a comunidade do Noviciado e com o consentimento do seu Conselho, prolongar a experiência do Noviciado, mas não além dos seis meses, levando em consideração o número 174 do nosso *Regulamento* (cf. R 187.327,4).

Acolhida

202. Para o começo do Noviciado, está previsto *um adequado tempo de Exercícios espirituais* (R. 172).

203. O ingresso deve ser celebrado com *um rito de acolhida*, simples, mas significativo, para indicar a originalidade da experiência que o candidato está assumindo e a vontade de deixar-se conduzir pelo mestre.

Objetivo geral

204. O Noviciado *está ordenado a fazer com que o noviços possa tomar uma melhor consciência da vocação divina*, para qual ele sente-se chamado, experimenta o amor pessoal de Cristo, desenvolve uma conformação progressiva a Cristo pobre, casto e obediente e assimila o carisma, o espírito e o estilo de vida próprios da Congregação.

Objetivos intermediários

205. Para realizar suficientemente o objetivo geral, o candidato deverá buscar adequados *objetivos intermediários*.

¹¹¹ Em *casos particulares*, e como exceção, sob a concessão do Superior Geral com o consentimento do seu Conselho, um candidato pode fazer o Noviciado numa outra Casa do Instituto, sob a direção de um coirmão apto, que faça a tarefa de mestre de noviços (c 647,2). O Superior Provincial pode permitir que o grupo de noviços, por determinados períodos de tempo, resida numa outra casa do Instituto por ele mesmo designada (c 647,3).

¹¹² O período do noviciado não *deve prolongar-se para além de dois anos*, também quando, para integrar a formação dos noviços, se tivesse que assumir um ou mais períodos de experiências apostólicas (cf. c 648,3; R 174.185-186). No *Regulamento* no número 175 afirma-se que, exceto o que dispõe o número 173, uma ausência da casa do Noviciado que supere os três meses contínuos ou descontínuos torna inválido o Noviciado. Uma ausência que supere quinze dias deve ser recuperada (cf. c 649,1); se for inferior, compete ao Superior decidir se fazer recuperar ou não (cf. R 322,7). O fato de ser demitido do Noviciado por decisão do Superior competente, ou o abandono por vontade do noviço, interrompe o Noviciado.

A. Na dimensão humana

206. Na *dimensão humana*, prosseguindo o caminho de *conhecimento e aceitação* de si, o noviço é acompanhado a viver o *desapego do mundo* e a necessária *conversão* dos pensamentos, dos sentimentos e das ações, como fundamento da experiência espiritual desta etapa.

B. Na dimensão espiritual

207. Na *dimensão espiritual*, o cânon 652,2 exige que os noviços sejam:

- ajudados a cultivar as *virtudes humanas e cristãs*;
- introduzidos num *empenhativo caminho de perfeição*, mediante a oração e renúncia de si mesmos;
- guiados à *contemplação do mistério da salvação* e à *leitura e meditação das sagradas Escrituras*;
- preparados a render *culto a Deus na sagrada liturgia*;
- formados às *exigências da vida consagrada* a Deus em Cristo, através da prática dos conselhos evangélicos.

C. Na dimensão carismática

208. Os objetivos da *dimensão carismática* consistem em modelar a *identidade guaneliana* e um *mais decisivo sentido de pertença*.

Os noviços, portanto, *informados sobre a índole e o espírito, a finalidade e a disciplina, a história e a vida do Instituto, e educados no amor para com a Igreja e os seus sagrados pastores* (c 652,2), interiorizam o *carisma* e os *espírito* do Instituto.

Conteúdos formativos

209. Na etapa do Noviciado, devendose qualificar o ulterior desenvolvimientto do caminho vocacional, será elaborado um programa sério de estudo e reflexão ao redor de conteúdos essenciais: o Mistério de Cristo, uma base teológica da vida religiosa e o estudo das Constituições¹¹³.

Meios formativos

210. Os meios para avançar no caminho formativo são substancialmente os mesmos das outras etapas; qualitativamente diferente é, ao invés, o modo com que deles se vale. É como subir uma escada em espiral (= os meios), na qual, porém, a pessoa se encontra sobre níveis mais elevados (= modalidades).

211. A *Palavra de Deus*, ouvida e pregada seja pessoalmente que comunitariamente, se tornará para o noviço o seu alimento cotidiano. Particular importância assumirá a prática da *Lectio Divina* e a *meditação* dos divinos mistérios, como também o estudo dos *grandes autores da tradição espiritual da Igreja*.

212. A *Liturgia*, que na *Eucaristia* encontra o seu ápice, será celebrada e vivida *segundo o espírito e o caráter do Instituto* (PI 47). O noviço, assim, aprenderá a oferecer a si mesmo a Deus e aos pobres.

213. A *oração pessoal* se tornará um imprescindível diálogo entre Pai e filho, uma *conversa coração a coração*¹¹⁴. A *oração comunitária* será por ele experimentada como louvor perene de Cristo e da Igreja.

¹¹³ O noviço terá oportunidade de aprofundar alguns *núcleos temáticos* a respeito do primado de Deus, a Igreja e a sua missão evangelizadora, a Virgem Maria, a vida religiosa, o espírito e o carisma do Fundador, a Congregação (a história, o hoje, as prospectivas futuras), a inculturação, a nossa Regra de vida, os conselhos evangélicos, a vida fraterna em comunidade e a missão dos Servos da Caridade.

¹¹⁴ L. GUANELLA, *Escritos...*, 1267.

214. A *Direção espiritual* será o instrumento através do qual o noviço, como livro aberto¹¹⁵, se deixará ler e dirigir pelo mestre. Ela é dever exclusivo do padre mestre *para todos e para cada um dos noviços*¹¹⁶.

215. A *iniciação aos votos* levará o noviço à tríplice expressão da consagração religiosa: *casto* para oferecer a Deus todo o seu ser; *pobre* para confiar-se à divina Providência e *obediente* para fazer a vontade do Pai.

216. Através da *vida fraterna em comunidade* buscará interiorizar o primado da caridade e viver as exigências da consagração.

217. Com o *estudo pessoal* ele terá a oportunidade de intensificar o conhecimento e a imitação de Cristo, de meditar a nossa Regra e esclarecer a própria idoneidade à vocação guanelliana. Ao mesmo tempo, através de uma séria formação bíblica e litúrgica, será conduzido a entender e a fazer próprio o patrimônio espiritual do Instituto (cf. C 92).

218. Com as *experiências apostólicas*, sob a direção do mestre, poderá reforçar os motivos da sua doação a Deus e aos pobres e realizar pouco a pouco na própria vida as condições daquela harmoniosa unidade que associa a contemplação e a ação apostólica (PI 47).

219. Através do *trabalho manual* colabora com Providência de Deus, desenvolve a própria expressividade e criatividade, se treina ao sacrifício, se dispõe à socialização e aprende a fazer com que também o trabalho se torne oração.

220. Os *tempos de lazer pessoal* tornam-se exercício de educação para a vida e ocasião de relação com os outros. O mesmo se pode dizer do *exercício físico* pela disciplina que exige e pela observância das normas do jogo.

221. Através do *projeto pessoal de vida*, o noviço se iniciará na intimidade com Jesus Cristo, à sadias relações de fraternidade e de amizade em comunidade, e na avaliação periódica com o mestre a respeito da evolução do próprio caminho formativo.

222. Com o *projeto comunitário* todos os noviços seguem *um programa comum que, segundo as diversas situações, estabeleça tempos de oração, de trabalho, de alegria fraterna e determine aquilo que possa ajudar na renovação interior e ao apostolado caritativo* (C 26) e que tenha presente *projetos mais gerais*, como o da Congregação e da Igreja.

Dinamismo formativo

223. Em geral os noviços não entram no Noviciado todos no mesmo nível de cultura humana e cristã; a cada pessoa, por isso, se terá o cuidado de adaptar a pedagogia formativa (cf. PI 51). A todos os que desejam ser religiosos Irmãos, e a todos os que se preparam para serem religiosos no ministério ordenado, é dada a mesma formação carismática (cf. PI 102).

224. Cada noviço será educado a uma *fé ferial*, fazendo ressaltar a excelência da disponibilidade em servir a Deus, como Maria (cf. Lc 1,38).

A referência mariana acompanhará todo o dinamismo formativo, praticando o assim chamado *método bíblico-mariano*¹¹⁷.

¹¹⁵ Cf. L. GUANELLA, *Escritos...*, 1073.

¹¹⁶ *Todavia, nem ele, nem o seu ajudante, nos institutos clericais, podem ouvir as confissões sacramentais dos noviços, a menos que em casos particulares eles o pedirem espontaneamente* (c 985).

¹¹⁷ Ao noviço será oferecido um particular modo de viver a relação não somente com a Palavra de Deus em geral, mas em particular com a Palavra do dia. *Palavra esperada, acolhida e reconhecida* na meditação; ao longo do dia, *desejada*,

Mediações pedagógicas

225. Também nesta etapa é *Deus que faz*¹¹⁸: é Ele o principal agente da formação, que, porém, continua a valer-se de outras mediações.

- Entre estas o *noviço* é o primeiro responsável da pessoal colaboração na obra formativa (cf. C 92). Ele se compromete em responder fielmente à graça da vocação divina (c 652,4).
- O *mestre de noviços* tem a responsabilidade e a direção do Noviciado (cf.: c 650,2; C 91). A ele compete traduzir a proposta formativa em concreta vida religiosa guanelliana (cf. R 181)¹¹⁹.
- *Colaboradores do mestre* são aqueles *coirmãos* que o ajudam a acompanhar de perto a formação dos noviços. Eles [...] ficam sob a direção do mestre no que se refere à organização do Noviciado e ao programa formativo (R 182).
- Também a *comunidade religiosa* constitui uma outra importante mediação pedagógica. Tal comunidade, através do testemunho pessoal e comunitário, ajudará o noviço a percorrer frutuosamente o caminho formativo (cf. R 179).

Crítérios de admissão à primeira profissão

226. Para ser admitido à primeira profissão, ao candidato é exigido o cumprimento dos *requisitos previstos pelo direito da Igreja e do nosso Instituto*. Em particular é preciso que o candidato tenha:

- completado *ao menos 18 anos de idade* (c 656);
- terminado o Noviciado *validamente* (c 656);
- alcançado suficientemente os *objetivos formativos*¹²⁰ para a *necessária liberdade interior no seguimento de Cristo*¹²¹;
- e dê esperança de *poder ser admitido aos futuros votos perpétuos* (cf. R 187).

Pedido e aceitação

227. O pedido de admissão à profissão religiosa é dirigido ao Superior competente. Será acompanhado pela relação elaborada pelo padre mestre, em mérito à idoneidade à profissão (cf. R 187).

Se julgado idôneo, o candidato é admitido à *profissão temporânea*. A admissão deve ser realizada livremente pelo Superior competente, com o consentimento do seu Conselho (cf. c 656)¹²².

Rito da primeira profissão

228. O *rito da primeira profissão* está inserido na celebração eucarística. Durante a celebração, a Igreja recebe, através dos legítimos superiores, os votos daqueles que emitem a profissão, e associa

cuidada e conservada como um tesouro, como fazia a Virgem Maria (cf. Lc 2,19.51). Uma palavra na qual o noviço aprende a *permanecer para que se cumpra depois na vida*.

¹¹⁸ L. GUANELLA, *Le vie...*, 78.

¹¹⁹ Para cumprir esta tarefa *poderá valer-se* não somente da comunidade formativa, mas também da *ajuda de especialistas*, tanto nas disciplinas teológico-espirituais como nas psicológicas e profissionais.

¹²⁰ Na *área humana*, o noviço deve ter alcançado um bom conhecimento e aceitação de si mesmo; deve ter mostrado docilidade à ação formativa, capacidade de relações interpessoais e equilíbrio psico-afetivo-sexual. Na *área cristã*, deve ter manifestado uma apropriada vivência experiencial do seguimento e imitação de Cristo. E na *área carismática*, deve ter alcançado uma adequada motivação vocacional, uma proporcionada capacidade de assumir responsavelmente os compromissos derivados dos votos, em consonância com o carisma e a missão do Instituto, e uma clara orientação para com a identidade guanelliana.

¹²¹ Quando há liberdade interior, a pessoa se une a Deus por um serviço voluntário e amoroso (cf. PI 55). Quando, porém, persiste uma liberdade *não libertada*, especialmente no âmbito da personalidade de particular relevo para um normal prosseguir da formação, é bom *interromper a relação formativa*.

¹²² Está dentro da faculdade do Superior competente permitir uma eventual antecipação da primeira profissão, mas não além de 15 dias (cf.: c 649,2; R 188).

a sua oblação ao sacrifício eucarístico¹²³. *Partindo do mistério assim celebrado, se poderá desenvolver uma compreensão mais vital e mais profunda da consagração* (PI 54)¹²⁴, a qual, embora sendo temporânea, já expressa o dom total de si a Deus, porque *não se dá a própria vida 'por partes'* (PI 55).

A profissão deve ser expressa e emitida *sem que haja violência, temor grave ou engano* (c 656) e livremente recebida pelo Superior maior, pessoalmente ou por meio de um outro (cf. R 188).

Conseqüências jurídicas e formativas

229. Com a profissão, o noviço se doa a Deus no testemunho de uma vida casta, pobre e obediente, em fraterna comunhão de vida, segundo a Constituição dos Servos da Caridade (cf. C 94). E a nossa família religiosa o acolhe como seu membro.

O néo-professo é *designado à Província* que o acolheu e que lhe consentirá de *prosseguir o itinerário formativo*.

¹²³ A Igreja recebe também a profissão *in articulo mortis*, segundo quanto está disposto no nosso *Regulamento* (cf. R 189).

¹²⁴ A *ordo professionis* prevê, como sinais de consagração guanelliana, a *entrega da Constituição e do Crucifixo*. A fórmula está exposta no número 94 da *Constituição*. Nas atas das profissões, que se registrarão, serão anotadas a data e o lugar do próprio ato, e os dados pessoais do vovente e a assinatura de quem recebeu a profissão e das duas testemunhas (cf. R 190).

5.4 VOTOS TEMPORÂNEOS RUMO À PROFISSÃO PERPÉTUA

Natureza

230. O período que transcorre desde o final do Noviciado até os votos perpétuos e às Ordens Sagradas conduz *a ulterior aperfeiçoamento a formação empreendida no Noviciado* (C 96). É preciso recolher os frutos das etapas precedentes e *consolidar a identidade vocacional* (cf. c 659). O professo, *pedra vida do edifício da Congregação* (C 95), será acompanhado rumo àquele estado de vida que ele escolheu (Irmão ou Diácono ou Sacerdote guanelliano).

Lugar

231. Os professos Irmãos *devem continuar ao menos por um biênio a sua formação em comunidades formativas* (R 193)¹²⁵.

Os coirmãos que são encaminhados para as Ordens sagradas, serão acolhidos na comunidade formativa da *Casa de formação ou Estudantado*, se tiverem que completar os estudos filosóficos; ou residirão no *Seminário teológico*, se tiverem que frequentar os estudos teológicos.

Duração

232. A *duração completa* deste período de votos temporâneos *não deve ser inferior a três anos, nem superior aos seis* (cf. R 192). *No primeiro triênio a profissão deve ser renovada anualmente; no segundo poder ser renovada por um triênio. Em casos particulares, é faculdade do Superior provincial com o consentimento do seu conselho prolongar este período, mas não além de nove anos* (R 192)¹²⁶.

Ao findar o tempo para o qual foi emitida a profissão, é necessário que o religioso faça espontaneamente pedido para renovar os seus votos (cf. c 657).

Fases

233. O período de profissão temporânea *compreende três fases* (cf. R 191):

- *o imediato pós-Noviciado* com a formação específica;
- *o Tirocínio*;
- *a preparação imediata à profissão perpétua*.

Este itinerário tem valor normativo; todavia, por motivos reconhecidos válidos pelo Conselho geral, é dada facultade a cada Província para organizar as primeiras duas fases para o que interessa os estudos filosóficos e o Tirocinio (cf R 191).

A. *Imediato pós-Noviciado e formação específica*

234. A fase do imediato pós-Noviciado *deve ser considerada como um prolongamento da formação do Noviciado* (R 194). Por isso se traduz *no viver concretamente os valores da vida religiosa apostólica guanelliana e no praticar a Constituição, aprofundando a sua abrangência na vida de cada dia* (R 194). Aqui se coloca *a fase da formação específica dos candidatos ao sacerdócio e dos Irmãos* (cf. R 203).

- Para o *religioso* orientado para o ministério ordenado, se ele completou os estudos filosóficos, compreende os anos da *Declaração de intenção, do Leitorado e do Acolitato*¹²⁷.
- Para o *religioso* Irmão, a formação específica prevê uma preparação bíblica, teológica, carismática, pedagógica, profissional (cf. R 193), e a possibilidade de ter acesso aos ministérios do *Leitorado e do Acolitato*¹²⁸.

¹²⁵ *Em casos considerados necessários, o Superior geral e o seu Conselho podem permitir que os formandos sejam inseridos em comunidades de trabalho apostólico* (R 193).

¹²⁶ O tempo reservado à preparação específica dos candidatos ao sacerdócio deve ser pelo menos de um inteiro quadriênio de estudos teológicos (cf. 250, R 208).

¹²⁷ O Direito canônico afirma: *A formação dos membros que se preparam para receber as ordens sagradas é regulamentada pelo direito universal e pelo plano dos estudos do próprio Instituto* (c 659,3). Além disso, para que o candidato seja admitido ao diaconato, quer permanente, que temporário, se exige que tenha recebido os ministérios de Leitor e de Acólito (cf. c 1035,1).

B. Tirocínio

235. Para cada coirmão em formação o *Tirocínio* é [...] um confronto vital e intenso com uma experiência educativo-assistencial *guanelliana*. Isto lhe permite entrar mais diretamente em contato com a nossa missão, verificar as suas atitudes e interesses e continuar aquela síntese de ação e contemplação característica da nossa espiritualidade (R 199).

Para todos os candidatos à profissão perpétua, a fase do *Tirocínio* é obrigatória e tem ordinariamente a duração de um ano (cf. R 200)¹²⁹. Para os Irmãos pode ser prolongado em base ao Direttorio provincial Ela insere os tirocinantes numa nossa comunidade apostólica, onde – sob a orientação de um coirmão mais experiente (R 202) – possam realizar atividades tipicamente *guanellianas*¹³⁰.

Normalmente, entre a conclusão da experiência do *Tirocínio* e a profissão perpétua, haverá um período de tempo não inferior a seis meses

C. Preparação para a profissão perpétua

236. Depois do *Tirocínio*, os candidatos ou se preparam para a profissão perpétua e às ordens sagradas ou continuam os seus estudos, segundo as orientações dos Superiores maiores, em sintonia com o *Direttorio provincial ou de Delegação*.

Para todos, em preparação à profissão perpétua, o nosso Instituto prevê um período mais intenso e suficientemente longo (cf. PI 64), *não inferior a dois meses* (R 221), *quase um segundo Noviciado transcorrido no recolhimento e na oração* (C 98).

Objetivo geral

237. A etapa formativa dos votos temporários, segundo as diversas fases, *tem como finalidade completar o processo de maturação em vista da profissão perpétua e cuidar da formação específica do guanelliano sacerdote ou Irmão* (R 191). Neste período o coirmão procurará decididamente tornar-se homem de Deus, assimilando sempre mais plenamente o carisma do Instituto na integração entre fé, cultura e serviço, para tornar-se capaz de assumir a missão *guanelliana* na Igreja.

Objetivos intermediários

238. Na *fase do imediato pós-noviciado e da formação específica*, em conformidade ao número 195 do *Regulamento*, os objetivos intermediários visam um maior crescimento integral do consagrado.

- Na *dimensão humana* busca-se alcançar um equilíbrio estável entre disciplina, liberdade e responsabilidade, sobretudo nos compromissos de vida comunitária, estudo e apostolado.
- Na *dimensão espiritual*, tende-se fazer unidade de vida entre oração, serviço e cultura. As disciplinas filosóficas e teológicas e técnico-profissionais ajudarão a desenvolver os dinamismos da própria consagração, fazendo *ressaltar a harmonia que existe entre o saber da razão e o da fé* (PI 61).
- Na *dimensão carismática* se nos propõe consolidar a vocação *guanelliana* fazendo perceber a sua beleza e validade apostólica e prosseguindo no seu aprofundamento cultural.

239. A *fase do Tirocínio* prevê os seguintes objetivos intermediários:

¹²⁸ Trata-se de ministérios conferidos não em vista do sacerdócio, mas em analogia ao que prevê o cânon 230: *os leigos de sexo masculino que tenham a idade e as qualidades determinadas pela Conferência Episcopal, podem ser assumidos estavelmente, mediante o rito litúrgico estabelecido, aos ministérios de leitores e acólitos.*

¹²⁹ *Em casos particulares, o Superior provincial com o seu Conselho pode singularmente dispensar* (R 200). Em conformidade ao *Directorio provincial*, o *Tirocínio* pode estender-se também por um biênio; neste caso, em um dos dois anos desta experiência o professo pode continuar ou iniciar atividades de estudo.

¹³⁰ Tal atividade deve ser entendida como presença ativa e fraterna entre os nossos assistidos, onde os tirocinantes tenham um real espaço de responsabilidade (cf. R 202). Por esta razão o coirmão *tirocinante* estará livre de compromissos de estudo de tipo acadêmico, para permitir-lhe viver a experiência de maneira plena.

- Na *dimensão humana* o tirocinante será ajudado a verificar a sua consistência pessoal no confronto vital com a comunidade educativo-pastoral na qual está inserido, e na experiência de trabalho entre os pobres e de colaboração com os leigos.
- Na *dimensão espiritual* continuará a síntese de contemplação e ação. Na escola de Jesus, orientado pelo método preventivo, aprenderá *a fazer tudo para a glória de Deus e para a salvação do mundo* (C 30).
- Na *dimensão carismática*, medirá atitudes, dons e inclinações pessoais na participação ativa na vida guanelliana.

240. Na *imediata preparação à profissão perpétua*, os objetivos intermediários querem *permitir aos candidatos aos votos perpétuos uma adequada preparação e uma madura decisão diante do grande passo que pretendem fazer* (R 220) definitivamente.

- Na *dimensão humana* será preciso verificar e aperfeiçoar a estrutura de uma personalidade equilibrada, estável, de sadias relações e de responsável compromisso apostólico-caritativo.
- Na *dimensão espiritual* o professo amadurecerá uma definitiva e confiante opção pelo *seguimento de Cristo* na vida consagrada, como necessária resposta ao amor do Pai. Renovará o compromisso de conversão e de santidade, e consolidará a própria vida espiritual, recebendo vigor também das atividades pastorais.
- Na *dimensão carismática*, tendo *como suprema regra de vida o seguimento de Cristo proposto pelo Evangelho e expresso na Constituição* (c 662), reforçará o sentido de identidade e de pertença religiosa. Preparar-se-á para afrontar a missão e responder aos desafios do nosso tempo, para ser presença crível da caridade de Cristo em meio à humanidade (cf. RdC 5-12.36-46).

Conteúdos formativos

241. Para uma progressiva fidelidade à forma de vida escolhida, cada fase prevê conteúdos específicos. Nas diversas escolhas vocacionais (clérigos e Irmãos) e nas diferentes fases do itinerário formativo, se apresentarão adequados núcleos temáticos¹³¹, segundo a riqueza da *lex credendi, lex orandi e lex vivendi*.

A. Para os aspirantes às Ordens Sagradas

242. Aos aspirantes ao ministério ordenado serão propostos conteúdos capazes de ajudá-los a *interiorizar junto com o projeto de vida diaconal ou sacerdotal como é proposto pela Igreja e os valores próprios da nossa vocação que deverão caracterizar o ministério do futuro sacerdote* (R 205).

Os conteúdos serão adequados ao período formativo que o candidato está vivendo e exigirão o envolvimento não somente da dimensão intelectual, mas também da afetiva e volitiva. Terão, portanto, uma valência existencial quer os *estudos filosófico-teológicos* previstos pela Igreja¹³², quer as nossas *catequeses sistemáticas* segundo a seguinte ordem:

- Se o professo está *na fase dos estudos filosóficos*, lhe serão oferecidos núcleos temáticos relativos ao conhecimento sapiencial, ao amor para a própria vocação e à fidelidade pessoal.

¹³¹ Os *núcleos temáticos* se referirão ainda à primazia de Deus, à Igreja e à sua missão evangelizadora, a Virgem Maria, a vida religiosa, o espírito e o carisma do Fundador, a situação dos pobres, a inculturação, a nossa Regra de vida, os conselhos evangélicos, a vida fraterna em comunidade e a missão dos Servos da Caridade.

¹³² Em particular, a Teologia caminha em duas direções. A *primeira é a do estudo da Palavra de Deus: a palavra escrita no livro sagrado, celebrada e vivida na Tradição viva da Igreja, com autoridade interpretada pelo magistério da Igreja. Daqui o estudo da Sagrada Escritura, 'que deve ser como a alma de toda a teologia', dos Padres da Igreja e da liturgia, como também da história da Igreja e dos pronunciamentos do Magistério. A segunda direção é a do homem interlocutor de Deus: o homem chamado a 'crer', a 'viver', a 'comunicar' aos outros a fides e o ethos cristãos. Daqui o estudo da dogmática, da teologia moral, da teologia espiritual, do direito canônico e da teologia pastoral* (PdV 54).

- No *ano da Declaração de intenção*, os temas propostos o ajudarão a esclarecer e a declarar a vontade de assumir na Igreja e na Congregação o ministério que, a seu tempo, lhe será conferido por meio do sacramento da Ordem¹³³.
- Durante o *ano do Leitorado*, os conteúdos formativos privilegiarão a Sagrada Escritura e a catequese sistemática sobre o ministério do Leitorado. Disporão à mediação do mistério do amor de Deus, e ao anúncio da sua Palavra, para que germine e frutifique no coração dos homens.
- No *ano do Acolitato*, a proposta temática preparará a receber o ministério do Acolitato, orientando o candidato à compreensão do Mistério eucarístico e do serviço à mesa do Senhor e da Igreja. Tal catequese o encorajará a progredir continuamente na fé e no empenho litúrgico e caritativo.
- No período do *Tirocínio*, o coirmão receberá propostas temáticas relativas à necessária harmonização entre consagração e apostolado. Os conteúdos se referirão, em particular, a caridade pedagógico-pastoral, vivida pelo Fundador e codificada no *Documento base para Projetos Educativos Guanellianos*: caridade de pessoa e animação do serviço.
- Na *imediata preparação à profissão perpétua*, os núcleos temáticos são aqueles de uma releitura existencial da nossa Constituição e de uma catequese sistemática sobre o significado espiritual, eclesial e jurídico da profissão perpétua. Ao mesmo tempo, se oferecem conteúdos específicos relativos à ordem do diaconato.

B. Para os Irmãos

243. Aos Irmãos, em relação à sua original identidade de leigos consagrados, serão propostos conteúdos de caráter cultural, bíblico-teológicos, carismático e, sobretudo, de natureza profissional. Se houver necessidade, será dada uma adequada catequese em preparação aos ministérios do Leitorado e do Acolitato. Mais especificamente, o percurso de conteúdo prevê a seguinte ordem:

- Nos *primeiros anos de profissão temporânea*, os conteúdos formativos se referirão aos valores da sua condição de leigo cristão assinalada pela consagração religiosa guanelliana (cf. R 217), a natureza do compromisso que nasce do sacerdócio batismal e a sua atuação na caridade operosa. Em particular, serão oferecidos núcleos temáticos relativos ao crescimento no amor pela vocação laical consagrada e à integração do anúncio, da celebração e da vida guanelliana.
- Durante o *Tirocínio*, os temas colocarão em evidência como fazer sínteses vitais entre a atividade apostólica e as exigências da consagração. Darão especial relevância tanto aos dinamismos da caridade de testemunho pessoal e de animação, quanto à perspectiva pedagógico-profissional expressa no *Documento base para Projetos Educativos Guanellianos*.
- Na *imediata preparação à profissão perpétua* os programas formativos aprofundarão a nossa Regra de vida e apresentarão uma reflexão sistemática sobre o significado espiritual, eclesial e jurídico da profissão perpétua.

Meios formativos

244. Como nas etapas precedentes, se fará apoio sobre aquele complexo de meios sugeridos pela tradição da Igreja e pela nossa família religiosa, pelas modernas ciências humanas e pelo contexto sócio-cultural. Também nesta etapa serão qualitativamente e proporcionalmente diferentes os graus e os modos de empregá-los.

¹³³ A este rito não está obrigado quem já fez a sua opção como aspirantes às Ordens sagradas em um outro Instituto clerical mediante os votos (cf. c 1034,2). Todavia o nosso Regulamento exige que o coirmão antes de ser admitido ao curso teológico, faça por escrito uma sua declaração de intenção (R 207). Enfim é tradição que tal Declaração seja acompanhada também por uma simples liturgia, na qual o aspirante às Ordens sagradas, expressa publicamente as suas intenções e a disponibilidade de acolher com abertura de alma a ação formadora da Igreja, através da mediação dos formadores.

245. A *Palavra de Deus* se tornará alimento da alma, Palavra viva que interpela, orienta e plasma a existência: é ali que o Mestre se revela, educa o coração e a mente; é ali que amadurece a visão de fé, aprendendo a ver a realidade e os acontecimentos com o olhar próprio de Deus, até fazer próprio o pensamento de Cristo (1Cor 2,16).

246. A *Liturgia* educará a imitar Cristo que reza e nas celebrações levará a dar voz à Igreja que celebra os mistérios salvíficos de Cristo. Na *Eucaristia* e na *Reconciliação*, participando do Mistério Pascal de Cristo, se intensificará a comunhão com Deus e se aprenderá a se fazer dom real para os outros, “pão partido” para a vida do mundo.

247. A *oração pessoal e comunitária* ajudará a cuidar da primazia da vida espiritual. É, portanto, um “dever do candidato” buscar Deus, como é um “direito dos pobres” que nele querem encontrar o homem de Deus, o mediador, o amigo fiel, o guia seguro, o servo da caridade.

248. A *Direção Espiritual* levará a discernir a ação de Deus, acompanhará nos caminhos do Senhor e sustentará no fervor da caridade e na prática das virtudes.

249. O *diálogo formativo* com o responsável pela formação ajudará a fazer a síntese entre os múltiplos estímulos que se recebem das relações interpessoais, do apostolado, do ambiente escolar, das experiências apostólicas... Favorecerá o progresso pessoal, o espírito de iniciativa, a coresponsabilidade no andamento da comunidade, a abertura à Igreja e ao contexto cultural. Será um ulterior instrumento de discernimento da resposta vocacional, como também da idoneidade em assumir definitivamente o nosso estado de vida.

250. Os *conselhos evangélicos* levarão a aprofundar as próprias escolhas vocacionais e a evoluir rumo à plena conformação a Cristo. Os votos se tornarão meio privilegiado para experimentar a paternidade de Deus, a amizade do Filho e a força do Espírito, e encontrar os irmãos na recíproca acolhida e no dom de si.

251. Através da *vida fraterna em comunidade* crescerá o espírito de família e se reforçará o vínculo de caridade. A fraternidade ensinará a aceitar a vida comum como “lugar do perdão e da festa”, assumindo as condições de progresso, respeitando os outros nas suas diferenças e sentindo-se pessoalmente responsáveis.

252. Com o *estudo* se dispõe a adquirir competências adequadas à vocação específica de clérigo ou de Irmão, e ao cumprimento da missão a realizar (cf. OT 8.12)¹³⁴.

Mediante os estudos filosóficos, teológicos, carismáticos, pastorais se aprenderá a *alimentar a fé* (PdV 53) e a conjugá-la com a ciência. Através dos *estudos que respondem às exigências dos projetos apostólicos da nossa família religiosa* se preparará mais adequadamente para a missão guanelliana.

253. Com os *exercícios apostólicos* se crescerá na caridade pastoral e na progressiva integração de fé e de vida, de oração e de serviço. Em colaboração com os leigos, se terá oportunidade de participar progressivamente da vida da Igreja e da Congregação, deixando-se formar também pelos nossos destinatários.

254. O *trabalho manual* ajudará a colaborar com a Divina Providência e a viver no espírito de pobreza, no caminho ascético e no sentido de pertença à Casa e ao Instituto.

¹³⁴ Aos Irmãos serão oferecidos meios e tempos necessários para seguir o setor de qualificação mais adequado às suas capacidades e às necessidades da Província (R 218). Aos clérigos se ressaltará a teologia bíblica, dogmática, espiritual e pastoral e [...] o aprofundamento doutrinal da vida consagrada e do carisma do Instituto (PI 61).

255. Com adequados *tempos de descanso e de exercício físico* se aprenderá a preservar um sadio equilíbrio psicofísico (cf. R 47), tão necessário para uma vida consagrada de qualidade e para um eficaz serviço apostólico.

256. Através do *projeto pessoal de vida* se aperfeiçoarão os níveis de integração humana, espiritual e carismática. Em vista de uma mais plena fidelidade vocacional, se oferecerão os elementos necessários para harmonizar o projeto pessoal com aquele *comunitário e da Congregação*.

257. As normas eclesiais sublinham que *a formação deve ser sistemática, adequada à capacidade dos membros, espiritual e apostólica, doutrinal e ao mesmo tempo prática, e levar também a obtenção de títulos convenientes, seja eclesiais, como civis, segundo a oportunidade* (c 660,1).

A dinâmica formativa recorrerá ao *método mistagógico*, apreciado pelos padres da Igreja, por que favorece a harmônica síntese das três dimensões fundamentais do mistério cristão: o *anúncio*, a *celebração* e a *vida*¹³⁵.

Mediações pedagógicas

258. É Deus que, ao longo da vida do religioso, mantém a iniciativa [...] através do seu Espírito (PI 19). Permanece, portanto, o agente principal da formação, embora fazendo apelo a *outras mediações*, quais:

- o *professo*, chamado a harmonizar todos os aspectos da própria vida: oração, serviço apostólico, trabalho, pobreza, estudo, vida fraterna, repouso, relações...;
- a *comunidade formativa*, continuação na Igreja da comunidade apostólica reunida em torno a Jesus, em escuta da sua Palavra, rumo a experiência da Páscoa e na espera do dom do Espírito para a missão¹³⁶;
- a *comunidade educativo-pastoral*, que qualifica de uma forma especial as experiências apostólicas e o período do Tirocínio;
- o *contexto vital* e a familiaridade com *os pobres*, sempre de grande eficácia educativa.

Para os candidatos às Ordens sagradas e para os Irmãos estas mediações assumem características diversas.

A. Para os candidatos às Ordens Sagradas

259. A *comunidade formativa* compreende, além dos professos temporâneos, outras figuras que constituem a equipe formativa: o reitor – encarregado pela formação (cf. R 210) -, os colaboradores, o diretor espiritual e o superior local, quando este não é o reitor. Todos, cada um segundo a própria função, contribuirão no crescimento de todos e não descuidarão *de envolver os próprios alunos, especialmente no que se refere à organização da comunidade, do trabalho local e da disciplina* (R 211)¹³⁷.

- É dever do *reitor*, em particular, organizar a vida interna da comunidade formativa, acompanhar a formação pessoal do coirmão, conhecê-lo e apresentá-lo às Ordens, tornando-se garantia da sua preparação (R 210)¹³⁸.

¹³⁵ A *mistagogia* dá oportunidade de colocar-se diante do Mistério, de anunciá-lo, de celebrá-lo e de vivê-lo. *Anúncio, celebração e vida* não podem deixar de ser integrados na existência de cada consagrado.

¹³⁶ Vida de oração, profundidade interior, fidelidade criativa, vivacidade, entusiasmo, mas também disciplina no estudo e generoso empenho ascético contribuirão para fazer com que esta comunidade seja uma família que vive na alegria, resplandece no Espírito de Cristo, e sob o exemplo do Fundador – nutre profundo amor para com a Igreja e para com a Congregação.

¹³⁷ Poderão se fazer ajudar por *especialistas nas ciências humanas e pastorais*, para oferecer aos formandos os impulsos de que necessitam para levar a cumprimento o projeto de consagração.

¹³⁸ Ao tomar *decisões referentes às admissões à profissão religiosa e aos ministérios ordenados*, seguirá com diligência os critérios e as normas estabelecidas pelo direito (cf. c 1024-1054; R 213-215), e jamais exigirá o parecer do diretor espiritual e dos confessores (cf. c 240,2).

- O *diretor espiritual* está à disposição dos professos para o foro interno não sacramental¹³⁹. Ele é um religioso *designado oficialmente como guia e conselheiro espiritual dos seus irmãos* (PI 63).
- O *confessor ordinário* dos jovens professos é designado com cuidado pelo reitor e sua equipe e de preferência é escolhido entre os membros do nosso Instituto¹⁴⁰.

B. Para os Irmãos

260. Os Irmãos no período do pós-noviciado sejam inseridos numa *comunidade formativa*, para serem *acompanhados tanto do ponto de vista religioso, como do ponto de vista profissional* (R 219).

- O *responsável pela formação* os acompanhará no caminho vocacional e se empenhará para que consigam as necessárias competências profissionais.
- O *diretor espiritual* e o *confessor*, como também para quem se orienta ao ministério ordenado, os ajudará a aprofundar a necessária formação para que possam realizar com plena maturidade a vida e a missão do Instituto.
- O *contexto de preparação técnico-profissional* os preparará a se inserirem de modo mais qualificado na missão.

C. No período do Tirocínio

261. Para todos os professos temporâneos no período do Tirocínio, mediação decisiva é aquela da *comunidade educativo-pastoral* que neste período assume o papel de *comunidade formativa*. Esta deverá ser capaz de influir positivamente sobre o amadurecimento do tirocinante, através de um testemunho, coerente e dinâmico, da nossa vida consagrada e apostólica¹⁴¹.

- O *responsável pela formação* será normalmente o superior local (cf. R 201)¹⁴². Em casos particulares, o Superior competente designará como responsável um coirmão da comunidade. O encarregado, confrontando-se periodicamente com o formador da etapa precedente, ajudará o tirocinante a alimentar o seu desenvolvimento religioso, a superar os possíveis momentos de dificuldades e o acompanhará no criar unidade entre fé e vida¹⁴³.
- O *padre espiritual* contribuirá para a realização de um mais sereno e objetivo discernimento da vontade de Deus na prática da vida cotidiana. É escolhido pelo tirocinante, de acordo com o responsável pela formação.

Crítérios de Admissão

262. Para as *admissões à renovação da profissão temporânea e para conferir os ministérios instituídos*, o professo deve ter:

- adquirido *maturidade proporcionada* à importância de tal escolha;
- alcançado suficientemente os *objetivos formativos*.

Para a *admissão à profissão perpétua*, além dos *crítérios acima expostos*, se exige do coirmão que possua os *requisitos previstos pelas nossas normas* (cf. C 658,1; R 192.223) e ter:

- completado *ao menos 21 anos de idade* (c 658,1);
- emitido a *profissão temporânea*, pelo período indicado pelo número 192 do nosso *Regulamento*;

¹³⁹ O direito comum e aquele do Instituto reconhecem aos professos a *liberdade de dirigirem-se a outros sacerdotes, conhecidos e aprovados por quem dirige o seminário* (R 212; cf. c 239,2).

¹⁴⁰ *Salva a disciplina do Seminário, os alunos tenham sempre ampla possibilidade de dirigirem-se a qualquer confessor quer dentro ou fora do seminário* (c 240,1).

¹⁴¹ No respeito da idade e das capacidades do tirocinante, a comunidade educativo-pastoral proporá um trabalho proporcionado, sem ceder à tentação de finalizar a experiência do tirocinante só em benefício das atividades da Casa.

¹⁴² *A ele compete reuni-los [= os tirocinantes a ele confiados] periodicamente para o encontro formativo e ter um contato pessoal e freqüente. Nesta tarefa pode pedir ajuda para um coirmão particularmente preparado* (R 201).

¹⁴³ No final do Tirocínio, ouvido o parecer do Conselho de Casa, se elaborará um *relatório sobre a experiência desenvolvida pelo formando*; a enviará ao Superior Provincial e, para conhecimento, ao responsável da etapa formativa sucessiva.

- amadurecido uma *plena liberdade* e uma *renovada consciência* em querer professar em perpétuo segundo a nossa Regra.

Pedidos e admissões

263. Para a *renovação da profissão temporânea*, o formando, obtido o parecer favorável da equipe formativa, livremente apresentará pedido (redigido de próprio punho) ao Superior competente. O encarregado pela formação, ouvido o parecer da própria equipe (cf. R 198), redigirá um relatório sobre o percurso vocacional realizado pelo candidato.

264. Para a *admissão aos ministérios do Leitorado e do Acolitato*, o candidato deverá redigir – livremente e de próprio punho – o pedido e dirigi-lo ao Superior competente (cf. R 215)¹⁴⁴. Tal pedido será acompanhado pelo parecer escrito do formador, após ter consultado os seus colaboradores.

265. Para a *admissão à profissão perpétua*, os candidatos farão, *com espontânea liberdade, pedido escrito ao Superior provincial, dentro do tempo estabelecido pelo Conselho provincial* (R 222). O responsável pela formação, depois de ter ouvido a sua equipe e aos formadores precedentes, redigirá um relatório detalhado sobre o percurso vocacional de cada um e o enviará ao Conselho Provincial. *A admissão é feita pelo Conselho Provincial com voto colegial* (R 224), que obterá a autorização do Superior Geral com o consentimento do seu Conselho (R 290,17)¹⁴⁵.

Ações litúrgicas

266. A *renovação da profissão temporânea* e a *administração dos ministérios* serão recebidos mediante públicas, apropriadas e simples celebrações litúrgicas.

267. A *profissão perpétua* será emitida publicamente com toda a solenidade prevista pela Liturgia (cf. R 224), após um adequado tempo de Retiro espiritual e com as adaptações rituais previstas pelo Instituto¹⁴⁶.

Conseqüências jurídicas da profissão perpétua

268. A profissão perpétua, *-ato com o qual, mediante o ministério da Igreja, nos oferecemos totalmente a Deus para seu Reino (C 41), sinal da união indissolúvel de Cristo com a Igreja, sua esposa (LG 44), ponto culminante da primeira formação (C 98)- é título de pertença definitiva* ao nosso Instituto (cf. C 41). Com ela o coirmão é definitivamente incorporado ao nosso Instituto com todos os direitos e deveres que daí derivam (cf. c 654, PI 56).

¹⁴⁴ Entre a administração do Leitorado e o Acolitato é preciso respeitar os espaços de tempo estabelecidos pela Santa Sé e pelas Conferências episcopais, para que sejam exercitados por um tempo conveniente (cf. c 1035,1). O Instituto considera tempo conveniente um *período de duração de um ano*.

¹⁴⁵ *A profissão perpétua pode ser antecipada, por justa causa, mas não além de um trimestre (c 657,3) pelo Superior provincial com o consentimento do seu conselho* (R 223).

¹⁴⁶ *A profissão religiosa é celebrada na Missa* para colocar em evidência que o mistério eucarístico deve caracterizar perenemente a história de quem na Igreja assume o ofício carismático de ser sinal do Reino dos céus para os irmãos. Na Eucaristia, além disso, o Senhor concede de levar a termo a oferta de si (cf. C 94).

5.5 PREPARAÇÃO IMEDIATA ÀS ORDENS SAGRADAS

Natureza

269. Para todos os que se orientam para o Presbiterato ou para o Diaconato permanente, o percurso formativo deste o início é direcionado para as Ordens; é porém, intensificado no período dos estudos teológicos (cf. R 203). Existe, depois, uma etapa de *preparação imediata ao ministério ordenado na perspectiva guanelliana*, durante a qual os candidatos são *devidamente instruídos sobre aquilo que se refere à Ordem e as suas obrigações* (c 1028)¹⁴⁷.

Esta etapa, de fato, começa com a preparação aos votos perpétuos.

Lugar e duração

270. O lugar onde ordinariamente os *candidatos ao sacerdócio* cumprem a imediata preparação às Ordens é o *Seminário teológico*. Nesta etapa, entre o Diaconato e o Presbiterato é preciso observar o *intervalo de pelo menos seis meses* (cf. c 1031,1), salvo, porém, o dispositivo do cânon 235, segundo o qual para ser ordenado sacerdote é necessário ter transcorrido *no Seminário teológico pelo menos quatro anos de formação*.

271. O *coirmão orientado ao Diaconato permanente*, na preparação imediata para Ordem, faz referência às nossas *comunidades formadoras* e as instituições diocesanas apropriadas, seguindo as indicações de seu Superior provincial.

O objetivo geral

272. A formação para as Ordens sagradas deseja preparar o religioso guanelliano, chamado a este ministério, a *harmonizar convenientemente [...] as duas dimensões da sua única vocação* (PI 108): aquela de religioso e aquela de ministro ordenado.

Objetivos intermediários

273. O caminho formativo nesta etapa consiste em focalizar sobre o objetivo geral os *objetivos intermediários* relativos à dimensão humana, espiritual e carismática.

274. A formação imediata ao *diaconato guanelliano*, permanente ou transeunte, deve animar o candidato a concretizar o critério de “dar pão e Senhor” (cf. C 70.71; PEG 22.42):

- na *diaconia da Caridade*, como serviço à vida empobrecida, ele oferece o “pão”, no senso da promoção humana integral

- a *diaconia da Palavra e da Liturgia*, el oferece o “Senhor” como a forma mais cheia de serviço para o homem

275. A formação imediata ao *presbiterato guanelliano*:

- ajuda o candidato a tomar viva consciência do sentido de ser chamado a agir *in persona Christi*;
- orienta a fazer viver com crescente intensidade a *caridade pastoral* (PdV 70) de Cristo bom Pastor e misericordioso Samaritano, sobre as pegadas do Fundador;
- revigora a experiência de *comunhão eclesial* com o Papa e com os bispos, na docilidade ao Magistério (cf. C 14);
- encaminha ao *tríplice ministério do ensino, da santificação e do governo*, para que todos alcancem a plenitude da vida.

Conteúdos formativos

276. A preparação aos ministérios ordenados prevê *específicos conteúdos formativos*, de natureza prevalentemente pastoral.

¹⁴⁷ Em particular, os *religiosos candidatos ao ministério presbiteral se conformarão às normas da Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis e os candidatos ao diaconato permanente às disposições previstas* (PI 103; cf. c 659,3.1024-1039).

- Em preparação ao *Diaconato*, o coirmão é acompanhado, através de uma catequese sistemática e orgânica (cf. PdV 39), a penetrar o sentido teológico, espiritual e pastoral do sacramento da Ordem do Diaconato e dos relativos deveres. Além disso, se terá o cuidado de que ele se exercite em experiências apostólicas qualificadas.
- Em preparação ao *Presbiterato* o coirmão é encorajado a consolidar os seus conhecimentos acerca da figura do presbítero e a interiorizar a beleza, a dignidade e os deveres desta vocação, porque o sacerdote representa sacramentalmente *Jesus Cristo Cabeça e Pastor, proclama com autoridade a sua palavra, repete os seus gestos de perdão e de oferta da salvação, sobretudo com o Batismo, a Penitência e a Eucaristia, exerce a sua amorosa solicitude, até ao dom total de si pelo rebanho* (PdV 15).

277. Além do aspecto teológico e espiritual, a proposta de conteúdos leva em conta:

- o *ministério da Palavra* (homilia, pregação, catequese) voltado sobretudo aos pobres, para os quais, de preferência, a nossa família religiosa dirige os seus cuidados;
- a *celebração da Eucaristia*, como fonte e ápice das Ações litúrgicas;
- o *sacramento da Reconciliação* de modo que o coirmão seja introduzido gradualmente na arte da confissão e da direção de almas;
- a *Liturgia das horas* no seu significado e nos seus valores;
- *os traços específicos da espiritualidade sacerdotal guanelliana*: espiritualidade eucarística, do dom de si, do amor misericordioso...
- *os aspectos jurídicos do ministério presbiteral*, que as normas da Igreja exigem a respeito dos sacramentos em geral e da Eucaristia em particular;
- eventuais *estudos* – ao término dos cursos teológicos – *para obter competências profissionais* a serem colocadas a serviço da missão¹⁴⁸.
-

Meios formativos

278. Os meios desta fase formativa são aqueles apresentados nas etapas precedentes, com duas *acentuações específicas*: a *marca pastoral* e a *carismática*. Particular relevo se dará:

- à *oração pessoal* e à celebração da *Liturgia das Horas*, segundo as disposições do direito (cf. 663)¹⁴⁹;
- à *direção espiritual* também em vista do ministério de guia e serviço pastoral que em breve os candidatos deverão exercitar;
- ao *estudo*, mediante o qual eles são chamados a viver e proclamar a Palavra de Deus, a dar impulso à vida espiritual e a exercer o ministério pastoral da misericórdia (cf. PdV 51);
- às *atividades apostólicas*, como contato mais imediato e experiencial com o povo de Deus e os pobres, também em vista das futuras responsabilidades pastorais.

Dinâmica formativa

279. A dinâmica formativa desta etapa, retomando o *método mistagógico* que caracterizou os anos da profissão temporânea, circulará ao redor do *dom* vocacional do sacramento da Ordem e dos *deveres* que dele surgem. A metodologia pedagógica será aquela do *Laboratório de caridade pastoral* (PdV 72)¹⁵⁰.

¹⁴⁸ No exercício do ministério, não basta o bom senso e o amor. Certamente é preciso ter Deus no coração; mas para dar consistência à boa vontade é preciso adquirir habilidade e competência. Antes de ir servir é preciso que se aprenda a fazê-lo.

¹⁴⁹ Para os diáconos aspirantes ao presbiterato permanece a obrigação de recitar cada dia a Liturgia das Horas (cf. c 276).

¹⁵⁰ O candidato *prosseguirá* fazendo experiências daquele dom do qual em breve se tornará participante. Isto significa que a caridade misericordiosa deverá estimulá-lo a conhecer melhor a condição real dos homens aos quais será enviado, a discernir os apelos do Espírito e a procurar os métodos mais aptos para exercitar no futuro o seu ministério (cf. PdV 72).

Mediações pedagógicas

280. Entre as mediações pedagógicas expostas no *Quadro de referências* do nosso projeto formativo, algumas são de particular relevância nesta etapa:

- O *coirmão candidato às ordens sagradas*, chamado a completar a sua preparação e tomar mais viva consciência dos compromissos sagrados que está para assumir, é o primeiro responsável (cf. PdV 69). Ele deve reforçar os valores fundamentais que o motivam e oferecer-se com confiança ao discernimento da Igreja, do formador e do diretor espiritual¹⁵¹.
- O *formador com a sua equipe* leva a cumprimento o discernimento da vocação, da maturidade do candidato e, ao mesmo tempo, acompanha o seu exercício pastoral.
- Ao *diretor espiritual* cabe a mediação importante de intensificar nele o dom de si mesmo a Cristo e ao Povo de Deus, e de avaliar em consciência a sua idoneidade às Ordens¹⁵².

Conclusão da etapa

281. Completados os estudos teológicos básicos (terceiro ano de teologia) e emitida a profissão perpétua, o coirmão pode ser admitido ao Diaconato. Para ter acesso à ordenação presbiteral é preciso que o candidato tenha concluído o quarto ano de teologia. Fecha-se assim, a etapa da preparação imediata às Ordens.

Crítérios de admissão

282. Os critérios de admissão, em respeito da norma eclesial (cf. c 1010-1054)¹⁵³, são análogos aos exigidos para a profissão perpétua. É necessário, além disso, observar *todas as condições exigidas para os ordenandos, levando em conta a natureza e as obrigações próprias do estado religioso* (PI 107). Em particular:

- esteja empenhado na progressiva *conformação a Cristo sacerdote*;
- tenha uma sólida *formação humana, teológica e moral*;
- possua um profundo *senso eclesial* e de docilidade ao magistério;
- tenha alcançado uma *maturidade espiritual* proporcionada às exigências do trabalho apostólico;
- seja capaz de manter vivo o *sentido da identidade guanelliana e de pertença à nossa família religiosa*.

Pedido e aceitação

283. O pedido e a relativa admissão às Ordens acontecem segundo os critérios e as normas estabelecidas pela Igreja (cf. cc 1024-1054) e pelo nosso Regulamento (cf. R 213). O coirmão apresenta ao Superior maior o *pedido de admissão ao Diaconato* ou ao *Presbiterato*, que será acompanhado pelo relatório do formador (cf. c 1051). Tendo presente o parecer daqueles a quem é confiada a responsabilidade da formação, o Superior competente deve chegar a um juízo moralmente certo sobre as suas qualidades (cf. c 1052,3). Depois de ter avaliado a sua idoneidade com o voto colegial do seu Conselho (R 329), ele dirige o pedido de *nihil obstat* ao Superior Geral para que o candidato seja admitido às Ordens.

¹⁵¹ Por exemplo, *seria gravemente desonesto que um candidato escondesse a própria homossexualidade para ter acesso, não obstante tudo, à ordenação. Uma atitude tão inautêntica não corresponde ao espírito de verdade, de lealdade e de disponibilidade que deve caracterizar a personalidade daquele que se considera chamado a servir Cristo e à sua Igreja no ministério sacerdotal* (ICD 3).

¹⁵² O Padre espiritual deve lembrar as exigências da Igreja a respeito da maturidade afetiva do sacerdote e ajudá-lo a discernir as qualidades necessárias. Tem a obrigação de assegurar-se que candidato não apresente distúrbios sexuais incompatíveis com o sacerdócio, porque em tal caso tem o dever de dissuadi-lo em continuar rumo à ordenação.

¹⁵³ Para o Diaconato permanente o candidato deve ter completado pelo menos 25 anos de idade; para o Diaconato prévio ao sacerdócio, pelo menos 23 anos de idade; para o presbiterato, pelo menos 25 anos de idade (cf. 1031).

Ordenações

284. A *Ordenação diaconal* é precedida por um período de retiro espiritual e pelo cumprimento de exigências dos sagrados cânones: a *profissão de fé* e o *juramento de fidelidade*. A Ordenação, por válidos motivos pastorais, pode ser realizada na casa de formação ou em outro lugar.

A *Ordenação presbiteral*, precedida por um período de retiro espiritual, pela *profissão de fé* e pelo *juramento de fidelidade*, é celebrada com solenidade e de preferência na paróquia do candidato.

5.6 FORMAÇÃO PERMANENTE

Natureza

285. Se a vida consagrada é *progressiva assimilação dos sentimentos de Cristo, é evidente que tal caminho deverá durar por toda a existência, para envolver toda a pessoa, coração, mente e forças, e torná-la semelhante ao Filho que se doa ao Pai para a humanidade. Assim concebida, a formação não é apenas um tempo pedagógico de preparação aos votos, mas representa um modo teológico de pensar a própria vida consagrada, que em si é formação que nunca termina* (RdC 15): *participação à ação do Pai que, mediante o Espírito, plasma no coração [...] os sentimentos do Filho* (VC 66).

A formação inicial deve, portanto, solidificar-se com aquela permanente, criando no sujeito a disponibilidade em deixar-se formar a cada dia (VC 69).

A cada ciclo vital correspondem deveres diferentes a serem realizados, modos específicos de ser, de servir e de amar (cf. VC 70).

A formação permanente é um *contínuo compromisso* para viver projetos de conversão pessoal e do Instituto¹⁵⁴, e para agir de modo assiduamente atualizado e competente¹⁵⁵ também diante dos desafios de um mundo que muda com uma velocidade acelerada (cf. PI 67).

Nas diversas etapas da existência

286. Exatamente porque permanente, a formação deve acompanhar os membros do Instituto sempre, *em cada período e condição da sua vida, como também em cada nível de responsabilidade eclesial: evidentemente com aquelas possibilidades e características que se entrelaçam com o mudar da idade, da condição de vida e das tarefas confiadas* (PdV 76).

As Exortações apostólicas *Vita consecrata* e *Pastores dabó vobis* percorrem brevemente as etapas da existência dando, a cada uma, uma tarefa a ser levada adiante, mesmo no meio de inevitáveis crises.

- Os *primeiros anos* da plena inserção apostólica são o tempo da juventude do amor e do entusiasmo por Cristo, mas também os anos de um novo modo de gerir a própria vida no Espírito (cf. PdV 76; VC 70).
- A fase sucessiva, *fase adulta e ainda juvenil*, é a estação da busca do essencial, mas também das desilusões¹⁵⁶. É, pois, necessário vivê-la na *contínua e equilibrada revisão de si e do próprio agir* (PdV 77), e na *busca constante de motivações e de instrumentos para a própria missão* (PdV 77).
- A *idade madura* marca de certa forma a realização da paternidade do consagrado e do vigor apostólico (cf. VC 70). Não faltam, porém, momentos de crise que podem chegar sob o impulso de fatores externos (mudanças de atividades, insucessos, incompreensões, sentimentos de marginalização...) ou pessoais (doença física ou psíquica, aridez espiritual, individualismo, crises de fé, crises afetivas...).
- A *idade avançada* é o momento da sabedoria e das entregas aos coirmãos mais jovens, como também do gradual afastamento da ação, e em alguns casos é hora da doença, da forçada inatividade, na espera de voltar ao Pai (cf. VC 70)¹⁵⁷. Pode constituir uma fase

¹⁵⁴ É somente no decorrer dos anos e no passar das etapas evolutivas que *o indivíduo*, na concretização e na unicidade da própria vida consagrada, pode levar a termo o ideal abraçado. O *Instituto*, enquanto assegura para todo coirmão as condições para uma formação contínua, estende à toda a Congregação o necessário processo global de renovação (cf. PI 68).

¹⁵⁵ A formação permanente é um *dato sociológico* que, nos nossos dias, se refere a todos os ramos da atividade profissional (PI 67).

¹⁵⁶ Podem facilmente surgir desilusões pela pobreza dos resultados, a rotina, o cansaço interior, as presunções e auto-suficiências desaprovadas...

¹⁵⁷ O guanelliano espera a morte com serenidade e se prepara para vivê-la como ato supremo de amor e de entrega de si. Com os mesmos sentimentos do Filho, está pronto a cumprir a sua páscoa pessoal, *dizendo com a Igreja: Amém! Vem, Senhor Jesus!* (C 37).

altamente formativa para o coirmão e para a comunidade, se for vivida como experiência pascal.

Fases

287. Considerando que todo o processo formativo se coloca no horizonte da formação contínua, consideramos como *etapa de formação permanente*, o período sucessivo à profissão perpétua e ao recebimento das Ordens.

Para melhor adaptar-lhe o acompanhamento, dividimos esta etapa em *duas fases*: o *Tutorado* e a *formação permanente propriamente dita*.

A. Tutorado

288. O *Tutorado* marca a passagem da formação inicial para a mais plena e mais autônoma inserção na vida apostólica. Representa *uma fase crítica por si mesma, marcada pela passagem de uma vida conduzida para uma situação de plena responsabilidade operativa* (VC 70)¹⁵⁸.

Por esta razão, através dos anos do Tutorado, o Instituto oferece a oportunidade para que um coirmão experimentado ajude os coirmãos nos primeiros anos da atividade apostólica a consumir-se com entusiasmo e equilíbrio no *seguimento de Cristo*, no serviço à Igreja e à Congregação.

B. Formação permanente

289. A formação permanente propriamente dita começa depois do Tutorado e se prolonga até ao encontro definitivo com Deus Pai. Faz com que nós, inseridos plenamente na vida e no trabalho apostólico da Congregação, continue o compromisso formativo para perseverar na fé, permanecer bem enraizados nos valores da vocação (cf. C 99) e *aperfeiçoar diligentemente a cultura espiritual, doutrinal e técnica* (PC 18).

Objetivo geral

290. O objetivo geral da formação permanente é o de acompanhar, coirmãos e comunidades, a progredir na santidade, *até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, na medida que convém à plena maturidade de Cristo* (Ef. 4,13). É preciso, porém, reavivar o dom divino que está em nós, vivendo-o na sua beleza originária (cf. 2Tm 1,6), *segundo os conselhos evangélicos e com a força da caridade vivida quotidianamente na comunhão fraterna e numa generosa espiritualidade apostólica* (RdC 4).

Objetivos intermédios

291. Os objetivos intermédios a serem alcançados na dimensão humana, espiritual e carismática, são assim indicados pelo nosso Regulamento: *a renovação de cada coirmão; o aprofundamento da identidade guaneliana; a avaliação periódica da vida religiosa apostólica, para que sempre corresponda às exigências da Igreja e do mundo; a renovação da vida de comunidade na sua capacidade de anúncio e de testemunho e na sua inserção na pastoral de conjunto* (F 226). Por isso:

- na *dimensão humana* o religioso será ajudado *a colocar-se sempre a caminho, [...] a olhar para frente, afrontar o novo, encontrar novas energias, novas finalidades* (PI 67), a aceitar serenamente as crises, as mudanças de cargo, a doença, o envelhecimento...;
- na *dimensão espiritual* cultivará uma relação sempre mais pessoal e profunda com Deus. O coirmão valorizará os meios da espiritualidade cristã, tirará proveito das atividades ordinárias e das experiências da vida, e aperfeiçoará a formação teológica, cultural e pastoral, para poder sustentar o diálogo com os homens do próprio tempo (cf. GS 43);

¹⁵⁸ Na fase do Tutorado, enquanto se prolongam a seriedade e a solidez da formação recebida no Seminário (PdV 76), os coirmãos se introduzem progressivamente [...] a compreender e a viver a singular riqueza do 'dom' de Deus [...] e a exprimir as suas potencialidades e atitudes ministeriais, também mediante uma inserção sempre mais convicta e responsável (PdV 76) na vida e no apostolado das nossas comunidades.

- na *dimensão carismática* se manterá em contato com as fontes do carisma e da própria vocação, para reforçar a identidade guaneliana e o sentido de pertença na fidelidade criativa, e para daí tirar um renovado vigor apostólico.

Conteúdos formativos

292. Os conteúdos formativos desta etapa prevêm ajudas específicas para a fase do Tutorado e para aquela da formação permanente propriamente dita.

- No *Tutorado* os conteúdos consolidarão a formação recebida no Seminário, para inserir-se validamente nas atividades da missão e para melhor exprimir as potencialidades pessoais e as atitudes apostólicas (cf. PdV 76; VC 70)¹⁵⁹. Oferecemos, em particular, adequadas propostas para valorizar o projeto de vida pessoal, comunitário e Congregacional.
- Na fase da *formação permanente propriamente dita* os conteúdos levarão a uma mais profunda redescoberta do sentido e da qualidade da consagração e do apostolado.
- A atualização teológico-pastoral-profissional ajudará os coirmãos a enraizar-se sempre mais na fidelidade aos compromissos assumidos, a solidificar a espiritualidade de comunhão, a eficácia apostólica, o apego ao Instituto e à Igreja, e a saber afrontar com ânimo sereno o avançar da idade e os desafios do tempo presente.

Os *núcleos temáticos* serão aqueles propostos precedentemente, interpretados, porém, na perspectiva da gradualidade e da periodicidade¹⁶⁰.

Os meios formativos

293. Os meios pedagógicos, que tem por finalidade *manter constante a originalidade e autenticidade dos inícios e, ao mesmo tempo, infundir a coragem da audácia e da criatividade para responder aos sinais dos tempos* (RdC 20), são aqueles elencados precedentemente. Nesta etapa, fazem com que cada coirmão possa relançar a própria vida consagrada para que seja sempre “mais vida”, sempre “mais consagrada” e “mais apostólica”.

294. A *Palavra de Deus* será o alimento para a vida, para a oração e para o caminho cotidiano, o princípio de unificação da comunidade na unidade de pensamento, a inspiração para a constante renovação e para a criatividade apostólica (RdC 24).

295. As *Ações litúrgicas* nos tornarão participantes do dinamismo salvífico do mistério pascal e farão da comunidade *uma casa e uma escola de comunhão* (NMI 43; cf. c 663-664). Em particular, a *Eucaristia* ajudará a *compreender até que ponto somos verdadeiramente filhos amados e salvos* (C 11)¹⁶¹; a *Penitência* curará e purificará (cf. C 44), fazendo-nos sentir ao mesmo tempo “pecadores amados” e “curadores feridos”.

296. A *oração* induz a manter o olhar, *mais do que nunca, fixo no rosto do Senhor* (NMI 16) e, na fidelidade ao que ensina a Liturgia das Horas, realizará aquela constante união com Deus e com o seu povo.

¹⁵⁹ A proposta de conteúdos não é *uma repetição daquela adquirida no seminário, simplesmente recebida ou ampliada com novas sugestões aplicativas. Ela se desenvolve com conteúdos e, sobretudo através de métodos relativamente novos, como um fato vital unitário que, no seu progresso – enfrentando as raízes na formação seminarística – exige adaptações, atualizações e modificações, sem porém sofrer rupturas ou soluções de continuidade* (PdV 71).

¹⁶⁰ Um conjunto de *temas* poderia ser o seguinte: a antropologia cristã e carismática, a primazia de Deus, a Igreja e a sua missão, a Virgem Maria, a renovação da vida religiosa, o espírito e o carisma da Congregação, a Regra, os conselhos evangélicos, a vida fraterna em comunidade, a espiritualidade de comunhão, a pedagogia da santidade, a nossa missão apostólica, a inculturação, a preparação pastoral e profissional, o diálogo ecumênico e inter-religioso.

¹⁶¹ *A comunidade coloca como fonte e ápice da sua vida o sacrifício eucarístico: celebra-o cada dia; à oblação de Cristo, nossa Páscoa, une todo o próprio ‘rezar e sofrer’; da comunhão ao Corpo do Senhor toma vigor para alimentar a unidade e a caridade e tornar-se pão partido para a vida do mundo* (C 32).

297. A *direção espiritual* favorecerá a fidelidade ao projeto vocacional e reforçará as disposições à oração pessoal, à meditação, à comunhão fraterna, à atualização e ao serviço.

298. Os *colóquios* com os Superiores e com os coirmãos promoverão a confissão da comunhão trinitária, o sinal da fraternidade evangélica e o serviço da caridade. Disporão, além disso, a um maior conhecimento de si mesmos, à revisão de vida e ao perdão. Em momentos de dificuldade pessoal e/ou comunitária, podem ser úteis as *consultas psicológicas de diagnósticos e terapias apropriadas* (cf. VfC 38).

299. Os *conselhos evangélicos* levarão a ser *memória viva do modo de existir e de agir de Jesus como Verbo encarnado diante do Pai e diante dos irmãos* (VC 22). Promoverão, além disso, a *cultura dos conselhos evangélicos, que é a cultura das Bem-aventuranças*¹⁶², como sustentação da vida e do testemunho do povo cristão (cf. PC 12).

- Diante do avanço do hedonismo, a *castidade* será expressão de um coração que conhece a beleza e o preço do amor de Deus, a manter inviolável a pertença a Cristo (cf. C 43), e a amar como ele amou.
- Diante da sede de dinheiro, a *pobreza* ajudará a ser livres da escravidão das coisas materiais e das necessidades artificiais para as quais impele a sociedade de consumo, e fará redescobrir Cristo como o único tesouro para o qual vale a pena viver (cf. RdC 22). Uma vida sóbria e pronta para o serviço dos mais necessitados lembra que Deus é a riqueza verdadeira que não perece.
- Diante do individualismo e do relativismo, para os quais as pessoas são a única norma a si mesmas, a *obediência* induzirá a entregar a própria vida nas mãos de Cristo, para que *a realize segundo o desígnio de Deus e faça dela uma obra prima* (RdC 22). Com a oferta do que temos de mais nosso, isto é, a vontade e a liberdade, revivemos na Igreja a obediência de Cristo, *mesmo quando se demonstra obscura e difícil* (C 57), para assumir com amor os deveres que a Providência dispõe para nós (cf. C 55).

300. A *vida fraterna* entre aqueles que partilham o mesmo “nome” e o mesmo “dom” será assumida como lugar de comunhão, onde cada um redescubra *o valor divino e humano do estar juntos gratuitamente, como discípulos [...] ao redor de Cristo Mestre, em amizade* (RdC 29). Ao mesmo tempo será lugar de recíproco encorajamento para superar as dificuldades e se tornar laboratório de *inculturação*. Enfim, exortará os coirmãos a se fazerem *núcleo animador da santidade e da missão*¹⁶³, para formar *centros ativos de caridade evangélica* (C 75).

301. A *eclesiologia de comunhão* levará a imprimir nos processos formativos o modelo de “*formação conjunta*” com o Povo de Deus. Tal eclesiologia requer:

- Caminhar em unidade com o papa e os bispos, acolhendo com fé e filial obediência o seu Magistério. É a concreta aplicação do *sentir com a Igreja*, próprio de todos os fiéis (RdC 32; cf. PI 109).
- Caminhar *junto aos leigos* para aprender o que significa ser cristãos, em força do batismo, embora com a especificidade do carisma. Será necessário, portanto, formar-se juntamente com eles, que estão sempre mais presentes e ativos na vida da *Igreja e da Congregação*.

¹⁶² BENTO XVI, *Exortação dirigida aos religiosos, às religiosas, aos membros de Institutos seculares e de Sociedades de vida apostólica da Diocese de Roma*, 10/12/2005.

¹⁶³ *Núcleo animador* refere-se à comunidade religiosa guaneliana e diz que ela é motor, ponto nevrálgico, centro, de onde partem o testemunho, impulsos de iniciativas, propostas de formação, estímulos para a construção de uma comunidade mais ampla, que envolva em clima de família as pessoas confiadas ao nosso cuidado, familiares e operadores, leigos e religiosos, até poder se tornar uma verdadeira experiência de Igreja, sinal daquele grandioso desígnio de Deus que quer fazer dos homens a sua própria família.

302. A *preparação cultural* oferecerá a cada um a possibilidade de atualizar a própria formação intelectual, em sintonia com as orientações eclesiais e os sinais dos tempos, para reavivar o próprio modo de ser e de fazer. Isto poderá acontecer mediante:

- *seminários de atualização* bíblica, espiritual, teológica, pastoral e carismática;
- *encontros de formação integral*, que oferecerão oportunidade de comparar-se periodicamente com as linha mestras da nossa *Ratio Formationis* e as orientações dos Capítulos Gerais;
- *cursos sobre administração dos bens materiais*, que, graças também à colaboração profissional dos leigos, ajudarão a realizar escolhas de gestão e financeiras conforme às exigências do nosso carisma e em sintonia com as orientações jurídicas;
- o *estudo pessoal*, que estimulará cada coirmão a uma constante atualização com a finalidade de potencializar a própria cultura, para favorecer um diálogo construtivo com a modernidade e anunciar-lhe o Evangelho como serviço à verdade (cf. RdC 39).

303. A *preparação profissional* valorizará as capacidades pessoais de cada um e o inserirá em cheio na prática da missão do Instituto. O rápido progresso das ciências humanas no campo da pedagogia e da reabilitação exige atualização e competências nos campos da nossa missão, além da fé e do amor.

304. As *atividades apostólicas* ajudarão a ser o rosto da Igreja nas suas solitudes preferenciais pelos pobres e induzirão a difundir criativamente a cultura da caridade de Cristo, também através de formas novas de serviço. Por sua vez, os pobres evangelizam com a sua vida de paciência, oração e sacrifício.

305. O *trabalho* levará a partilhar a vida dos pobres e comportará o crescimento da pessoa no dom de si, e no sustento material e moral da comunidade. O “*oremus et laboremus*” do Fundador torna-se por isso motivo de alegria e de serviço operoso.

306. *Tempos de descanso pessoal e exercício físico* ajudarão a superar as inevitáveis tensões da vida, a manter o equilíbrio psicofísico necessário para a eficácia apostólica e a manifestar aquela serenidade que contagia e une os ânimos.

307. Os *projetos de vida pessoal, comunitária e de Congregação* farão com que cada um cresça sempre mais na paixão por Cristo e pelo homem. Em consonância com a Constituição, ajudarão a percorrer os caminhos da santidade e a exprimir na Igreja a nossa vitalidade apostólica.

Dinâmica formativa

308. A dinâmica pedagógica exige que a formação permanente seja *integral e progressiva*, de *comunhão e autoformação* (cf. PEG 18), em vista de um cotidiano *renascer do alto* (cf. Jo 3,3.5-8) e da *unidade de vida na caridade pastoral*. Tudo isto leva a trabalhar juntos para construção do Reino de Deus, a superar os limites, a cultivar relações fraternas apropriadas, a elaborar uma missão partilhada, a coordenar bem as atividades apostólicas, a colaborar adequadamente uns com os outros e com os leigos, a pedir desculpa...

A dinâmica formativa serve-se de vários modos de fazer comunhão, para chegar à concordância e para promover sistemas de comunicação, participação e pertença: um *Laboratório de reciprocidade*, que faz convergir a diversidade na unidade e transforma a comunidade em núcleo animador da missão.

Mediações pedagógicas

309. As mediações pedagógicas são aquelas reportadas no *Quadro de referência*. É bom dar, porém, particular relevo à ação do Espírito e da Congregação nos vários níveis.

310. O *Espírito Santo*, com a sua presença e os seus dons, acompanha a nossa fidelidade vocacional, vivificando a partir de dentro a consagração e a vida do Instituto. Ele é a Alma da vida interior, do nosso estar juntos e da missão.

311. O *Instituto* se encarrega do cuidado de todos e de cada um dos seus membros com amor de pai. E exprime este cuidado na solicitude formativa dos seus *Órgãos de governo*.

312. As *comunidades* são o contexto habitual onde cada um dos coirmãos realiza a própria formação e encontra a ajuda mais imediata nas suas dificuldades. Neste sentido as comunidades são educadoras dos seus membros, necessitadas também elas de consolidar-se na fidelidade. Procurarão qualificar-se como ambiente de fraternidade, de renovação evangélica e de escuta das instâncias provenientes da Igreja e do mundo. Como também se esforçarão para ser comunidades para o Reino, lugares de transcendência e matrizes de identidade vocacional guanelliana. Um dos seus deveres mais delicados será aquele de afrontar os conflitos de modo adequado¹⁶⁴ e integrar sabiamente a vida comunitária e a missão.

313. Os *superiores locais* são chamados a oferecer aos coirmãos os elementos necessários para interiorizar os valores da vida consagrada e as exigências da missão¹⁶⁵. Os animam a valorizar o cotidiano, a se confrontar com os tempos e a caminhar na fidelidade. Em sintonia com os projetos do Instituto, asseguram aos coirmãos tempos convenientes de atualização e iniciativas adequadas ao seu crescimento humano, espiritual e carismático.

314. Os *coirmãos* são os primeiros agentes da própria formação¹⁶⁶. Cada um é *incessantemente convidado a dar uma resposta atenta, nova e responsável* (PI 29). Embora imerso na pastoral, cuidará reservar para si tempos de formação pessoal para garantir a sua específica identidade de Servo da Caridade e para infundir fecundidade ao seu apostolado.

315. Em ambas as fases desta etapa há um responsável pela formação.

- Na fase do *Tutorado* o responsável é designado pelo Superior competente; trata-se de um coirmão que criará *uma adequada estrutura de sustentação, com guias e mestres apropriados, na qual* (aqueles que são acompanhados) *possam encontrar, de modo orgânico e continuativo, as ajudas necessárias para iniciar bem o seu serviço* (PdV 76). Ele, periodicamente, informará o Superior competente sobre o andamento do processo formativo dos coirmãos em tutorado.
- Na *fase da formação permanente* propriamente dita, o Superior competente deverá prover para que *os religiosos, durante toda a sua vida, possam ter a disposição guias e conselheiros espirituais, segundo a pedagogia já usada durante a formação inicial e segundo modalidades adequadas à maturidade adquirida e às circunstâncias que eles atravessam*” (PI 71). Para tal finalidade ele, com base nas indicações eclesiais e congregacionais, deverá programar itinerários particulares de formação permanente (cf. R 230-231), valendo-se também –segundo a ocasião – de uma qualificada equipe, e designará um coordenador da formação permanente (cf. PI 71), do qual definirá tarefas e compromissos.

¹⁶⁴ Não são *os conflitos ou as tensões* que criam problemas, mas o *modo de afrontá-los*. Se a comunidade é “formativa”, faz deles uma importante ocasião de conversão e de crescimento.

¹⁶⁵ Os superiores são autoridades a serviço da caridade se abrem a estrada para Cristo e vivem por primeiro o radicalismo evangélico.

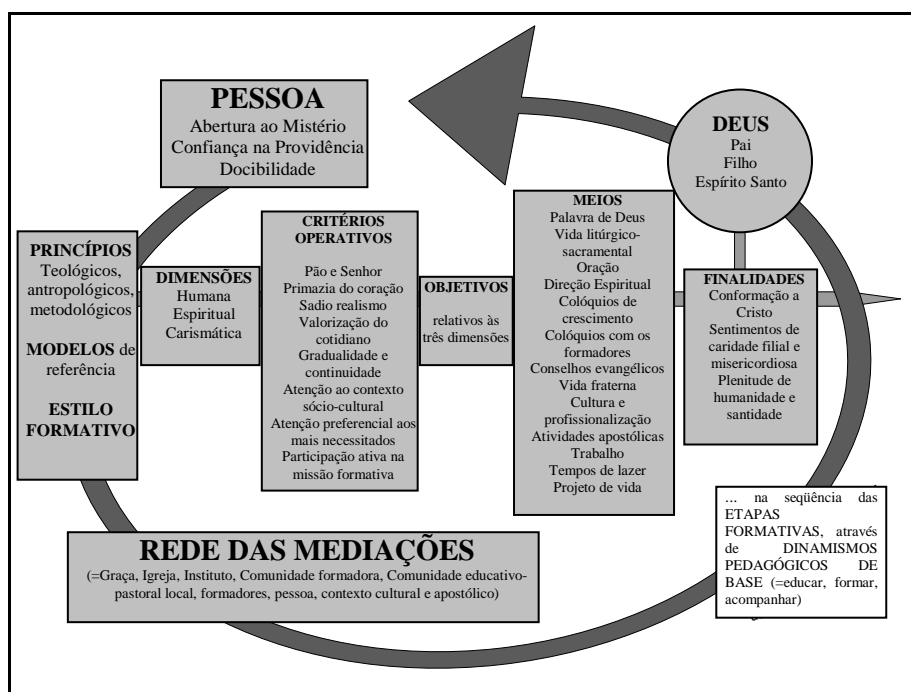
¹⁶⁶ *Estamos convencidos que na formação permanente, como em todo crescimento vital, ninguém poderá subtrair-se da responsabilidade própria de cada pessoa* (C 100).

Louvor perene

316. A nossa existência de consagrados torna-se para cada um, e em qualquer idade, ocasião de anúncio do Evangelho e de serviço à vida. No decorrer dos anos continuamos em meio aos pobres o ministério de Cristo bom Pastor e bom Samaritano (cf. RdC 38).

Alegres pela presença de Cristo e confiantes na Providência¹⁶⁷, nos sentimos acompanhados pela Virgem Maria nossa Mãe, até que, *chegados ao final da vida, queiramos entregar o nosso espírito nas mãos do Pai e realizar a nossa páscoa pessoal* (C 37). Tudo se concluirá com o *louvor perene*, que ressoará eternamente na harmonia celeste!

É esta a perspectiva que nos abre o Fundador, quando escreve: *Os bons Servos da Caridade, que no decorrer de longos anos e por tantas vezes no decorrer do dia socorreram com fé os pobres, estes bons Servos da Caridade, que ainda estando vivos, nunca diziam basta nas obras de caridade e de sacrifício, estes bons Servos subirão com Jesus Cristo ao alto e tomarão posse daquele reino, que o Senhor na sua infinita bondade lhes preparou desde o princípio da criação. Quanto lucro! Quanto triunfo!*¹⁶⁸.



A formação dos Servos da Caridade: modelo teológico-antropológico-pedagógico.

¹⁶⁷ *O Senhor é para nós bom Pai e é impossível que deixe sem as ajudas necessárias os filhos que confiam nele: sobre esta certeza colocamos principalmente a nossa vontade e a esperança de permanecer no seu amor até o fim* (C 102).

¹⁶⁸ L. GUANELLA, *Scritti...*, 1233-1234.

CONCLUSÃO

317. Na complexa e difícil transição cultural em que vivemos, a formação constitui o *ponto chave* da nossa consagração: posta no cruzamento de muitas expectativas e perspectivas, ela é *o nome do presente e do futuro do Instituto*.

O projeto formativo põe a pessoa no centro da sua atenção, com a intenção de fazê-la evoluir para a plenitude da humanidade e da transcendência inscrita nos desígnios divinos. No centro, portanto, estamos *nós com a nossa vocação*, destinados a nos tornar epifania do amor de Deus no mundo; e estão *também as urgências do nosso carisma*: a caridade, as exigências interiores do coração, as necessidades da Igreja no hoje do mundo. Poder-se-ia dizer que no centro está *um coração*: o nosso, aquele das comunidades locais, aquele de toda a Congregação... um coração a ser educado, a ser formado, a ser acompanhado para que possa bater em sintonia com o coração de Cristo.

318. A *Ratio Formationis*, pelos caminhos do coração, nos abre o horizonte da *fidelidade criativa*: para com Deus, antes de tudo. Fidelidade que, pelos caminhos da Providência, torna-se pertença filial ao Instituto, amor misericordioso para com os pobres e comunhão com a igreja. Isto é possível *quando nos mantemos firmes nas pequenas, mas insubstituíveis fidelidades cotidianas: antes de tudo, fidelidade à oração e à escuta da Palavra de Deus; fidelidade ao serviço dos homens e das mulheres do nosso tempo, segundo o próprio carisma; fidelidade ao ensinamento da Igreja, a partir daquele sobre a vida consagrada; fidelidade aos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, que nos sustentam nas situações difíceis da vida, dia após dia*¹⁶⁹.

Não é uma fórmula que nos salvará, mas uma Pessoa e a certeza que ela nos infunde: Eu estou convosco (NMI 28). Esta consciência nos impele a sermos homens dinâmicos, capazes de olhar confiantemente para frente.

319. A formação é necessária também *para o surgir de novas vocações*, porque renovando o Instituto e os seus membros, se coloca a premissa indispensável para o surgir e o perseverar das próprias vocações.

A nossa vida se joga decididamente sobre as fronteiras da autenticidade: terá vigor se formos *homens de Deus e homens de comunhão*, e se soubermos infundir na vida o caráter de *simplicidade evangélica*, pela qual o Senhor exultou dizendo: *Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos* (Mt 11,25).

¹⁶⁹ BENTO XVI, *Exortação dirigida aos religiosos, às religiosas, aos membros de Institutos seculares e de Sociedades de vida apostólica da Diocese de Roma, a 10/12/2005*.

ÍNDICE

Siglas e abreviaturas.....	2
Decreto de promulgação.....	3
Apresentação.....	4
Premissa	7
1. Quadro de referência	9
1.1 Princípios teológicos e antropológicos	10
1.2 Finalidade do processo formativo	12
1.3 Objetivos formativos	12
1.4 Modelos de referência	13
1.5 Princípios metodológicos	14
1.6 Critérios operativos gerais	14
1.7 Estilo formativo	16
1.8 Meios de formação	16
2. Rede de mediações	20
3. Pluralidade convergente de dimensões e níveis	23
3.1 Dimensão humana	23
3.2 Dimensão espiritual	26
3.3 Dimensão carismática	28
4. Os três dinamismos pedagógicos	32
4.1 Educar	32
4.2 Formar	32
4.3 Acompanhar	33
5. Etapas formativas	37
5.1 Atividades vocacionais e discernimento	38
5.2 Postulado	45
5.3 Noviciado	49
5.4 Votos temporâneos em vista profissão perpétua	54
5.5 Preparação imediata às Ordens sagradas	62
5.6 Formação permanente	66
Conclusão	73
Índice	75